FRANCES HODGSON BURNETT

A Princesinha



OFICINA DO LIVRO

Ficha Técnica

Título original: A Little Princess
Autor: Frances Hodgson Burnett
Tradução: Eugénia Antunes
Revisão: Oficina do Livro
Capa: Carlos Miranda / Oficina do Livro,
sobre ilustração de Patrícia Furtado
ISBN: 9789897410833

OFICINA DO LIVRO
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Este livro foi publicado originalmente em 1905.
Desta edição © 2013 Oficina do Livro, Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: info@oficinadolivro.leya.com
www.oficinadolivro.leya.com
www.leya.pt

1

SARA

Num escuro dia de inverno – em que o amarelado e espesso nevoeiro se abatia de tal forma sobre as ruas de Londres, que os candeeiros de rua se encontravam acesos e as montras das lojas iluminadas como se fosse de noite – , uma carruagem avançava muito lentamente pelas espaçosas ruas, transportando uma estranha rapariguinha e o seu pai.

A menina, sentada com os pés por baixo do corpo e encostada ao pai, que levava o braço em redor do seu tronco, contemplava pela portinhola, com os seus grandes olhos e uma invulgar e desusada ponderação, as pessoas que passavam na rua.

Era uma menina tão nova que ninguém esperava ver um olhar assim no seu pequeno rosto. Seria uma expressão de adulto numa criança de doze anos, e Sara Crewe tinha apenas sete. A verdade, porém, era que Sara passava a vida a sonhar e a imaginar coisas fora do comum, e nem tão-pouco se recordava de uma altura em que não pensasse acerca dos adultos e do seu mundo. Era como se já vivesse há muito, muito tempo.

Naquele momento, Sara recordava a viagem de Bombaim para Londres que acabara de fazer com o seu pai, o capitão Crewe. Pensava no gigantesco navio, nos lascarins[1] que passavam silenciosamente de um lado para o outro, nas crianças que brincavam no escaldante convés e em algumas das esposas dos jovens oficiais que metiam conversa com ela e se riam das coisas que ela dizia.

Pensava, sobretudo, em como era estranho que num momento estivesse na Índia, sob o sol abrasador, depois no meio do oceano e, de seguida, num veículo estranho a percorrer ruas desconhecidas onde o dia era tão escuro quanto a noite. Achou isto de tal forma intrigante que se chegou mais ao pai.

– Papá – disse ela, numa voz baixa e misteriosa, quase um sussurro. – Papá.

– O que é, querida? – respondeu o capitão Crewe, estreitando-a contra si e olhando-a nos olhos. – Em que está a minha Sara a pensar?

– É este o lugar? – murmurou ela, enroscando-se ainda mais no pai. – É aqui, papá?

– Sim, querida, é aqui. Chegámos, por fim.

E embora ela apenas tivesse sete anos, apercebeu-se da tristeza na voz do pai.

Parecia-lhe que há já muitos anos que ele começara a prepará-la para «o lugar», como ela sempre lhe chamara. A mãe morrera ao dá-la à luz, por isso nunca a

conhecera ou sentira a falta dela. O seu jovem, elegante, rico e carinhoso pai era, aparentemente, o único familiar que lhe restava no mundo. Sempre tinham brincado juntos e gostavam muito um do outro. Sara só sabia que ele era rico porque algumas pessoas, crendo que ela não as escutava, o tinham dito, acrescentando que, quando ela fosse grande, também seria rica. Não entendia muito bem o que significava ser-se rico. Sempre vivera num bonito bangaló e habituara-se a ver muitos criados que lhe faziam salamaleques, a tratavam por «menina saíbe[2]» e a deixavam fazer todas as suas vontades. Tivera brinquedos e animais de estimação e uma aia que a venerava, e aos poucos aprendera que as pessoas ricas tinham aquelas coisas. Contudo, sobre a riqueza, era tudo o que sabia.

Durante a sua ainda curta vida, apenas uma coisa a perturbara: «o lugar» para onde um dia seria levada. O clima da Índia era pouco propício às crianças, por isso, o mais cedo possível, eram enviadas para longe, em geral para Inglaterra, e para um colégio.

Sara vira outras crianças partir e ouvira os seus pais e mães falarem das cartas que delas recebiam. Sabia que também um dia haveria de partir, e embora as histórias que o pai contava sobre a viagem e o novo país por vezes a tivessem entusiasmado, perturbara-a a ideia de que o pai não ficasse consigo.

– Não pode vir comigo para aquele lugar, papá? Não pode vir para a escola também? Eu ajudo-o com as lições – dissera-lhe ela quando tinha cinco anos.

– Não terás de ficar lá durante muito tempo, querida. Irás para uma casa bonita onde encontrarás muitas meninas com as quais poderás brincar. E eu enviar-te-ei muitos livros e tu crescerás tão depressa que, quando fores crescida e madura o suficiente para regressares e tomares conta do papá, vai parecer que passou apenas um ano.

Era uma ideia que lhe agradava: cuidar da casa do pai, andar a cavalo com ele e sentar-se à cabeceira da sua mesa quando ele desse jantares; conversar com ele e ler os seus livros – era o que mais queria no mundo, e se para isso tinha de se separar do pai e partir para aquele lugar, em Inglaterra, então, teria de se conformar com a partida. Não se interessava muito por outras meninas, mas se tivesse muitos livros, estes seriam o seu consolo. Gostava de livros acima de tudo e a verdade era que estava sempre a inventar histórias acerca de coisas magníficas e a contá-las a si mesma. Por vezes, relatava-as também ao pai, e ele apreciava-as tanto quanto ela.

– Nesse caso, já que aqui estamos, o melhor é resignarmo-nos – concluiu ela, num tom carinhoso.

O capitão Crewe riu do discurso antiquado da filha e beijou-a. Embora se esforçasse por dissimulá-lo, não estava nem um pouco conformado com a separação. A sua pequena e invulgar Sara fora a sua companhia durante todos aqueles anos, e o capitão estava certo de que se sentiria muito só quando, de regresso à Índia, entrasse

no seu bangaló sabendo que aquela pequena figura de vestido branco não correria ao seu encontro para o receber. Por isso, apertou-a mais contra si, ao mesmo tempo que o cabriolé chegava à grande e apagada praça em que se erguia o edifício que constituía o seu destino.

Era uma casa sem qualquer interesse, grande e de tijolos encarnados, igual às restantes que daquele lado da rua tinham sido construídas. A única diferença é que na porta da frente havia uma reluzente placa de cobre com letras pretas gravadas:

MISS MINCHIN
Colégio Para Meninas

– Já chegámos, Sara – anunciou o capitão Crewe, esforçando-se por soar animado. Ajudou-a então a descer do cabriolé, subiram os degraus e tocaram à campainha.

Nos tempos que se seguiriam, ocorreu muitas vezes a Sara que, de alguma forma, a casa era o retrato de Miss Minchin: apesar de respeitável e bem arranjada, tudo nela era feio. Os cadeirões pareciam ter ossos duros sob o estofo. No vestíbulo, tudo tinha um ar severo e polido, até mesmo as faces rosadas da lua cheia que servia de mostrador ao grande relógio de canto. A sala de visitas na qual foram convidados a entrar exibia um tapete com um padrão quadrangular, as cadeiras eram angulosas e um pesado relógio de mármore decorava a pesada cornija da lareira, igualmente em mármore.

Depois de se sentar numa das duras cadeiras de mogno, Sara lançou um dos seus olhares rápidos a tudo o que a cercava.

– Não gosto disto, papá, mas creio que os soldados, mesmo os mais corajosos, também não gostam de ir para a guerra – declarou ela.

O capitão Crewe não pôde deixar de se rir do comentário da filha. Era um homem jovem e alegre e nunca se cansava de ouvir as tiradas invulgares de Sara.

– Oh, minha pequena Sara, que vai ser de mim quando não tiver ninguém para me dizer coisas tão sensatas? Não existe ninguém tão sensato e sério como tu.

– Mas porque é que as coisas sérias o fazem rir? – perguntou Sara.

– Porque as dizes de uma forma muito engraçada – explicou ele, rindo ainda mais.

De repente, lançou os braços em redor dela e beijou-a com muita força, parando de imediato de rir. Os seus olhos pareciam marejados de lágrimas.

Foi nesse momento que Miss Minchin entrou na sala. Sara achou-a um reflexo da casa: pomposa e monótona, respeitável e feia. Os seus olhos eram grandes, frios e inexpressivos; o sorriso largo, frio e impassível. Acentuou-se quando viu Sara e o capitão Crewe. Escutara muitas coisas interessantes acerca do jovem capitão da boca da senhora que lhe recomendara a sua escola. Entre outras coisas, ficara a saber que ele era muito rico e que estava disposto a gastar muito dinheiro com a

filha.

– Será um imenso privilégio assegurar a educação de tão linda e promissora criança, capitão Crewe. Lady Meredith falou-me da sua invulgar inteligência. Uma criança inteligente é um verdadeiro tesouro numa escola como a minha – disse Miss Minchin, pegando na mão de Sara e afagando-lha.

Sara manteve-se imóvel, com os olhos fixos no rosto de Miss Minchin. Como de costume, o seu cérebro era atravessado por uma variedade de pensamentos.

«Porque diz ela que sou uma criança bonita?», perguntava-se Sara. «Não sou nem um pouco bonita. A neta do coronel Grange, Isobel, ela sim, é bonita. Faz covinhas nas bochechas rosadas e tem o cabelo comprido, da cor do ouro. Eu tenho o cabelo curto e preto, e olhos cinza-esverdeados. Para além disso, sou magra e estou longe de ter a pele clara. Sou uma das crianças mais feias que já vi. Quer-me parecer que Miss Minchin está a mentir.»

Enganava-se, contudo, ao pensar que era uma criança feia.

Não se parecia, é certo, com Isobel Grange, que fora a beldade do regimento, mas era possuidora de um encanto muito próprio. Era uma menina esguia, ágil, alta para a sua idade, e tinha um rosto bastante atraente e expressivo. O cabelo, negro e forte, apenas encaracolava nas pontas. Os olhos, de um cinzento esverdeado, eram grandes e espantosos, com longas pestanas negras, e embora a cor dos mesmos pudesse desagradar a Sara, muita gente a apreciava. Não obstante, acreditava firmemente que era uma menina feia e não ficou nem um pouco embevecida com a lisonja de Miss Minchin.

«Eu estaria a mentir se dissesse que ela era bonita», pensou ainda Sara, «e saberia que estava a faltar à verdade. Creio bem que, à minha maneira, sou tão feia quanto ela. Porque foi ela afirmar semelhante coisa?»

Mais tarde, depois de ter ficado a conhecer melhor Miss Minchin, teve a resposta à sua pergunta. Descobriu que ela dizia exatamente a mesma coisa a todos os pais que matriculavam as filhas na sua escola.

Sara deixou-se ficar junto ao pai enquanto ele e Miss Minchin conversavam. Fora trazida para aquele colégio porque as duas filhas de Lady Meredith tinham ali sido educadas, e o capitão Crewe respeitava muito a experiência de Lady Meredith. Sara iria desfrutar de maiores privilégios do que as restantes alunas. Teria um bonito quarto e uma salinha só para si, um pónei e uma carruagem e uma criada para fazer as vezes da aia que fora sua ama na Índia.

– Não estou nem um pouco ansioso em relação à educação dela – garantiu o capitão Crewe, com uma das ruas risadas bem-dispostas e segurando na pequena mão de Sara. – A dificuldade será impedi-la de aprender demais e demasiado depressa. Passa a vida com o nariz enfiado nos livros. E não os lê, Miss Minchin, devora-os, como se fosse um lobacho e não uma menina. Não há livros que lhe

cheguem, é preciso estar sempre a comprar-lhe livros novos, e para adultos, grandes, com muitas páginas, em francês e alemão, mas também em inglês; de História, de poesia, biografias, toda a sorte de géneros. Afaste-a dos livros quando vir que ela está a ler em demasia, mande-a passear de pónei ou sair para comprar uma boneca nova. Ela devia brincar mais com bonecas.

– Mas, papá, se eu estiver sempre a sair para comprar bonecas novas, terei mais do que aquelas a que poderei dedicar a minha atenção – argumentou Sara. – As bonecas devem ser como amigas íntimas. A Emily será a minha amiga mais chegada.

O capitão Crewe e Miss Minchin entreolharam-se.

– Quem é a Emily? – inquiriu ela.

– Conta tu, Sara – incitou o capitão, sorrindo.

Os olhos cinza-esverdeados de Sara tinham uma expressão muito solene e terna quando respondeu.

– É a boneca que ainda não tenho e que o papá me vai comprar. Vamos os dois escolhê-la juntos. Chamei-lhe Emily e vai ser a minha amiga quando o papá for embora. Será com ela que irei falar acerca dele.

O sorriso largo e afetado de Miss Minchin tornou-se de novo muito lisonjeador.

– Que criança tão invulgar! – exclamou ela. – Mas que menina tão encantadora!

– Sim – concordou o capitão Crewe, estreitando Sara. – É uma menina muito querida. Tome bem conta dela por mim, Miss Minchin.

Sara ficou no hotel com o pai durante vários dias, até ele embarcar de regresso à Índia. Visitaram várias lojas juntos e compraram muitas coisas, mais até do que as que Sara necessitava. Todavia, o capitão Crewe era um homem jovem, inocente e impulsivo e queria que a sua menina tivesse tudo o que ela admirasse e também tudo o que lhe agradasse a ele. Assim, entre os dois, adquiriram um guarda-roupa muito mais grandioso do que convinha a uma criança de sete anos. Incluía vestidos de veludo guarnecidos a peles, vestidos de rendas e outros de bordados, chapéus com compridas penas de avestruz, casacos e regalos de arminho e caixas de minúsculas luvas, lenços de assoar e meias, numa tal abundância que as raparigas atrás dos balcões sussurravam umas para as outras que a estranha menina de olhar solene devia ser, no mínimo, uma princesa de um país estrangeiro, quiçá a filha de um rajá indiano.

Por fim, encontraram Emily, não sem antes percorrerem variadas lojas de brinquedos e examinarem uma grande quantidade de bonecas.

– Não quero que se assemelhe a uma boneca. Quero que pareça que me escuta quando falo com ela. Sabe, papá, o problema com as bonecas... – e inclinou a cabeça para um lado com um ar pensativo – ... é que dá ideia de que nunca nos *escutam*.

Assim, viram bonecas grandes e bonecas pequenas, bonecas com olhos pretos e

bonecas com olhos azuis, com caracóis castanhos e tranças louras, bonecas vestidas e bonecas sem roupa.

– Se, quando a encontrar, ela não tiver roupa, podemos levá-la a uma modista e mandar fazer-lhe vestidos à medida, que ficam sempre melhor – comentou Sara.

Depois de uma série de desapontamentos, decidiram seguir a pé para verem melhor as montras, deixando a carruagem segui-los. Tinham passado por dois ou três estabelecimentos, sem entrar, quando, ao se aproximarem de uma loja pequena, Sara se sobressaltou de repente e agarrou o braço do pai.

– Oh, papá! Ali está a Emily! – exclamou.

As suas faces ruborizaram-se e a expressão que lhe aflorou aos olhos cinza-esverdeados foi a de quem acabara de reconhecer alguém próximo e muito estimado.

– Está à nossa espera, papá! Vamos ter com ela.

– Oh, meu Deus, talvez devêssemos ter alguém que nos apresentasse – disse o capitão Crewe.

– O papá apresenta-me a mim e eu apresento-o a si – decidiu Sara. – Reconheci-a assim que a avistei, por isso, talvez ela me tenha reconhecido a mim também.

Talvez a tivesse reconhecido, de facto. Tinha certamente um olhar muito inteligente quando Sara lhe pegou. Era uma boneca grande, mas não a ponto de ser difícil de transportar. O seu cabelo, castanho-dourado, encaracolava quase de forma natural, pendendo como um manto em redor dos ombros, e os olhos, de um cintilante e límpido azul-acinzentado, exibiam espessas pestanas verdadeiras, não as habituais linhas pintadas.

– Não há dúvida de que é a Emily, papá – garantiu Sara, segurando a boneca ao colo e contemplando-lhe o rosto.

Emily foi então comprada e levada a uma loja de roupa para crianças, onde lhe foram tiradas as medidas para um guarda-roupa tão sumptuoso quanto o de Sara. Teria também vestidos de renda, de veludo e musselina, chapéus, casacos e roupa interior rendada, luvas, lenços e peles.

– Quero que ela pareça uma criança que tem uma mãe extremosa. A mãe dela serei eu, e ela será a minha companhia – explicou Sara.

O capitão Crewe ter-se-ia divertido muito com as compras, não fosse o triste pensamento que não parava de lhe causar apertos no coração. Tudo aquilo significava que iria separar-se da sua querida e singular companheira.

Nessa noite, levantou-se da cama e pôs-se a contemplar Sara, que dormia com Emily nos braços. O seu cabelo preto espalhava-se pela almofada, misturando-se com as madeixas castanho-douradas de Emily. Ambas tinham camisas de noite com folhos de renda e compridas pestanas que repousavam sobre as suas bochechas. Emily parecia-se de tal forma com uma criança, que o capitão Crewe se alegrou com a sua presença. Suspirou profundamente e cofiou o bigode com uma expressão

juvenil.

«Que tristeza, minha pequena Sara!», disse para si mesmo. «Nem imaginas como o papá vai sentir a tua falta.»

No dia seguinte, levou-a para casa de Miss Minchin e aí a deixou. Embarcaria no dia seguinte. Explicou a Miss Minchin que os seus advogados, Barrow & Skipworth, encarregados dos seus negócios em Inglaterra, lhe prestariam qualquer conselho de que ela precisasse e pagariam todas as despesas de Sara. Escreveria duas vezes por semana à filha, a quem todas as vontades deveriam ser feitas.

– É uma criança muito sensata e nunca pede nada que não seja prudente dar-lhe – explicou ele.

Juntou-se então à filha na sua pequena sala de estar e despediram-se. Sentada ao colo dele, Sara agarrou o pai pelas lapelas do casaco e olhou-o intensamente.

– Estás a decorar o meu rosto, querida Sara? – perguntou ele, afagando-lhe os cabelos.

– Não, já o conheço de cor. O papá está dentro do meu coração.

Abraçaram-se e beijaram-se então como se não conseguissem separar-se.

Quando a carruagem se afastou, Sara estava sentada no chão da sua saleta com as mãos a segurar o queixo, seguindo o cabriolé com os olhos até este ter dobrado a esquina da praça. Emily estava sentada a seu lado, também de olhos cravados na carruagem. Quando Miss Minchin mandou a sua irmã, Miss Amelia, ver o que a criança estava a fazer, esta descobriu que não conseguia abrir a porta.

– Tranquei-a – declarou do interior da sala uma vozinha muito educada e séria. – Quero estar sozinha, se faz favor.

Miss Amelia era atarracada e gorducha e sentia um imenso respeito pela sua irmã. Na verdade, era das duas a mais bem-disposta e simpática, mas nunca se atreveria a desobedecer a Miss Minchin. Desceu com um ar quase alarmado para ir informar a irmã.

– Nunca vi uma criança tão peculiar, mana. Veja lá que se trancou nos aposentos, mas não faz o mais pequeno ruído.

– Sempre é melhor do que se esperneasse e gritasse, como algumas fazem – respondeu Miss Minchin. – Mimada como ela é, estava à espera de que pusesse a casa toda em alvoroço, pois se há criança a quem todas as vontades tenham sido feitas, é esta.

– Estive a desfazer-lhe as malas e a arrumar a roupa dela – disse Miss Amelia. – Nunca vi coisa assim! Casacos de arminho e zibelina, roupa interior com verdadeira renda de Valenciennes. A mana já viu algumas das roupas dela. Que lhe pareceram?

– Pareceram-me perfeitamente ridículas – replicou Miss Minchin, num tom ríspido –, mas farão grande vista quando levarmos as crianças à missa no domingo. Pode dizer-se que o pai lhe proveu às necessidades como se ela fosse uma princesinha.

No piso de cima, trancadas no quarto, Sara e Emily não despegavam os olhos da esquina em torno da qual a carruagem desaparecera. O capitão, virado para trás, acenava e lançava beijos como se não fosse capaz de parar.

1 Antigo soldado e marinheiro da Índia (*N. da T.*)

2 « Saíbe» : título respeitoso usado na Índia. (*N. da T.*)

2

UMA LIÇÃO DE FRANCÊS

Quando, na manhã seguinte, Sara entrou na sala de aulas, muitos olhares curiosos se fixaram nela. Por aquela altura, já todos as alunas – desde Lavinia Herbert, que tinha quase treze anos e já se achava muito crescida, a Lottie Legh, de apenas quatro anos e a mais nova de todas – tinham ouvido falar da nova pupila. Sabiam que era a aluna-modelo de Miss Minchin, que a encarava como um motivo de orgulho para a escola. Uma ou duas das raparigas tinham até avistado a sua criada francesa, Mariette, que chegara na noite anterior. Lavinia passara frente ao quarto de Sara numa altura em que a porta estava aberta e vira Mariette a abrir uma caixa enviada por uma loja.

– Estava a abarrotar de saiotes com folhos e mais folhos em renda – sussurrou ela para a sua amiga Jessie, ao mesmo tempo que se curvava sobre o livro de Geografia. – Ouvi Miss Minchin dizer a Miss Amelia que as roupas dela, de tão pomposas, chegavam a ser ridículas para uma criança. A minha mãe diz que as crianças se devem vestir com simplicidade. Ela tem um desses saiotes vestidos agora. Reparei nele quando se sentou.

– E também tem meias de seda! E que pés tão pequeninos! Nunca vi pés assim – murmurou Jessie, inclinando-se da mesma forma sobre o livro.

– Oh, é por causa do formato dos sapatos – fungou Lavinia, desdenhosamente. – A minha mãe diz que até uma pezuda consegue que os seus pés pareçam pequenos, se tiver um sapateiro habilidoso. Não a acho nada bonita. Tem uma cor de olhos tão esquisita…

– De facto, não é bonita como outras pessoas o são, mas há qualquer coisa nela que nos faz querer fitá-la. Tem umas pestanas tão compridas, e os olhos são quase verdes – comentou Jessie, olhando de relance em redor da sala, comparando-a com as outras meninas.

Sara estava sentada no seu lugar, à espera que lhe dissessem o que fazer. Fora colocada perto da secretária de Miss Minchin. Não estava nem um pouco embaraçada com tantos olhares, e, curiosa, olhava tranquilamente para trás, para as crianças que a admiravam. Interrogava-se sobre o que pensavam, se gostariam de Miss Minchin, se apreciavam as aulas e se alguma delas teria um papá como o seu. Naquela manhã, tivera uma longa conversa com Emily acerca dele.

– A esta hora, já deve ir em alto mar, Emily. Temos de ser muito amigas e contar

coisas uma à outra. Olha para mim, Emily. Tens os olhos mais bonitos que alguma vez vi, mas quem me dera que pudesses falar.

Sara era uma menina com uma enorme imaginação e, na sua ideia, seria já um grande consolo fazer de conta que Emily era uma menina como ela e a escutava e compreendia. Depois de Mariette lhe ter vestido o uniforme escolar, um vestido azul-escuro, e de lhe ter prendido o cabelo com uma fita a condizer, Sara dirigiu-se a Emily, sentada numa cadeira só dela, e deu-lhe um livro.

– Podes lê-lo enquanto eu estiver lá em baixo – instruiu, e ao ver Mariette a olhá-la com estranheza, falou-lhe com um ar muito sério. – Eu acredito que as bonecas conseguem fazer coisas que nós não sabemos. Talvez, na verdade, a Emily consiga ler, falar e andar, mas apenas o faça quando ninguém está a ver. É esse o seu segredo. Se as pessoas soubessem que as bonecas conseguem fazer coisas, obrigavam-nas a trabalhar. Assim, talvez elas tenham entre todas combinado manter isso em segredo. Se permanecermos aqui, a Emily limitar-se-á a ficar ali sentada, fixando o vazio, mas se sairmos, talvez ela se ponha a ler e a olhar a rua pela janela. Então, se ouvir alguma de nós regressar, corre de volta para a cadeira e faz de conta que esteve ali o tempo todo.

«*Comme elle est drôle!*»[3], disse Mariette para si mesma, e quando desceu contou o sucedido a uma das criadas. Começara já a deixar-se cativar por aquela estranha menina de modos educados e com uma expressão tão inteligente. Já tinha tomado conta de outras crianças que não eram tão educadas. Tinha um modo encantador e amável de dizer «Se faz favor, Mariette» ou «Obrigada, Mariette». Segundo esta contou às criadas, Sara agradecia-lhe como se estivesse a dirigir-se a uma senhora.

– *Elle a l'air d'une princesse, cette petite*[4] – comentou Mariette. Estava muito contente com a sua nova patroa e com o seu cargo.

Depois de uns minutos sentada na sala de aulas a ser o alvo dos olhares das restantes colegas, Sara viu Miss Minchin ocupar o seu lugar e bater no tampo da secretária para chamar a atenção das alunas.

– Meninas, deixem-me apresentar-vos a vossa nova colega – disse ela. Todas as crianças se puseram de pé, e Sara seguiu-lhes o exemplo. – Espero que sejam amáveis para com Miss Crewe, que acabou de chegar, vinda de muito longe... Da Índia, para ser exata. Assim que as aulas terminarem, façam favor de se apresentarem e de travarem conhecimento com ela.

As alunas curvaram-se cerimoniosamente e Sara fez uma pequena vénia. No final, voltaram a sentar-se.

– Sara, venha aqui! – ordenou Miss Minchin, no seu tom professoral. Pegara num livro que tinha em cima da sua mesa e estava a folheá-lo. Sara obedeceu e dirigiu-se a ela. – Uma vez que o seu papá contratou uma criada francesa para si, depreendo que deseje que a menina faça um estudo mais aprofundado da língua francesa.

Sara ficou um pouco embaraçada.

– Penso que a contratou porque... porque achou que eu iria gostar dela, Miss Minchin.

– Creio bem que a menina tenha sido demasiado mimada e por isso imagine que as coisas são feitas apenas para lhe agradar. A minha opinião é que o seu papá desejava que a menina aprendesse francês – argumentou Miss Minchin de imediato, com um sorriso meio azedo.

Fosse Sara mais velha ou menos escrupulosa em relação ao respeito e educação a demonstrar pelos adultos e ter-se-ia explicado em poucas palavras. Sendo como era, sentiu-se enrubescer. Miss Minchin era uma pessoa muito severa e imponente, e parecia tão certa de que Sara nada sabia de francês, que esta achou que seria quase grosseiro da sua parte contradizê-la. A verdade era que Sara não se recordava de uma época em que não soubesse francês. A sua mãe era francesa e o pai, grande apreciador da língua, falara muitas vezes com a filha quando esta era ainda pequenina. Assim, desde cedo que Sara escutara e se familiarizara com o francês.

– Bom, eu na verdade nunca aprendi francês, mas... mas... – começou ela, um pouco envergonhada, tentando explicar-se.

Uma das maiores contrariedades de Miss Minchin era precisamente não falar francês, facto humilhante e irritante que tentava a todo o custo ocultar. Em consequência, não tinha qualquer intenção de discutir o assunto, sujeitando-se a um interrogatório por parte de uma nova aluna.

– Basta – disse ela, com um certo azedume. – Se não aprendeu, deverá começar de imediato. O professor, Monsieur Dufarge, virá daqui a uns minutos. Vá folheando este livro enquanto ele não chega.

Com as faces a arder, Sara regressou ao seu lugar e abriu o livro. Olhou para a primeira página com um ar sério. Sabia que seria incorreto sorrir, e estava decidida a não ser mal-educada, mas era muito estranho ver-se obrigada a estudar uma página que lhe ensinava que «*le père*» queria dizer «o pai», e «*la mère*» significava «a mãe.»

Miss Minchin observou-a.

– Parece-me contrariada, Sara. Lamento que não goste da ideia de aprender francês – referiu ela.

– Pelo contrário, aprecio muito, mas... – respondeu Sara, fazendo nova tentativa de se explicar.

– Não devemos dizer «mas» quando nos ordenam que façamos alguma coisa. Volte a concentrar-se no livro – interrompeu Miss Minchin, repreendendo-a.

Foi o que Sara fez, e não sorriu, nem quando descobriu que «*le fils*» significava «o filho» e «*le frère*» era o mesmo que «o irmão».

«Quando Monsieur Dufarge chegar, ele compreenderá», pensou Sara.

Monsieur Dufarge apareceu pouco tempo depois. Era um senhor francês de meia-idade, amável e inteligente, e fez um ar muito interessado quando observou Sara a tentar educadamente parecer absorta no livro de vocabulário que tinha à sua frente.

– Tem uma aluna nova para mim, *madame*? – perguntou ele a Miss Minchin.

– O pai dela, o capitão Crewe, está ansioso por que a menina comece a aprender a língua, mas creio que ela, por embirração, não está muito disposta a aprendê-la – explicou Miss Minchin.

– Lamento muito sabê-lo, *mademoiselle* – disse ele, num tom amável para Sara. – Talvez quando começarmos a estudá-la juntos, consiga fazer-lhe ver que é uma língua encantadora.

A pequena Sara pôs-se de pé. Mal compreendida, começava a sentir-se desesperada. Ergueu para Monsieur Dufarge os seus olhos grandes, cinza-esverdeados, inocentes e cativantes. Sabia que ele entenderia assim que ela falasse. Começou a explicar, num francês perfeito e fluente, que Miss Minchin não compreendera o que ela dissera. Não aprendera francês formalmente, a partir de livros, mas o seu papá e outras pessoas sempre tinham falado consigo em francês e ela começara a ler e a escrever nesse idioma da mesma forma que começara a fazê-lo em inglês. O seu papá adorava o francês e ela também. A sua querida mamã, que morrera quando ela nascera, era francesa. Teria todo o prazer em aprender tudo o que Monsieur Dufarge quisesse ensinar-lhe, e o que tentara explicar a Miss Minchin fora que já sabia todas as palavras daquele livro, e mostrou-o ao professor.

Ao escutá-la falar, Miss Minchin estremeceu e pôs-se a fitá-la por cima dos óculos com um ar de grande indignação. Monsieur Dufarge esboçou um sorriso de satisfação. Escutar aquela bonita voz infantil falar a sua língua materna de forma tão natural e encantadora era como se estivesse na sua pátria, que tão distante lhe parecia nos dias escuros e de nevoeiro. Quando ela terminou, tirou-lhe o livro das mãos com um ar quase afetuoso, mas foi a Miss Minchin que se dirigiu:

– Ah, *madame*, não lhe poderei ensinar grande coisa. Ela não *aprendeu* francês, ela *é* francesa. O seu sotaque é magnífico.

– Devia ter-me dito – reclamou Miss Minchin, mortificada, virando-se para Sara.

– Eu... eu tentei. Talvez... não tenha começado da melhor forma.

Miss Minchin sabia que ela tentara e que não fora culpa sua não ter sido autorizada a explicar-se. Ao dar-se conta de que as restantes alunas os escutavam e de que Lavinia e Jessie davam risadinhas por trás das suas gramáticas de francês, ficou furiosa.

– Silêncio, meninas! Não quero ouvir nem um pio! – ordenou, num tom severo, batendo no tampo da mesa.

E a partir daquele momento começou a sentir rancor em relação à sua aluna-modelo.

3« Que engraçada que ela é!» (*N. da T.*)

4« Aquela menina parece mesmo uma princesa.» (*N. da T.*)

3

ERMENGARDE

Naquela primeira manhã, quando Sara se sentou frente a Miss Minchin, consciente de que toda a sala tinha os olhos cravados nela, não tardou a reparar numa menina, mais ou menos da sua idade, que a contemplava atentamente com um par de olhos azul-claros e assaz monótonos. Era uma criança gorducha e com um ar pouco inteligente, mas possuidora de uma pequena boca que parecia fazer beicinho. Usava o cabelo louro, claro como o linho, numa trança bem apertada, atada com uma fita. Enrolara a trança em torno do pescoço e, com os cotovelos na carteira, mordia a ponta da fita enquanto contemplava com espanto a nova aluna. Quando Monsieur Dufarge começou a falar com Sara, a pequena sobressaltou-se e depois, ao ver a nova colega avançar e, fitando o professor com os seus olhos inocentes e cativantes, responder-lhe, sem qualquer aviso, em francês, a menina gorducha pulou na sua cadeira e corou de espanto e admiração. Tendo durante semanas chorado lágrimas desesperadas perante os seus vãos esforços para recordar que «*la mère*» significava «a mãe» e «*le père*», «o pai», deparar-se com uma colega da sua idade que parecia não só à vontade com aquelas palavras como, aparentemente, conhecedora de várias outras e capaz de as misturar com verbos como se fosse uma brincadeira, fora quase demais para ela.

Fitava Sara tão fixamente e mordia a fita da trança com tal avidez que acabou por atrair a atenção de Miss Minchin, que, furiosa como estava, de imediato a tornou um alvo.

– Miss Saint John! Que modos são esses? Cotovelos para baixo! Tire já a fita da boca e sente-se direita! – ralhou, com dureza.

Miss St. John pulou de novo na cadeira e, quando Lavinia e Jessie se puseram às risadinhas, ficou ainda mais encarnada, tanto que parecia que os seus apagados e tristes olhos se iriam encher de lágrimas. Sara reparou nisso e compadeceu-se de tal maneira da colega, que começou a simpatizar com ela e a querer tornar-se sua amiga. Sara tinha por hábito querer sempre correr em auxílio de quem sofria ou estava infeliz.

«Se a Sara fosse um rapaz e tivesse nascido há uns séculos», costumava dizer o seu pai, «teria corrido o país de espada desembainhada, salvando e defendendo os desprotegidos. Quer sempre fazer alguma coisa para ajudar, quando vê pessoas em apuros.»

Simpatizou assim bastante com a pequena Miss St. John e toda a manhã não parou de olhar de relance para ela. Percebeu que ela tinha dificuldades com os estudos e que não corria o risco de alguma vez ficar presunçosa por ser tratada como aluna-modelo. A lição de francês foi uma lástima. A sua pronúncia fazia até Monsieur Dufarge sorrir sem querer, e Lavinia, Jessie e as outras raparigas riam dela ou olhavam-na com desdém. Sara, porém, mantinha-se séria, tentando fazer de conta que não tinha ouvido quando Miss St. John dissera «lé bón pan» em vez de «*le bon pain*». Tinha um feitio impulsivo e ficava revoltada e colérica quando ouvia as risadinhas e via o ar desolado e aflito da pobre Miss St. John.

«Não tem graça nenhuma», reclamara entre dentes, ao mesmo tempo que se inclinava sobre o livro. «Não deviam rir-se.»

Quando as aulas terminaram e as meninas se juntaram em grupos para conversar, Sara foi procurar Miss St. John e, encontrando-a sentada num assento de janela com um ar desconsolado, dirigiu-se a ela e meteu conversa. Disse apenas o tipo de coisas que as meninas costumam dizer umas às outras quando travam conhecimento, mas havia qualquer coisa de amistoso e cativante em Sara, e as pessoas costumavam senti-lo.

– Como te chamas? – perguntou.

Para explicar o espanto de Miss St. John, devemos recordar que um aluno novo é, durante um curto espaço de tempo, um mistério; e acerca daquela nova aluna toda a escola conversara na noite anterior até adormecer exausta de tanta excitação e histórias contraditórias. Uma nova aluna com uma carruagem e um pónei e uma criada e uma viagem desde a Índia não era uma aluna banal.

– O meu nome é Ermengarde Saint John – respondeu ela.

– O meu é Sara Crewe. Tens um nome muito bonito. Parece saído de um livro de contos.

– Gostas? – balbuciou Ermengarde. – Também... também gosto do teu.

O maior obstáculo na vida de Miss St. John era ter um pai inteligente. Por vezes, este facto é uma terrível calamidade. Quando se tem um pai que sabe tudo, que fala sete ou oito línguas e possui na sua biblioteca milhares de volumes que aparentemente aprendeu de cor, não é de estranhar que espere que conheçamos pelo menos o conteúdo dos nossos livros de estudo, nem improvável que considere que deveríamos ser capazes de recordar, quanto mais não seja, alguns acontecimentos históricos e fazer um exercício escrito de francês. Ermengarde era uma grande provação para o Sr. St. John, que não conseguia entender como é que uma filha sua podia ser uma criatura tão inequívoca e claramente embotada de espírito que nunca se distinguia em coisa alguma.

«Santo Deus!», lamentara-se ele mais do que uma vez ao olhar para ela, «Há alturas em que acho que ela é tão imbecil quanto a tia Eliza!»

Se a sua tia Eliza se revelara lenta a aprender e rápida a esquecer por completo e quase de imediato o que aprendera, então Ermengarde assemelhava-se a ela de forma incontestável. Era a pior aluna da escola, sem margem para dúvida.

«É preciso *obrigá-la* a aprender», instruíra o seu pai a Miss Minchin.

Em resultado, Ermengarde passara a maior da sua vida em lágrimas ou de castigo. Aprendia as matérias e esquecia-as, ou então, quando não as esquecia, não as compreendia. Portanto, nada mais natural que, tendo travado conhecimento com Sara, ficasse sentada a contemplá-la com profunda admiração.

– Sabes falar francês, não sabes? – inquiriu ela, num tom muito respeitoso.

Sara avançou para o assento de janela, que era espaçoso, e sentou-se, recolhendo as pernas por baixo do corpo e cruzando as mãos em redor dos joelhos.

– Sei, porque toda a minha vida ouvi falar francês. O mesmo aconteceria contigo – explicou Sara.

– Oh, não, eu nunca seria capaz – afirmou Ermengarde. – *Nunca* conseguiria falar francês!

– Porquê? – quis saber Sara.

Ermengarde abanou a cabeça, fazendo baloiçar a sua trança.

– Tu ouviste-me há pouco. É sempre assim. Não consigo pronunciar as palavras, são tão esquisitas. – Deteve-se por um momento e depois acrescentou, com um tom de assombro na voz: – Tu és *inteligente*, não és?

Pela janela, Sara contemplou a soturna praça. Os pardais pulavam e chilreavam nas húmidas balaustradas de ferro e nos ramos das árvores cobertos de fuligem. Pensou por um momento. Ouvira muitas vezes dizer que era «inteligente» e interrogava-se se seria mesmo e, caso fosse, como é que tal sucedera.

– Não sei dizer – respondeu. Então, ao ver um ar pesaroso no rosto redondo e rechonchudo da colega, soltou uma pequena risada e mudou de assunto. – Gostarias de conhecer a Emily?

– Quem é a Emily? – perguntou Ermengarde, tal como Miss Minchin fizera.

– Vem até ao meu quarto e saberás – disse Sara, estendendo a mão.

Saltaram juntas do assento e subiram ao piso de cima.

– É verdade que tens um quarto de brincar só para ti? – sussurrou Ermengarde enquanto atravessavam o vestíbulo.

– Sim. O papá pediu um quarto de brincar para mim porque quando eu brinco invento histórias e conto-as a mim mesma, e não gosto que outras pessoas me oiçam. Estraga a brincadeira.

Tinham entretanto chegado ao corredor que conduzia ao quarto de Sara. Ao escutá-la, Ermengarde estacou, esbugalhando os olhos e respirando com esforço.

– *Inventas* histórias!? E consegues fazer isso, para além de falar francês? A sério?

Sara olhou para ela, surpreendida.

– Qualquer pessoa pode inventar uma história. Nunca experimentaste? – indagou. Em jeito de aviso, apertou a mão de Ermengarde, sussurrando: – Vamos aproximar-nos da porta sem fazer barulho e depois eu abro-a de repente. Talvez a consigamos surpreender.

O seu tom era meio brincalhão, mas o olhar revelava um brilho misterioso e esperançoso que fascinou Ermengarde, embora não fizesse a mais pequena ideia do que a colega queria dizer ou de quem ela queria «surpreender», ou mesmo por que motivo o desejava fazer. Fosse o que fosse, Ermengarde tinha a certeza de que seria uma coisa muito emocionante. Assim, muito entusiasmada, seguiu a amiga em bicos dos pés pelo corredor abaixo. Não fizeram qualquer ruído até chegarem à porta. Então, de súbito, Sara rodou a maçaneta e abriu a porta de par em par, revelando um quarto muito arrumado e silencioso, um fogo a arder na lareira e uma magnífica boneca sentada numa cadeira junto ao lume, aparentemente a ler um livro.

– Oh, ela voltou para a cadeira antes que a pudéssemos ver! – explicou Sara. – Outra coisa não seria de esperar. São tão rápidas como um relâmpago.

Ermengarde desviou o olhar de Sara para a boneca e de volta para Sara.

– Ela... consegue andar? – perguntou, sem fôlego.

– Sim. Eu acredito que sim ou, pelo menos, *faço de conta* que sim. E é como se fosse verdade. Nunca fizeste de conta?

– Não. Nunca. Como é isso? – quis saber Ermengarde.

Estava tão encantada com esta nova e estranha companheira que olhava embasbacada para Sara e não para Emily, muito embora fosse a boneca mais deslumbrante que alguma vez avistara.

– Vamos sentar-nos e eu já te conto – sugeriu Sara. – É tão fácil que, assim que começamos, já não somos capazes de parar, e fazemo-lo uma e outra vez. E é maravilhoso. Emily, presta atenção. Esta é a Ermengarde Saint John. Ermengarde, apresento-te a Emily. Gostavas de lhe pegar?

– Oh! Posso? A sério? Ela é linda! – E Emily foi colocada nos braços de Ermengarde.

Nunca, na sua curta e monótona vida, Miss St. John sonhara em passar uma hora como a que desfrutou com a nova e estranha colega, até ouvirem a campainha que as chamava para o lanche e serem obrigadas a descer.

Sentada no tapete frente à lareira, com os seus olhos esverdeados a cintilar e as faces rosadas, contou-lhe coisas muito invulgares. Contou histórias da sua viagem e histórias da Índia, mas o que mais fascinou Ermengarde foi a imaginação de Sara, a ideia que ela tinha de que as bonecas podiam andar e falar e fazer tudo o que quisessem quando não havia pessoas por perto, mantendo os seus poderes em segredo e regressando aos seus lugares com a velocidade de um relâmpago, quando pressentiam a chegada de alguém.

– *Nós* não temos essa capacidade. É uma espécie de magia, entendes? – concluiu Sara, com um ar muito sério.

Ao relatar a história de como encontrara Emily, a expressão de Sara alterou-se de repente. Foi como se uma nuvem tivesse ensombrado o seu rosto, apagando-lhe o brilho dos olhos. Inspirou tão bruscamente que produziu um som estranho e lamentoso, quase um gemido, e a seguir cerrou os lábios com força, como se estivesse decidida a fazer – ou a *não* fazer – determinada coisa. Ocorreu a Ermengarde que, se a sua colega fosse como as outras meninas, talvez tivesse desatado a soluçar e a chorar, mas não foi o que sucedeu.

– Dói-te alguma coisa? – arriscou Ermengarde.

Ao fim de um momento, Sara respondeu:

– Sim, mas não é no corpo. – Depois acrescentou uma coisa em voz baixa, que se esforçou por manter firme: – Amas o teu pai mais do que qualquer outra coisa no mundo inteiro?

Ermengarde deixou pender o queixo. Sabia que não seria próprio de uma menina respeitável que frequentava um seleto colégio afirmar que nunca lhe ocorrera que fosse *possível* amar-se o pai, que tudo faria para evitar ser deixada sozinha na companhia dele durante dez minutos. Estava, portanto, muito embaraçada.

– Raras vezes o vejo... Passa o tempo na biblioteca, a ler – gaguejou ela.

– Eu amo o meu acima de tudo no mundo. É essa a minha dor. Ele foi-se embora – disse Sara.

Deitou a cabeça nos joelhos, unidos e levantados, e deixou-se ficar sentada muito quieta por uns minutos.

«Vai desatar a chorar», pensou Ermengarde, receosa.

Sara não chorou. Os caracóis pretos e curtos tombaram-lhe em redor das orelhas, e ela manteve-se imóvel. Falou então, sem levantar a cabeça.

– Prometi-lhe que seria valente e pretendo cumpri-lo. Temos se ser capazes de suportar as adversidades. Imagina o que os soldados têm de tolerar! O meu papá é soldado. Se houvesse uma guerra, ele teria de aguentar as marchas, a sede e, talvez, ferimentos graves, e eu tenho a certeza de que nunca se queixaria, que da boca dele não sairia nem um lamento.

Ermengarde não podia deixar de fitar a sua amiga; era tão espantosa e diferente de toda a gente. Sentia que começava a desenvolver uma adoração por ela.

Sara levantou então a cabeça e sacudiu os caracóis, esboçando um estranho sorriso.

– Se continuar a falar sem parar e a contar-te coisas da minha imaginação, suportarei melhor a ausência dele. Não a esquecerei, mas sempre a tolerarei melhor.

Ermengarde não percebeu por que razão sentiu um nó na garganta e os olhos a arder como se estivessem cheios de lágrimas.

– A Lavinia e a Jessie são «melhores amigas» – comentou num tom meio rouco. – Gostava que nós as duas pudéssemos sê-lo também. Queres ser a minha melhor amiga? Tu és inteligente e eu sou a rapariga mais imbecil da escola, mas... Oh, gosto tanto de ti!

– Fico muito contente com isso, e grata. Sim, vamos ser amigas. E sabes que mais? – Um súbito brilho iluminou o olhar de Sara. – Vou ajudar-te com as lições de francês.

4

LOTTIE

Se Sara fosse uma criança diferente, a vida de que desfrutou no colégio de Miss Minchin durante os anos que se seguiram em nada lhe teria sido benéfica. Era tratada mais como um distinta convidada do estabelecimento de ensino do que como uma mera aluna. Se fosse uma menina teimosa, autoritária, talvez se tivesse tornado insuportável, devido a tanta lisonja e mimo. Se fosse uma criança indolente, não teria aprendido nada. No seu íntimo, Miss Minchin não gostava dela, mas era uma mulher demasiado materialista para fazer ou dizer o que quer que fosse que levasse uma aluna tão preciosa a desejar abandonar a escola. Sabia muito bem que, se Sara escrevesse ao seu pai a dizer-lhe que estava desconfortável ou infeliz, o capitão Crewe a tiraria de imediato da escola. Na opinião de Miss Minchin, se uma criança fosse continuamente elogiada e nunca proibida de fazer o que queria, sem dúvida que iria gostar do lugar onde assim fosse tratada. Em resultado, Sara era elogiada pela rapidez com que aprendia as lições, pelas suas boas maneiras, pela sua amabilidade para com as colegas, pela sua generosidade quando tirava umas moedas do seu pequeno porta-moedas para dar a um pedinte. A coisa mais banal que fizesse era tratada como se de uma virtude se tratasse, e se Sara não fosse uma criança ajuizada e sensata, o mais provável é que se tornasse uma jovem presumida. Contudo, conhecia-se muito bem e tinha perfeita noção das circunstâncias que a rodeavam e, de vez em quando, à medida que o tempo ia avançando, falava destas coisas com Ermengarde.

– As coisas acontecem às pessoas por casualidade – costumava ela dizer. – A mim aconteceram-me várias casualidades felizes. Por *acaso*, sempre gostei de estudar e de livros e nunca tive dificuldade em recordar-me das coisas quando as aprendia. Por sorte, tive um pai que era bem-parecido, amável e inteligente e que me pôde dar tudo o que eu queria. Talvez, na verdade, nem tenha um bom temperamento, mas quando se tem tudo o que se deseja e toda a gente é sempre simpática para nós, como não haveremos de ser bem-dispostos e amáveis? Não sei como é que alguma vez vou descobrir se sou mesmo uma criança gentil e correta ou desagradável e maldosa. Se calhar sou uma pessoa horrível e nunca ninguém saberá, só porque nunca me deparo com contrariedades – aventou ela com um ar sério.

– A Lavinia também não tem contrariedades e não deixa de ser uma pessoa horrível – fez Ermengarde notar, num tom impassível.

Sara esfregou a ponta do nariz enquanto pensava no assunto.

– Bom, talvez... talvez seja porque está a *crescer* – concluiu ela por fim, caridosamente, em resultado de ter escutado Miss Amelia comentar que Lavinia estava a crescer tão depressa que tal lhe estaria a afetar a saúde e o temperamento.

Lavinia era uma criança rancorosa. Tinha uns ciúmes desmesurados de Sara, pois, até à chegada desta, sentira-se a líder da escola. Tal liderança devia-se ao facto de conseguir ser muito desagradável quando os seus ditames não eram seguidos. Tiranizava as crianças mais novas e assumia ares de importância com as da sua idade. Era bastante bonita e costumava ser a aluna mais bem vestida quando saíam a passear, até Sara ter aparecido com os seus casacos de veludo, abafos de zibelina e penas de avestruz, sendo conduzida por Miss Minchin à cabeça do cortejo. Ao início, isso fora um duro golpe para Lavinia, mas com o tempo tornara-se notório que Sara era também uma líder, não porque fosse uma tirana, mas sim por nunca o ser.

Certa vez, Jessie enfurecera a sua «melhor amiga», ao dizer com sinceridade:

– Honra seja feita a Sara Crewe, não é nem um pouco vaidosa, e bem sabemos que teria motivos para o ser, Lavvie. Penso que eu própria não conseguiria evitar sê-lo... apenas um pouco... se tivesse tantas coisas bonitas e me dispensassem assim tantas atenções. É chocante a forma como Miss Minchin a exibe quando temos visitas no colégio.

– «A Sarinha tem de vir à sala de estar para conversar com a senhora Musgrave acerca da Índia» – parodiou Lavinia, numa das suas imitações de Miss Minchin. – «A nossa Sarinha tem de falar francês com Lady Pitkin. O sotaque dela é perfeito.» Não foi aqui no colégio que ela aprendeu o francês, portanto, não percebo o que tem assim de tão especial. Ela mesma afirma que nem o aprendeu. Que fala francês porque sempre escutou o seu pai falar. E, quanto ao papá dela, não me parece que ser oficial do exército indiano o torne assim tão notável.

– Bom, ele já matou tigres, pelo menos aquele ao qual foi retirada a pele que a Sara tem no seu quarto – argumentou Jessie. – É por isso que gosta tanto dela. Deita-se em cima da pele e acaricia-lhe a cabeça, falando-lhe como se fosse um gato.

– Está sempre com patetices. A minha mãe diz que aquela mania que ela tem de fazer de conta não é coisa boa e que, quando crescer, se tornará uma excêntrica – resmungou Lavinia.

Era bem verdade que Sara nunca se mostrava vaidosa. Era uma criança amável e partilhava generosamente todos os seus privilégios e pertences com as demais. As mais pequenas, habituadas a ser desdenhadas e enxotadas pelas mais velhas, de dez e doze anos, nunca vertiam uma lágrima por culpa da mais invejada de todas as alunas. Sara era muito maternal e, quando alguma menina caía e esfolava os joelhos, corria a ajudá-la e a consolá-la, encontrando no bolso um bombom ou qualquer outra

coisa que a tranquilizasse. Nunca empurrava as colegas mais novas ou aludia à sua idade como forma de humilhação.

– Quando se tem quatro anos, tem-se quatro anos – dissera ela severamente a Lavinia, numa ocasião em que esta, é preciso que se diga, esbofeteara Lottie e lhe chamara «fedelho» –, mas no ano seguinte, ter-se-á cinco, depois seis. E só faltarão catorze para se ter vinte.

– Valha-me Deus, sabemos fazer contas de cabeça! – troçou Lavinia. Não havia como negar que catorze mais seis eram vinte, e essa era uma idade com a qual as mais audazes mal se atreviam a sonhar.

Assim, as alunas mais novas adoravam Sara, e mais do que uma vez haviam sido convidadas para tomar chá no seu quarto, tendo nessas ocasiões brincado com Emily e usado o serviço de chá da boneca: o que tinha flores azuis e chávenas que levavam uma quantidade generosa de chá, fraco e muito adocicado. Nenhuma delas alguma vez vira um serviço de chá de brincar tão bonito. A partir dessa altura, Sara começara a ser considerada uma deusa e uma rainha pela turma infantil.

Lottie Legh venerava-a a tal ponto que, não fora Sara uma pessoa maternal, tê-la-ia achado maçadora. Lottie fora enviada para a escola por um pai jovem e volúvel que não sabia o que fazer com ela. A mãe morrera e, como desde a primeira hora de vida a menina fora tratada como uma boneca ou um animal de estimação muito mimado, tornara-se uma criança insuportável. Quando queria alguma coisa ou não queria qualquer coisa, chorava e berrava; e, como queria sempre o que não podia ter e não queria o que era melhor para ela, era raro que a sua vozinha estridente, em pranto, não fosse escutada numa ou noutra parte da casa.

De alguma forma misteriosa – talvez tivesse escutado alguns adultos a falarem sobre isso logo a seguir à morte da sua mãe – , Lottie descobrira que uma criança que perde a mãe deve ser alvo de pena e de muita atenção, e transformara isso na sua arma mais poderosa, que usava por sistema.

A primeira vez que Sara se encarregara dela fora uma manhã em que, ao passar por uma saleta, escutou Miss Minchin e Miss Amelia a tentar reprimir o choro zangado de uma criança que, evidentemente, se recusava a ser silenciada e o fazia com tal veemência que Miss Minchin se via quase obrigada a gritar, de uma forma severa e solene, para se fazer ouvir.

– Está a chorar porquê? – perguntou, quase aos gritos.

– Oooooh! Não tenho mamãaaaa! – escutou Sara.

– Oh, Lottie! Pare com isso, querida! Não chore! Vá lá, não chore! – gritou Miss Amelia.

– Oooooh! Ooooooooh! Não tenho mãezinha! – berrava Lottie, tempestuosamente.

– Precisava era de uns açoites! Não tarda nada, vou buscar a vergasta! Que criança malcomportada! – reclamou Miss Minchin.

Lottie berrou ainda com mais força. Miss Amelia começou a chorar. A voz de Miss Minchin tornou-se feroz, vociferante; de repente, de um pulo, indignada e impotente, levantou-se da cadeira e abandonou a saleta, deixando Miss Amelia a braços com o assunto.

No vestíbulo, Sara interrogava-se sobre se haveria de entrar na sala, uma vez que travara há pouco tempo conhecimento com Lottie e talvez conseguisse acalmá-la. Quando Miss Minchin, ao abandonar a divisão, se deparou com ela, fez um ar muito desagradado. Dava-se conta de que o seu tom de voz não teria soado nem um pouco amistoso ou digno.

– Ah, Sara! – exclamou, esforçando-se por esboçar um sorriso adequado.

– Parei porque reconheci a voz da Lottie e pensei que talvez... talvez a conseguisse calar. Posso tentar, Miss Minchin?

– Se conseguir, então é uma criança muito inteligente – respondeu Miss Minchin, franzindo os lábios. Ao reparar que Sara ficara um pouco sobressaltada com a sua aspereza, mudou de atitude. – Mas a menina é inteligente em tudo, pensando bem. Atrevo-me mesmo a dizer que certamente será capaz. Vá, entre – disse ela, no seu tom adulador.

Quando Sara entrou na saleta, Lottie estava estendida no chão, a gritar e a espernear violentamente. Curvada sobre ela, consternada e desesperada, Miss Amelia transpirava, vermelha como um tomate. Lottie bem cedo descobrira que pontapear e gritar lhe granjeava o que quisesse, pois só assim se aquietava. A pobre e roliça Miss Amelia tentava primeiro um método e depois outro.

– Pobrezinha, eu sei que não tem mamã, querida – dizia a dado momento, e depois, num tom completamente diferente: – Se não se cala, Lottie, apanha! Minha pobre menina! Pronto, pronto! Está a ser muito feia! Que criança insuportável! Olhe que lhe dou um tabefe!

Sara dirigiu-se a elas sem fazer barulho. Não fazia ideia do que ia fazer, mas tinha uma vaga convicção de que seria preferível não dizer coisas tão diferentes de uma forma tão irada e desesperada.

– Miss Minchin disse que eu podia tentar calá-la. Dá-me licença, Miss Amelia? – pediu em voz baixa.

Miss Amelia virou-se e olhou para Sara em desespero.

– Oh, acha mesmo que consegue?

– Não sei se *consigo*, mas vou tentar – respondeu Sara, ainda em voz baixa.

Miss Amelia pôs-se de pé com um profundo suspiro, e as pernas gorduchas e pequeninas de Lottie agitaram-se ainda mais.

– Se não se importar de sair sem fazer barulho, eu fico com ela – disse Sara.

– Oh, Sara! Nunca tivemos uma criança assim tão terrível. Não me parece que possamos mantê-la connosco – quase choramingou Miss Amelia.

Mas esgueirou-se para fora da sala, muito aliviada por ter encontrado uma desculpa para o fazer.

Sara manteve-se de pé junto à furiosa e barulhenta criança durante uns momentos, olhando para ela sem nada dizer. Depois sentou-se no chão a seu lado e ficou à espera. À exceção dos gritos irados de Lottie, não se ouvia qualquer barulho na sala. Era uma situação completamente nova para a pequena Miss Legh, habituada, sempre que gritava, a ouvir as pessoas em seu redor protestar, implorar, ordenar e aliciá-la à vez. Chorar, espernear e guinchar e chegar à conclusão de que a única pessoa à sua volta parecia não se importar nem um pouco com isso, atraiu a sua atenção. Abriu os olhos chorosos para ver quem era essa pessoa e descobriu que se tratava apenas de outra menina, a dona de Emily e de todas aquelas coisas bonitas, que a olhava fixamente como se estivesse apenas a pensar. Tendo cessado a sua birra por uns segundos para constatar tudo aquilo, Lottie considerou que seria melhor retomar a gritaria, mas o silêncio da divisão e a expressão invulgar e interessada de Sara fez com que o primeiro grito lhe saísse muito pouco convincente.

– Não tenho mãe-ziiii-nhaaa! – anunciou, mas num tom menos empenhado.

Sara olhou para ela com um ar mais perseverante, mas com uma espécie de compreensão no olhar.

– Nem eu – afirmou.

Foi uma declaração tão inesperada, que deixou Lottie perplexa. Parou de espernear, contorceu-se e deixou--se ficar deitada a olhar para a sua companheira. Uma ideia nova é o bastante para calar uma criança que chora quando nada mais funciona. Era também verdade que ao passo que Lottie detestava Miss Minchin – sempre autoritária – e Miss Amelia – insensatamente indulgente –, simpatizava muito com Sara, embora a conhecesse mal. Não queria desistir do seu agravo, mas os seus pensamentos levavam-na noutra direção; por isso, contorceu-se mais uma vez e, depois de um soluço amuado, disse:

– Onde é que ela está?

Sara não respondeu de imediato. Desde que lhe haviam dito que a sua mamã estava no céu, tinha pensado muito sobre o assunto, mas de uma forma diferente da maioria das pessoas.

– Foi para o céu, mas tenho a certeza de que por vezes sai de lá para me vir ver, embora eu não a consiga ver a ela. O mesmo acontece com a tua. Talvez consigam ambas ver-nos agora. Se calhar, estão as duas nesta sala – disse Sara.

Lottie sentou-se como se impulsionada por uma mola e olhou em redor. Era uma criança bonita, de cabelos encaracolados e olhos redondos, a lembrar miosótis húmidos. Se a sua mamã a tivesse visto ao longo da última meia hora, não a consideraria aparentada com um anjo do céu.

Sara continuou a falar. Para algumas pessoas, o que ela dizia talvez se

assemelhasse a um conto de fadas, mas para ela era tão real, que a sua convicção fez com que Lottie começasse a escutá-la, cativada. Sara sempre ouvira dizer que a sua mamã tinha asas e uma coroa, e até lhe tinham mostrado estampas de senhoras com magníficos trajos brancos até aos pés, a quem chamavam anjos. Porém, Sara parecia estar a contar uma história verídica acerca de um bonito país com pessoas verdadeiras.

– No céu há campos de flores até perder de vista – relatou ela, abandonando-se às suas fantasias, como de costume, e falando como se de um sonho se tratasse. – Campos e campos de lírios, e, quando a brisa sopra, o aroma deles eleva-se no ar e toda a gente o sente, porque a brisa é constante. As crianças correm por entre os lírios e apanham braçados deles e riem e fazem pequenas coroas. As ruas são luminosas e brilhantes e as pessoas nunca estão cansadas, por muito que tenham andado. Podem pairar no ar e flutuar até onde quiserem. Em todo o redor da cidade, existem muros feitos de pérolas e ouro, mas são muros baixos, para as pessoas se debruçarem neles a olhar para a terra e a sorrir e a enviar mensagens bonitas às pessoas que amam.

Fosse qual fosse a história que Sara tivesse contado, Lottie teria, sem dúvida, parado de chorar, fascinada pelo relato, mas não havia como negar que aquela história era mais bonita do que a maioria. Lottie chegou-se mais a Sara e bebeu cada palavra até ao final, que chegou demasiado cedo. Ficou tão pesarosa que começou a fazer beicinho.

– Quero ir para lá. Não tenho nenhuma mamã nesta escola – choramingou ela.

Sara percebeu o sinal de alarme e despertou do seu devaneio. Pegou na sapuda mão da amiguinha e puxou-a mais para junto de si com uma risada lisonjeira.

– Eu serei a tua mamã. Vamos fazer de conta que tu és a minha filhinha, e a Emily será tua irmã – sugeriu Sara.

As covinhas nas bochechas de Lottie reapareceram.

– A sério?

– Sim. Anda, vamos contar a novidade à Emily. E depois lavo-te a cara e penteio-te o cabelo – respondeu Sara, pondo-se de pé.

Lottie concordou alegremente e seguiu Sara para fora da sala até ao piso de cima, como se já nem se recordasse que o drama da última hora se devera ao facto de se ter recusado a ser lavada e penteada para o almoço e de Miss Minchin ter sido chamada para fazer uso da sua majestosa autoridade.

A partir dessa altura, Sara transformou-se numa mãe adotiva.

5

BECKY

É claro que o maior poder que Sara possuía – e o único que lhe granjeava ainda mais seguidoras do que os seus luxos e o facto de ser a «aluna-modelo» da escola –, o poder que Lavinia e outras raparigas mais invejavam, mas que, ao mesmo tempo, as fascinava apesar de tudo, era o seu talento para contar histórias e para fazer tudo aquilo de que falava parecer um conto, quer o fosse quer não.

Qualquer pessoa que tenha convivido com um contador de histórias compreende este fascínio, o modo como este é seguido para todo o lado e lhe é suplicado num sussurro que narre histórias romanescas, como os grupos se formam em redor dos seus acólitos na esperança de lhes ser permitido fazer parte do séquito e escutar o relato.

Sara não só sabia contar histórias como adorava fazê-lo. Quando se encontrava no meio de um grupo e começava a inventar coisas maravilhosas, os seus olhos verdes esbugalhavam-se e cintilavam, as faces enrubesciam e, sem se dar conta, ela começava a representar e tornava o seu relato encantador ou alarmante elevando ou baixando o tom de voz, curvando e balançando o seu corpo esguio e agitando dramaticamente as mãos. Esquecia-se de que falava para crianças; via e convivia com as fadas, os reis, as rainhas e as bonitas damas cujas aventuras narrava. Por vezes, acontecia chegar ao fim das suas histórias sem fôlego, de tanta emoção. Levava então a mão ao peito arquejante e soltava uma pequena risada, como se gracejasse de si mesma.

– Quando conto uma história – explicava ela –, não tenho a sensação de que é apenas imaginada. A mim parece-me mais real do que vocês, mais real do que a sala de aulas. É como se eu fosse todas as pessoas da história... Uma a seguir à outra. É *muito* estranho.

Encontrava-se na escola de Miss Minchin há cerca de dois anos quando, numa tarde de inverno, fria e carregada de nevoeiro, ao sair da sua carruagem, confortavelmente agasalhada nos seus casacos de veludo e peles e com um ar mais imponente do que se dava conta, avistou, ao atravessar o passeio, nos degraus que davam acesso à entrada de serviço, um pequeno vulto sujo e maltrapilho que esticava o pescoço para que os seus olhos esbugalhados pudessem entrevê-la pela balaustrada. Foi a ansiedade e timidez daquela cara farrusca que chamou a atenção de Sara, que sorriu para ela, pois era assim com toda a gente.

Todavia, a dona da cara farrusca e dos olhos arregalados sabia obviamente que não devia ser apanhada a olhar assim para as alunas. Escondeu-se com a rapidez de um coelho e fugiu de regresso à cozinha, desaparecendo tão depressa que, se não tivesse um ar tão desamparado e triste, Sara teria soltado uma gargalhada. No final dessa mesma tarde, estando Sara sentada no meio de um grupo de ouvintes a contar uma das suas histórias, o mesmo vulto entrou timidamente na sala, carregando um balde de carvão demasiado pesado para as suas mãos, e ajoelhou-se no tapete frente à lareira para a reabastecer e varrer a cinza.

Estava menos suja do que quando espreitara pela balaustrada do pátio de serviço, mas igualmente amedrontada. Era óbvio também que receava olhar para as crianças ou dar a perceber que estava a prestar atenção ao que se dizia. Com todo o cuidado para não fazer barulho, foi colocando pedaços de carvão no lume, um a um, com as mãos, e varreu em redor dos ferros da lareira muito ao de leve. Sara percebeu em pouco tempo que o que se passava naquela divisão tinha captado o interesse da criada e que ela cumpria as suas tarefas muito devagar, na esperança de apanhar uma palavra aqui e ali. Elevou então o seu tom de voz.

– As sereias nadaram nas águas verdes, cristalinas, arrastando com elas uma rede entretecida com pérolas marinhas. Sentada num rochedo branco, a princesa observava-as – contava ela.

Era uma história maravilhosa acerca de uma princesa que era amada por um príncipe tritão e que fora viver com ela numa magnífica gruta no fundo do mar.

De joelhos frente à lareira, a pequena criada varreu o chão uma vez e mais outra. Tendo cumprido a mesma tarefa duas vezes, fê-la uma terceira, e, enquanto varria, a melodia da história cativou-a de tal modo, que tombou sob o seu feitiço e se esqueceu de que não devia estar à escuta, esquecendo também tudo o resto. Sentou-se sobre os calcanhares com a vassoura imóvel a pender-lhe dos dedos. A voz da contadora de histórias transportou-a para grutas sinuosas sob o mar, iluminadas por uma luz azul muito suave e com o chão coberto de areia dourada. Estranhas flores e ervas marinhas balouçavam em redor dela e, ao longe, ouvia-se uma música muito delicada e alguém a cantar.

A vassoura escapou-se-lhe então das mãos ásperas do trabalho e Lavinia Herbert rodou a cabeça.

– Aquela rapariga esteve à escuta – declarou.

A culpada apanhou a vassoura e pôs-se de pé num ápice. Agarrando no balde do carvão, escapuliu-se da sala como um coelho assustado.

A atitude de Lavinia irritou Sara.

– Eu sabia que ela estava a ouvir. Qual é o mal?

Lavinia empinou o nariz com toda a elegância.

– Bom, não sei se a tua mamã gostaria que contasses histórias a criadas, mas eu

sei que a *minha* não gostaria que *eu* o fizesse.

– A minha mamã não se importaria nem um pouco, com certeza. Ela sabe que as histórias são de toda a gente – argumentou Sara.

Afetando uma expressão como se tivesse feito um esforço por se recordar, Lavinia retorquiu:

– Pensava que a tua mamã tinha morrido. Como pode ela saber o que quer que seja?

– Achas então que ela *não* sabe nada? – perguntou Sara, num tom bastante inflexível. Quando queria, sabia dar à sua voz um tom implacável.

– A mamã da Sara sabe tudo – intrometeu-se Lottie. – A minha mamã também... Só que a Sara é a minha mamã aqui na escola. A minha outra mãe, que está no céu, também sabe tudo. As ruas lá brilham e há muitos campos de lírios, e toda a gente os pode apanhar. A Sara conta-me isto quando me vai deitar.

– Ah, com que então, a inventares histórias acerca do céu! – exclamou Lavinia, escandalizada.

– Há muitas histórias magníficas na Bíblia, basta ires ver! Como é que sabes que as minhas são inventadas? Uma coisa te posso afirmar – respondeu-lhe Sara, com um tom muito pouco angelical. – Nunca descobrirás se o são ou não, se não fores mais amável para as pessoas do que és agora. Anda daí, Lottie. – E, virando costas, abandonou a sala, esperando conseguir ainda avistar a pequena criada algures. No entanto, ao chegar ao corredor, já nem vestígios dela viu.

– Quem é a rapariguinha que trata das lareiras? – perguntou Sara a Mariette naquela noite.

Esta lançou-se numa elaborada descrição.

Ah, a menina das lareiras, Mademoiselle Sara fazia muito bem em perguntar. Era uma desamparada criatura que acabara de ser admitida para o cargo de criada da copa, muito embora, para além disso, também fizesse tudo o resto. Engraxava botas e limpava os fogões, carregava baldes de carvão escada acima e escada abaixo, esfregava os soalhos e limpava as janelas, e era o pau-mandado de toda a gente. Tinha catorze anos, mas estava tão atrasada no crescimento, que mais parecia ter doze. A própria Mariette se apiedava dela. Era uma menina tão tímida que, se alguém calhasse a meter conversa com ela, ficava muito assustada e os olhos quase lhe saltavam das órbitas.

– Como se chama ela? – perguntou Sara, que se sentara à mesa, com o queixo apoiado nas mãos, a escutar com toda a atenção o discurso de Mariette.

O seu nome era Becky. Mariette ouvia toda a gente ordenar «Becky, faz isto» e «Becky, faz aquilo», a cada cinco minutos.

Sara deixou-se ficar durante algum tempo a contemplar o fogo e a pensar em Becky depois de Mariette se ter retirado. Inventou de imediato uma história na qual

Becky era a heroína maltratada e injustiçada. Tinha a sensação de que ela não comia o suficiente, pois até o seu olhar era ávido. Desejava voltar a vê-la, mas embora a avistasse de vez em quando a carregar coisas escadas acima ou escadas abaixo, a criada parecia sempre tão apressada ou receosa de ser vista, que era impossível falar com ela.

Umas semanas mais tarde, numa outra tarde de nevoeiro, ao entrar na sua sala de estar, deparou-se com uma inesperada cena. Na sua poltrona preferida, frente à lareira, Becky, com uma tisna de carvão no nariz e várias no avental, a touca a pender-lhe da cabeça e um balde de carvão vazio no chão a seus pés, dormia profundamente, vencida pela fadiga que excedera a resistência do seu trabalhador e jovem corpo. Fora-lhe ordenado que preparasse os quartos para a noite. Eram muitos e ela passara o dia todo a correr de um lado para o outro. Deixara os aposentos de Sara para último. Não eram como os restantes, simples e despojados. As alunas vulgares deviam contentar-se apenas com o essencial. Aos olhos da criada da copa, a confortável sala de estar de Sara era um aposento de luxo, embora não passasse, na verdade, de uma divisão alegre e luminosa. Porém, tinha quadros e livros, e coisas curiosas trazidas da Índia; havia um sofá e uma poltrona; havia Emily, sentada numa cadeira só dela, com o ar de deusa que presidia a tudo aquilo; e havia sempre um bom lume a arder na lareira e uma grelha bem polida. Becky guardara o quarto de Sara para o final da sua tarde de trabalho, porque a alegrava observar todas aquelas coisas bonitas e também porque esperava sempre conseguir sentar-se por uns minutos na poltrona e olhar em seu redor, pensando na imensa sorte da criança que podia desfrutar de semelhantes aposentos, que nos dias de frio saía agasalhada com bonitos chapéus e casacos e que ela tentava avistar por entre a balaustrada da entrada de serviço.

Naquela tarde, ao sentar-se na poltrona, as suas pequenas e doridas pernas tinham experimentado uma sensação de alívio tão grande que parecera espalhar-se por todo o corpo, e o reconfortante calor da lareira tomara conta dela como um feitiço, até que, enquanto contemplava o incandescente carvão, o seu rosto tisnado esboçara um sorriso indolente, a cabeça começara a pender-lhe para a frente, sem que desse por isso, as pálpebras tinham-se fechado e num instante estava a dormir. Não havia nem dez minutos que ali estava quando Sara entrou, mas o seu sono era tão profundo como o da Bela Adormecida, enfeitiçada por um sono centenário. Todavia, a pobre Becky não se parecia nem um pouco com a Bela Adormecida. Assemelhava-se apenas a uma feia, atrofiada e extenuada criada da copa.

Comparada com ela, dir-se-ia que Sara era uma criatura de um outro mundo.

Regressava da aula de dança, que era sempre um dia especial no colégio, muito embora ocorresse todas as semanas. As alunas vestiam os seus vestidos mais bonitos e, uma vez que Sara dançava particularmente bem, estava sempre a ser

colocada em evidência, e fora ordenado a Mariette que a vestisse da forma mais elegante e diáfana possível.

Naquele dia, Mariette sugerira-lhe um vestido cor-de-rosa e comprara rosas verdadeiras para lhe fazer uma coroa com que lhe enfeitara os caracóis negros. Sara aprendera uma dança nova e encantadora, no decorrer da qual deslizara e esvoaçara pelo salão como uma borboleta cor-de-rosa. Trazia, portanto, as faces ruborizadas e resplandecentes devido ao exercício e à diversão daquela aula.

Entrou no quarto a exercitar alguns dos passos de dança quando se deparou com Becky, sentada a dormir, a cabeça pendida e a touca a tombar para o lado.

– Oh! Pobrezinha! – exclamou Sara, em voz baixa, ao vê-la.

Não lhe ocorreu zangar-se por encontrá-la sentada na sua poltrona preferida. Em abono da verdade, ficou até bastante satisfeita por vê-la ali. Quando a heroína maltratada e injustiçada da sua história acordasse, poderia por fim falar com ela. Avançou em bicos dos pés até junto da criada e ficou a contemplá-la. Becky deixou escapar um pequeno ronco.

«Oxalá ela despertasse», pensou Sara. «Não queria ser eu a acordá-la, mas Miss Minchin ficaria furiosa se descobrisse que ela estava aqui. Vou esperar uns minutinhos.»

Sentou-se na extremidade da mesa e ficou a abanar as penas, ataviadas de meias cor-de-rosa, e a interrogar-se sobre o que havia de fazer. Miss Amelia poderia entrar a qualquer momento e, nesse caso, Becky seria repreendida.

«Mas a pobre está tão cansada!», argumentou consigo mesma. «Está estafada!»

Um pedaço de carvão em chamas pôs fim à sua indecisão naquele momento, soltando-se de um bocado maior e caindo sobre o guarda-fogo. Becky estremeceu e abriu os olhos com uma respiração curta e assustada. Não sabia que se tinha deixado dormir. Apenas se sentara por um momento para apreciar o que a rodeava, e ali estava, contemplando de olhos arregalados a esplêndida aluna que, empoleirada bem junto dela, como uma fada de trajos rosados, a fitava de volta com grande curiosidade.

Pôs-se de pé de um pulo, segurando a touca. Sentira-a pender por cima da orelha e tentou às pressas endireitá-la. Oh, metera-se em grandes sarilhos, na certa! Onde estava com a cabeça para ter adormecido descaradamente na poltrona de uma das alunas?! Seria despedida sem direito a salário. Só de pensar nisso, soltou um soluço desesperado.

– Oh, *miss*! Oh, *miss*! Por favor, desculpe-me, *miss*! – gaguejou.

Sara saltou da mesa e abeirou-se dela.

– Não estejas assustada. Não tem qualquer importância – disse, como se estivesse a falar com uma das alunas mais novas.

– Não fazia tenção, *miss*, foi do calor do fogo e do cansaço. Não foi de propósito!

– alegou Becky.

Sara soltou uma risada amistosa e colocou a mão no ombro da criada.

– Estavas cansada, não pudeste evitá-lo. Nem estás ainda bem acordada.

Becky ficou de queixo caído! Nunca ninguém lhe falara num tom tão carinhoso e simpático. Estava habituada a ser comandada e repreendida e a que lhe puxassem as orelhas. E aquela rapariga, esplendorosamente vestida de cor-de-rosa, fitava-a como se a culpada nem fosse ela, como se tivesse o direito de se sentir cansada, e até mesmo de adormecer! O toque da mão pequena e suave de Sara no seu ombro era a coisa mais maravilhosa que alguma vez sentira.

– Não está zangada, *miss*? Não vai contar às patroas? – inquiriu, perplexa.

– Não, é claro que não! – exclamou Sara.

A expressão de aflição no rosto mascarrado da criada fê-la sentir uma imensa compaixão por ela. Ocorreu-lhe então um dos seus invulgares pensamentos. Encostou a palma da mão à face de Becky.

– Na realidade, tu e eu somos iguais. Sou apenas uma menina como tu. Foi só por acidente que eu não nasci no teu lugar e tu no meu!

Becky não compreendeu nada do que Sara disse. A sua mente não conseguia alcançar o significado de pensamentos tão assombrosos e, além disso, um «acidente» para ela significava uma calamidade em que alguém era atropelado ou caía de um escadote e era levado para o hospital.

– Um acidente, *miss*? – inquiriu ela, de modo respeitoso.

– Sim – garantiu Sara, olhando-a por um momento com um ar sonhador. Ao dar-se conta de que Becky não a entendera, falou noutro tom. – Já fizeste as tuas tarefas? Atreves-te a ficar aqui mais uns minutos?

Becky foi de novo apanhada desprevenida.

– Aqui, *miss*? Eu?

Sara correu para a porta, abriu-a e olhou para um lado e para o outro.

– Não há ninguém por perto. Se já terminaste o que tinhas para fazer, talvez pudesses ficar um bocadinho. Estava a pensar que talvez gostasses de uma fatia de bolo.

Os dez minutos que se seguiram pareceram a Becky uma espécie de delírio. Sara abriu um armário e serviu-lhe uma enorme fatia de bolo, ficando toda contente ao vê-la a devorá-la com avidez. Falou, fez perguntas e riu-se até os receios de Becky começarem a desaparecer, a ponto de, por uma vez ou duas, ela reunir coragem para fazer perguntas a Sara.

– Aquilo é... – ousou ela, fitando o vestido cor-de-rosa com admiração. – Aquilo ali é o seu melhor vestido domingueiro?

– É um dos meus vestidos de baile. Acho-o muito bonito, tu não? – respondeu Sara.

Por uns segundos, Becky ficou quase sem palavras. Depois, com uma profunda reverência, disse:

– Uma vez vi uma princesa. Estava no meio da multidão frente a Covent Garden, a ver as pessoas que iam à ópera. Havia uma para a qual todos olhavam. As pessoas diziam umas para as outras: «Lá está a princesa». Era uma rapariga crescida, mas ia de cor-de-rosa da cabeça aos pés: vestido, capa, flores, tudo. Lembrei-me dela assim que abri os olhos e a vi sentada na mesa, *miss*. A menina parecia mesmo ela.

– Já pensei muitas vezes que gostaria de ser uma princesa. Interrogo-me como seria. Creio que vou começar a fazer de conta que sou uma princesa – disse Sara, numa voz pensativa.

Becky contemplou-a com admiração e, mais uma vez, não compreendeu o que ela queria dizer. Sara abandonou então as suas reflexões para lhe fazer uma nova pergunta.

– Becky, no outro dia estavas a escutar a história que eu contei?

– Estava, *miss*. Sei que não devia tê-lo feito, mas era tão bonita que não fui capaz de me conter – confessou Becky, um pouco alarmada de novo.

– Fiquei contente que tivesses escutado. Quem conta histórias, gosta de as contar a pessoas que querem ouvir. Não sei porque assim é. Gostarias de ouvir o resto?

Pela terceira vez, Becky ficou sem fôlego.

– Eu? Como se fosse uma aluna, *miss*? A história do príncipe e das sereias e tritões bebés que nadavam felizes, com estrelas nos cabelos?

Sara respondeu que sim com a cabeça.

– Agora não terás tempo para ouvi-la, mas se me disseres a que horas vens preparar o meu quarto, tentarei estar aqui e contar-te um trecho todos os dias até a história chegar ao fim. É muito bonita e comprida, e estou sempre a acrescentar-lhe partes novas.

– Nesse caso, nem me importaria com o peso dos baldes de carvão ou com o que a cozinheira me fez, se pudesse ter isso em que pensar! – exclamou Becky, com devoção.

– E poderás. Contar-te-ei a história do princípio ao fim – prometeu Sara.

Quando Becky regressou à cozinha, não era a mesma pessoa que cambaleara escadas acima, ajoujada pelo peso do balde de carvão. Levava uma fatia de bolo na algibeira e ia reanimada e reconfortada, mas não apenas por bolo e pelo lume de uma lareira. Uma outra coisa a deixara assim: Sara.

Quando Becky partiu, Sara foi sentar-se no seu poleiro preferido, na ponta da mesa. Apoiou os pés numa cadeira, os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos.

– Se fosse uma princesa, uma princesa verdadeira, podia ser generosa com as pessoas – murmurou ela. – Mas ainda que seja apenas uma princesa de faz-de-conta, posso inventar pequenas coisas para fazer por elas. Coisas como esta que fiz pela

Becky. Ela ficou tão feliz como se tivesse sido uma generosidade. Farei de conta que fazer coisas de que as pessoas gostam é espalhar generosidade.

6

AS MINAS DE DIAMANTES

Pouco tempo depois, sucedeu uma coisa muito emocionante. E não foi apenas Sara, mas toda a escola, que a achou emocionante e a tornou o principal tema de conversa durante semanas. Numa das suas cartas, o capitão Crewe contou uma história deveras interessante. Um amigo que andara na escola com ele fizera-lhe uma visita inesperada na Índia. Era proprietário de uma extensão de terreno na qual haviam sido descobertos diamantes e preparava-se para começar a explorar as minas que aí tinham sido escavadas. Se tudo corresse bem, como de resto se esperava, seria dono de uma riqueza tão grande, que deixaria qualquer pessoa tonta só de pensar nela; e como tinha grande estima pelo seu amigo dos tempos de escola, queria conceder-lhe a oportunidade de desfrutar daquela imensa fortuna, tornando-se seu sócio naquele empreendimento. Isso foi, pelo menos, o que Sara concluiu das cartas do pai. É certo que qualquer outro negócio, por mais chorudo que parecesse, não teria atraído tanto Sara e as restantes colegas; porém, aquela história das «minas de diamantes» parecia-lhes tanto uma coisa saída de *As Mil e Uma Noites*, que ninguém lhe poderia ficar indiferente. Sara achou a ideia encantadora e, para deleite de Ermengarde e Lottie, fez logo desenhos de passagens labirínticas nas entranhas da terra, onde pedras cintilantes guarneciam as paredes e os tetos das minas, e estranhos homens de pele escura as escavavam com a ajuda de picaretas. Ermengarde deleitava-se com a história e Lottie insistia para que Sara lha contasse do início todas as noites. Tudo isto fazia crescer a inveja de Lavinia, que afirmava a Jessie não acreditar que existissem minas de diamantes.

– A minha mamã tem um anel de diamantes que custou uma fortuna, e não é muito grande. Se existissem minas cheias de diamantes, as pessoas seriam tão ricas que chegaria a ser ridículo.

– Talvez a Sara venha a ser tão rica que se torne ridícula – gracejou Jessie, com uma risadinha.

– Já é ridícula mesmo sem ser rica – comentou Lavinia, no seu habitual tom de desdém.

– Estou em crer que a odeias – fez notar Jessie.

– Não odeio, não. Mas não acredito em minas cheias de diamantes – barafustou Lavinia.

– Bom, a algum lado as pessoas têm de ir buscá-los. Lavinia, sabes o que a

Gertrude me disse? – prosseguiu Jessie, com nova risadinha.

– Não, e também não quero saber, se for mais alguma coisa acerca da magnífica Sara.

– Mas é mesmo acerca dela. Parece que agora um dos seus «faz-de-conta» é imaginar que é uma princesa. Passa o tempo a brincar a isso, até na escola. Diz que assim aprende melhor as lições. Também quer que a Ermengarde seja uma princesa, mas a Ermengarde diz que é gorda demais para isso.

– E *é*, de facto, demasiado gorda. E a Sara é magra demais – respondeu Lavinia.

Como seria de esperar, Jessie voltou às risadinhas.

– A Sara diz que não tem nada que ver com o nosso aspeto ou com o que temos, está apenas relacionado com aquilo em que *pensamos* e com as coisas que *fazemos*.

– Calculo que ela acredite que poderia ser uma princesa ainda que fosse uma pedinte. Podíamos começar a tratá-la por Sua Alteza Real.

As aulas daquele dia já haviam terminado e as duas amigas estavam sentadas frente à lareira da sala de aulas, desfrutando da altura do dia de que mais gostavam, aquela em que Miss Minchin e Miss Amelia iam tomar chá para a sua sala de estar particular. Era a ocasião em que as meninas podiam conversar à vontade e muitos segredos trocavam de mãos, em especial quando as alunas mais novas se comportavam bem e não brigavam ou corriam ruidosamente de um lado para o outro, o que, verdade seja dita, acontecia com frequência. Quando causavam rebuliço, as raparigas mais velhas interferiam, e havia ralhetes e abanões. Era responsabilidade delas manter a ordem; caso contrário, corriam o risco de Miss Minchin ou Miss Amelia interromperem o seu chá e porem um ponto final nas festividades.

Estava Lavinia a falar, quando a porta se abriu e Sara entrou, na companhia de Lottie, que tinha o hábito de a seguir para todo o lado como se fosse o seu cãozinho.

– Lá está ela com aquela criança detestável! – sussurrou Lavinia. – Já que gosta tanto dela, porque não a mantém no seu quarto? Não tardará a começar aos gritos por causa de qualquer coisa.

Lottie fora acometida por um súbito desejo de brincar na sala de aulas e suplicara à sua mãe adotiva que a acompanhasse. Lottie juntou-se a um grupo de meninas mais novas que brincavam num canto e Sara enroscou-se num assento de janela, abriu um livro e começou a ler. Era um volume acerca da Revolução Francesa, que não tardou a deixá-la absorta numa imagem pungente dos prisioneiros na Bastilha, homens que haviam passado tantos anos em masmorras que, ao serem libertados, apresentavam os seus longos cabelos e barbas grisalhos a esconder-lhes as faces, e quase se tinham esquecido de que existia um mundo para lá das paredes da prisão. Não eram muito diferentes de fantasmas.

Estava tão longe da sala de aulas que não foi nem um pouco agradável ser de repente arrastada de volta por um grito de Lottie. Nada lhe era mais difícil do que

refrear-se de perder a paciência quando estava absorta num livro. As pessoas que gostam de ler conhecem bem a sensação de irritação que as invade numa ocasião assim. A tentação de se ser pouco razoável e impertinente não é fácil de controlar. «É como se alguém me tivesse batido e eu quisesse pagar na mesma moeda», contara Sara certa vez a Ermengarde em confidência. «Tenho de fazer um grande esforço para me impedir de dizer palavras mal-humoradas.»

Teve portanto de fazer um grande esforço quando pousou o livro no assento de janela e saltou para o chão. Lottie entretivera-se a deslizar pelo chão encerado da sala de aulas e, tendo começado por irritar Lavinia e Jessie com o barulho que fazia, acabara por cair e magoar o joelho rechonchudo. Gritava e esperneava no meio de um grupo de amigas e inimigas, que ora a elogiavam ora a repreendiam.

– Cala-te imediatamente, bebé chorão! Caluda! – ordenou Lavinia.

– Não sou um bebé chorão... Não sou! – chorava Lottie. – Sara, Saaaa-raaaaa!

– Se não se calar, Miss Minchin acabará por ouvi-la – disse Jessie, num tom alarmado. – Lottie, querida, eu dou-te uma moeda!

– Não quero as tuas moedas – soluçou Lottie, olhando para o joelho magoado. Ao ver nele uma gota de sangue, recomeçou a chorar.

Sara atravessou a sala num ápice e, ajoelhando-se junto a Lottie, abraçou-a.

– Então, Lottie, então. Lembra-te do que prometeste à Sara.

– Ela disse que eu sou um bebé chorão – queixou-se a pequena Lottie.

Sara acarinhou-a, mas falou-lhe no tom firme que Lottie bem conhecia.

– Mas, se chorares, é o que serás, Lottie querida. Tu *prometeste*.

Lottie lembrava-se do que prometera, mas preferiu fazer escutar a sua voz.

– Não tenho mãezinha! Oh, não tenho mamã! – proclamou.

– Isso é que tens – argumentou Sara, num tom alegre. – Já te esqueceste, foi? Não sabes que a Sara é a tua mamã? Não queres que a Sara seja a tua mamã?

Lottie aconchegou-se a Sara e fez um sorriso consolado.

– Vem sentar-te ali junto à janela comigo e eu conto--te uma história baixinho – sugeriu Sara.

– Contas? Contas-me a história das minas de diamantes? – pediu Lottie.

– As minas de diamantes? Que criança tão insuportável e mimada! A minha vontade era dar-lhe um tabefe!

Sara pôs-se de pé em três tempos. É preciso não esquecer que fora arrancada à força do livro que estava a ler sobre a Bastilha e que tivera de fazer um grande esforço ao dar-se conta de que tinha de ir cuidar da sua filha adotiva. Não era um anjo e não nutria qualquer simpatia por Lavinia. Dirigiu-se a ela com veemência:

– Pois eu também gostaria de te esbofetear, mas não quero esbofetear-te! – exclamou, dominando-se. – Ou melhor, *quero* esbofetear-te e *gostaria* de te esbofetear, mas *não* o farei. Não somos crianças grosseiras. Temos ambas idade

suficiente para nos comportarmos como deve ser.

Era a oportunidade por que Lavinia esperava.

– Ah, com certeza, sua alteza real. Somos princesas, segundo julgo crer. Pelo menos uma de nós é. O colégio vai tornar-se muito famoso, agora que Miss Minchin tem uma princesa como aluna.

Sara avançou para ela. Dir-se-ia que se preparava para a esbofetear. E talvez fosse verdade. O hábito de fazer de conta era a alegria da sua vida. Nunca falava dele a não ser com raparigas com as quais simpatizasse. O seu novo faz-de-conta, acerca de ser uma princesa, era uma coisa que levava muito a peito e, portanto, era muito sensível em relação a isso. Tudo fizera para o manter em segredo, mas ali estava Lavinia a ridicularizá-lo diante de quase toda a escola. Sentiu o sangue subir-lhe às faces e foi por pouco que se conteve. As princesas não tinham acessos de raiva, foi o pensamento que a salvou. Deixou pender a mão e ficou imóvel por um momento. Quando se pronunciou, fê-lo num tom firme e calmo. Manteve a cabeça bem direita e fez por que toda a gente a escutasse.

– É verdade. Por vezes faço de conta que sou uma princesa, e assim tento comportar-me como se o fosse.

Lavinia não soube o que dizer. Já por várias vezes se vira sem resposta satisfatória quando digladiara argumentos com Sara. A razão para tal era que, de alguma forma, as restantes pareciam estar sempre de acordo com a sua oponente. Reparou mais uma vez que arrebitavam as orelhas, interessadas no que Sara dizia. A verdade era que gostavam de princesas e esperavam escutar alguma coisa mais concreta em relação àquela, e por isso pendiam mais para o lado de Sara.

Só ocorreu a Lavinia um comentário, que não produziu o efeito desejado.

– Só espero que, quando subires ao trono, não te esqueças de nós!

– Não esquecerei – respondeu Sara, e não disse nem mais uma palavra, permanecendo imóvel a olhar fixamente para Lavinia, enquanto esta dava o braço a Jessie e abandonava a sala de aulas.

Depois daquilo, as raparigas que a invejavam começaram a referir-se a ela como «princesa Sara» quando queriam ridicularizá-la, ao passo que as que gostavam dela lhe davam o mesmo nome, mas em demonstração de afeto. Ninguém a tratava por «princesa» em vez de «Sara», mas as suas admiradoras ficavam encantadas com o caráter pitoresco e grandiosidade do título, e até Miss Minchin, ao tomar conhecimento do que se passava, o mencionou mais do que uma vez a pais que iam visitar o colégio, acreditando que tal conferia ao seu estabelecimento de ensino uma aura de internato aristocrático.

Becky achava aquela forma de tratamento a mais adequada. O relacionamento, travado naquela tarde de nevoeiro em que despertara aterrorizada do seu sono involuntário no cadeirão, crescera e desenvolvera-se, às escondidas, é certo, de Miss

Minchin e de Miss Amelia. Já ambas se haviam dado conta de que Sara era «bondosa» com a criada da copa, mas nada sabiam acerca de determinados momentos prazerosos, e arriscados, em que, tendo preparado os quartos do piso de cima com a velocidade de um relâmpago, Becky chegava à sala de estar de Sara e pousava o pesado balde do carvão com um suspiro de felicidade. Nessas ocasiões, Sara contava-lhe mais um episódio de alguma história e certas guloseimas eram devoradas ou escondidas nos bolsos para serem consumidas à noite, quando Becky subia ao seu quarto nas águas-furtadas.

– Mas tenho de as comer com cuidado, *miss* – referiu ela uma vez –, pois se deixar cair migalhas, as ratazanas aparecem para as devorar.

– Ratazanas! – exclamou Sara, horrorizada. – Há ratazanas no teu quarto?

– Muitas, *miss* – respondeu Becky, de uma forma bastante prosaica. – Nas águas-furtadas, o que há mais é ratazanas e ratos. Acabamos por nos habituar ao barulho que fazem a andar de um lado para o outro. Eu já me habituei, por isso não me incomodam, desde que não passem por cima do meu travesseiro.

– Meu Deus! – comentou Sara.

– Ao fim de algum tempo, habituamo-nos a qualquer coisa. Tem mesmo de ser, *miss*, quando se nasce criada da copa. Prefiro ter ratos no meu quarto do que baratas – disse Becky.

– Creio que também preferiria. Calculo que, com o tempo, seria possível travar amizade com um rato, mas acho que não gostaria nada de ser amiga de uma barata.

Por vezes, Becky não se atrevia a ficar mais do que alguns minutos na sala quente e luminosa de Sara, e, quando assim era, apenas trocavam umas poucas palavras e um pequeno embrulho era colocado no bolso que, à moda antiga, Becky usava sob a saia, atado com uma fita em redor da cintura. A procura e descoberta de coisas boas para comer que pudessem ser embaladas num pequeno pacote dera um novo interesse à existência de Sara. Sempre que saía, contemplava as montras das lojas com interesse. A primeira vez que lhe ocorreu levar consigo três pequenas empadas de carne, sentiu que tinha feito uma grande descoberta. Ao exibi-las, os olhos de Becky cintilaram.

– Oh, *miss*! Isto é bom e alimenta. As coisas que alimentam são as melhores. O pão de ló é uma coisa divinal, mas desaparece num instante... se é que me entende, *miss*. As empadas duram no estômago.

– Bom, penso que não seria bom se durassem para sempre, mas acho que te alimentarão e serão reconfortantes – comentou Sara.

E foram, de facto, assim como as sanduíches de carne de vaca e os pãezinhos com mortadela que Sara passou a comprar para ela. Pouco a pouco, Becky foi começando a sentir-se menos fraca e cansada, e o balde do carvão já não lhe parecia um fardo tão grande.

Por mais pesado que fosse, independentemente do mau humor da cozinheira e da dureza do trabalho que lhe era imposto, podia sempre esperar com expectativa pelo final da tarde, pela oportunidade de estar com Miss Sara na sua sala de estar. Na verdade, a mera presença de Miss Sara, mesmo sem as empadas e as sanduíches, seria suficiente para suportar tudo aquilo. Se houvesse apenas tempo para umas palavras, eram sempre amistosas e alegres e reconfortavam-lhe o coração; e quando Becky se podia demorar mais, então havia um trecho de uma história ou mais qualquer coisa que depois, antes de adormecer no seu quarto, Becky recordava. Sara, que fazia apenas o que inconscientemente mais gostava de fazer, já que a natureza lhe concedera uma alma bondosa e caridosa, estava longe de imaginar o que representava para a pobre Becky. Quando a natureza faz de nós benfeitores, nascemos magnânimes, mãos-largas e de coração aberto; e embora possa haver alturas em que as nossas mãos estejam vazias, o coração está sempre cheio e pode dar coisas belas e amáveis, como ajuda, consolo e alegria; e, por vezes, a alegria, o riso, é a melhor ajuda de todas.

Ao longo da sua curta, pobre e dura vida, Becky mal soubera o que era o riso. Sara fazia-a rir e ria-se com ela, e embora nenhuma das duas o soubesse, o riso alimentava tanto como as empadas.

Umas semanas antes do seu décimo primeiro aniversário, Sara recebeu uma carta do pai, mas não parecia ter sido escrita com a boa disposição jovial do costume. O papá não estava bem e era evidente que se sentia sobrecarregado com os negócios relacionados com as minas de diamantes.

«Sabes, minha Sara», escrevia ele, «o teu papá não é nem de perto nem de longe um homem de negócios, e os números e a papelada aborrecem-no. Não os compreende e tudo lhe parece intimidante e complicado. Se não me sentisse febril, talvez não ficasse acordado, remexendo-me para um lado e para o outro durante metade da noite, e não passasse a outra metade a debater-me com sonhos perturbadores. Se a minha senhorinha estivesse aqui, creio bem que me daria um conselho sério e sensato. Darias, não darias, senhorinha?»

Uma das muitas brincadeiras do capitão era chamar à filha a sua «senhorinha», por causa do seu ar adulto e solene.

Fizera preparativos maravilhosos para o aniversário dela. Entre outras coisas, encomendara uma boneca nova em Paris, e o seu guarda-roupa seria do mais magnífico alguma vez visto. Ao responder à carta do pai, que perguntava se uma boneca seria um presente aceitável, Sara fora muito peculiar e engraçada.

«Estou a ficar muito crescida», escreveu, «e deixarei de ter idade para receber bonecas. Esta será a minha última boneca. Há qualquer coisa de solene nisso. Se soubesse escrever poesia, estou certa de que um soneto sobre “A Última Boneca” seria lindo. Todavia, não sei escrever poesia. Tentei, mas só me fez rir. Não soava

nem um pouco como os poemas de Watts, Coleridge ou Shakespeare. Ninguém poderá alguma vez ocupar o lugar da Emily, mas acarinharei muito a Última Boneca, e tenho a certeza de que toda a escola a adorará. Todas as raparigas gostam de bonecas, embora algumas das mais crescidas, as que têm quase quinze anos, façam de conta que são demasiado adultas para gostar delas.»

O capitão Crewe estava com uma dor de cabeça lancinante quando leu aquela carta no seu bangaló, na Índia. Na mesa à sua frente amontoavam-se cartas e papéis que o alarmavam e o deixavam ansioso, mas riu-se como há semanas não ria ao ler as palavras da filha.

«A cada ano que passa, vai-se tornando mais espirituosa. Oxalá este negócio se endireite e me deixe tempo livre para ir a correr vê-la. O que eu não daria para ter os seus pequenos braços em redor do meu pescoço neste momento! O que eu não daria...!», pensou o capitão.

O aniversário deveria ser celebrado com grandes festividades. A sala de aulas seria decorada e haveria uma festa. As caixas contendo os presentes seriam abertas com grande cerimónia e na sala de estar privada de Miss Minchin servir-se-ia um magnífico festim.

Quando o dia chegou, toda a casa foi tomada por um frenesim de agitação. A manhã passou num ápice, tantos eram os preparativos. A sala de aulas foi decorada com festões de azevinho, as carteiras afastadas e os bancos, dispostos em volta da sala, foram tapados com cobertas encarnadas.

De manhã, quando Sara entrou na sua sala de estar, encontrou em cima da mesa um pequeno embrulho de papel pardo. Percebeu que se tratava de um presente e adivinhou logo de quem era. Abriu-o com todo o carinho. Era uma almofada para alfinetes feita de flanela encarnada, um pouco surrada. Sobre a pregadeira, vários alfinetes de cabeça preta haviam sido dispostos de maneira a formar as palavras «Feliz Aniversário».

– Oh! Aos trabalhos que ela se deu! Gosto tanto que... que até sinto vontade de chorar – exclamou Sara, enternecida

No entanto, no momento seguinte, ficou confusa. Preso ao fundo da alfineteira estava um cartão com um nome impresso em bonitas letras: «Miss Amelia Minchin.»

Sara ficou a olhar para o cartão.

«Miss Amelia?!», disse para si mesma. «Mas como pode ser?»

Nesse preciso instante, escutou a porta abrir-se e viu a cabeça de Becky a assomar-se pela frincha.

Tinha um sorriso alegre e afetuoso no rosto e avançou meio tímida, torcendo nervosamente as mãos.

– Gosta, Miss Sara? – inquiriu. – Gosta?

– Se gosto? Oh, querida Becky, claro que sim, foi feita por ti.

Becky soltou uma fungadela histérica mas alegre, e os seus olhos encheram-se de lágrimas de felicidade.

– É apenas flanela, e já nem era nova, mas eu queria oferecer-lhe qualquer coisa e fui fazendo isso à noite. Sabia que Miss Sara seria capaz de fazer de conta que era de cetim com alfinetes de diamantes. Eu própria tentei fazê-lo quando estava a costurá-la. Quanto ao cartão, *miss* – continuou Becky, num tom hesitante –, não foi mal feito da minha parte tirá-lo do caixote dos papéis, pois não? Miss Amelia tinha-o deitado fora. Eu não tinha nenhum cartão meu e sabia que não seria um presente como devia ser se não levasse cartão, por isso pus o de Miss Amelia.

Sara correu para ela e abraçou-a. Não sabia explicar a si mesma, ou a quem quer que fosse, por que motivo sentia um nó na garganta.

– Oh, Becky! Gosto muito de ti! A sério que sim! – exclamou, com uma risadinha lacrimosa.

– Oh, *miss*! – murmurou Becky. – Obrigada, *miss*, mas não é caso para isso. A flanela nem era nova.

7

DE NOVO AS MINAS DE DIAMANTES

Quando Sara entrou na engalanada sala de aulas, fê-lo à cabeça de uma espécie de procissão. Miss Minchin, no seu melhor vestido de seda, conduzia-a pela mão. Um criado seguia-as, carregando a caixa contendo a Última Boneca, uma criada transportava uma segunda caixa e Becky fechava o cortejo, levando uma terceira caixa e vestindo um avental limpo e uma touca nova. Sara teria preferido entrar na sala da forma habitual, mas Miss Minchin mandara-a chamar e, depois de uma conversa na sua sala de estar privada, expressara os seus desejos.

– Não é uma ocasião normal, por isso não pretendo que seja tratada como tal – referiu Miss Minchin.

Assim, Sara foi conduzida até à sala de um modo grandioso e sentiu-se embaraçada quando, à sua entrada, as raparigas mais velhas a fitaram e se acotovelaram umas às outras, com as mais pequenas a começarem a agitar-se alegremente nos seus lugares.

– Silêncio, meninas! – ordenou Miss Minchin perante o burburinho que se gerou. – James, pouse a caixa em cima da mesa e tire-lhe a tampa. Emma, coloque a sua numa cadeira. Becky! – chamou de repente, num tom severo.

Contagiada pela agitação, Becky esquecera o que devia fazer e estava a sorrir para Lottie, que se remexia, de tanta expectativa. A reprovadora voz sobressaltou-a de tal modo, que quase deixou cair a caixa que segurava, e a vénia assustada que fez, em jeito de desculpa, saiu-lhe tão desajeitada que Lavinia e Jessie se riram à socapa.

– Não estás aqui para olhar para as meninas! Que disparate! Pousa a caixa! – ralhou Miss Minchin.

Becky obedeceu com uma diligência alarmada e recuou às pressas para a porta.

– Podem retirar-se – anunciou Miss Minchin para os criados, com um aceno de mão.

Becky desviou-se respeitosamente para deixar passar primeiro os criados seus superiores. Não pôde deixar de lançar um olhar anelante à caixa que estava em cima da mesa. Por entre as pregas de papel de seda espreitava qualquer coisa de cetim azul.

– Eu gostaria que a Becky ficasse, se faz favor, Miss Minchin – disse Sara, de repente.

Foi um ato ousado da sua parte. Miss Minchin foi traída por um pequeno estremecimento. Empurrou os óculos pela cana do nariz e contemplou a sua aluna- -modelo com perplexidade.

– A Becky? Minha querida Sara! – exclamou Miss Minchin.

Sara deu um passo na direção dela.

– Gostaria que ela ficasse porque sei que gostará de ver os presentes. Tal como nós, é uma criança.

Miss Minchin estava escandalizada. Olhava ora para uma, ora para outra.

– Minha querida Sara, a Becky é a criada da copa. As criadas da copa não são... crianças.

Nunca lhe ocorrera, de facto, semelhante ideia. Para ela, as criadas da copa eram máquinas que carregavam baldes de carvão e acendiam o lume.

– Mas a Becky é, e tenho a certeza de que se divertirá. Por favor, deixe-a ficar, por ser o meu aniversário.

Miss Minchin respondeu com grande dignidade:

– Uma vez que é o seu aniversário, concedo-lhe esse desejo. Rebecca, agradeça a Miss Sara pela sua imensa amabilidade.

Encostada a um canto, Becky torcia a bainha do seu avental numa grande ansiedade. Avançou então, fazendo vénias, e, enquanto agradecia, com as palavras a atropelarem-se umas às outras, trocou com Sara um olhar de cumplicidade.

– Oh, *miss*! Muito obrigada, *miss*! Do fundo do coração! Eu queria mesmo muito ver a boneca, *miss*. Obrigada, *miss*. E obrigada também, minha senhora, por me permitir tomar esta liberdade – acrescentou, virando-se para Miss Minchin e fazendo uma vénia.

Miss Minchin acenou de novo com a mão, desta vez na direção do canto perto da porta.

– Vai para ali. Não te quero demasiado perto das meninas – comandou.

Becky regressou ao seu canto, com um sorriso nos lábios. Pouco lhe importava para onde a mandavam, desde que pudesse ter a sorte de ficar ali, ao invés de na copa, enquanto aquelas maravilhas decorriam. Nem sequer se importou quando Miss Minchin clareou a garganta ominosamente e voltou a pronunciar-se.

– Ora bem, meninas, tenho umas palavras para vos dirigir – anunciou ela.

– Oh, vai fazer um discurso! Quem dera que já tivesse terminado – sussurrou uma das raparigas.

Sara ficou bastante constrangida. Uma vez que era a sua festa, o mais certo era que o discurso fosse acerca dela. Não era agradável ser assim o centro das atenções.

– Como decerto as meninas sabem – começou o discurso, pois tratava-se de facto de um discurso –, a nossa querida Sara faz hoje onze anos.

– *Querida* Sara! – murmurou Lavinia.

– Várias das meninas aqui presentes também já fizeram onze anos, mas os aniversários da Sara são bem diferentes dos das outras meninas. Quando ela for mais velha, será a herdeira de uma grande fortuna, que terá o dever de gastar de uma forma meritória.

– As minas de diamantes – gracejou Jessie, em voz baixa.

Sara não a escutou. Com os seus olhos cinza-esverdeados cravados em Miss Minchin, começou a sentir-se afogueada. Sempre que esta falava de dinheiro, Sara sentia que a detestava e, claro, era desrespeitoso detestar os adultos.

– Quando o seu caro papá, o capitão Crewe, a trouxe da Índia e a entregou ao meu cuidado – prosseguiu o discurso –, disse-me, num tom brincalhão: «Creio bem que ela virá a ser muito rica, Miss Minchin.» A minha resposta foi: «A educação que ela receberá no meu colégio, capitão Crewe, será digna da maior fortuna.» A Sara tornou-se a minha aluna mais notável. A forma como fala francês e dança são uma honra para o colégio. As suas maneiras, que vos levaram a apelidá-la de «princesa Sara», são perfeitas. A amabilidade que demonstra ao oferecer-vos esta festa não conhece limites. Espero que saibam apreciar a sua generosidade. Quero que exprimam o vosso apreço dizendo todas juntas: «Obrigada, Sara!»

A sala em peso pôs-se de pé, como acontecera na manhã que Sara tão bem recordava.

«Obrigada, Sara!», disseram todas as meninas a uma só voz. Lottie, diga-se, pôs-se inclusive aos pulinhos. Sara ficou muito embaraçada por um momento. Em agradecimento, fez uma vénia muito bem executada.

– Obrigada por terem vindo à minha festa – disse ela.

– Que vénia tão bonita, Sara – elogiou Miss Minchin. – É o que uma princesa verdadeira faz quando a populaça a aplaude. Lavinia, o som que acabou de fazer não me pareceu nada bem – disse, com um olhar fulminante na direção dela. – Se tem ciúmes da sua colega, sugiro que exprima os seus sentimentos de uma forma mais graciosa e própria de uma senhora. E agora deixo-vos, para desfrutarem da festa.

Assim que Miss Minchin abandonou a sala, o feitiço que a sua presença tinha sobre as alunas quebrou-se. Ainda a porta não se tinha fechado por completo e já todas haviam abandonado os seus lugares. As mais pequenas pulavam ou precipitavam-se dos seus assentos e as mais velhas também não perderam tempo a desertar dos delas. Seguiu-se uma corrida às caixas. Sara curvara-se sobre uma delas com uma expressão de felicidade.

– São livros, tenho a certeza – declarou.

Entre as crianças mais pequenas elevou-se um murmúrio de desapontamento, e Ermengarde fez um ar chocado.

– O teu papá também te envia livros como presente de aniversário? Nesse caso, é tão horrível como o meu. Não abras, Sara.

– Eu gosto de livros – alegou ela, com uma gargalhada, mas virou-se para a maior de todas as caixas. Quando daí tirou a Última Boneca, esta era tão magnífica que as crianças sustiveram a respiração, de tão maravilhadas, e chegaram a recuar para melhor a observarem.

– É quase do tamanho da Lottie – fez notar uma delas.

Lottie bateu palmas e pôs-se a dançar e a dar risadinhas.

– Está vestida para ir ao teatro. O manto dela é debruado a arminho – comentou Lavinia.

– Oh, e tem um binóculo de teatro na mão! Azul e dourado – exclamou Ermengarde, precipitando-se para a frente.

– Aqui está a arca do enxoval. Vamos abri-la para ver as coisas dela – sugeriu Sara.

Sentou-se no chão e rodou a chave. As crianças aglomeraram-se em redor dela, em grande agitação e clamor, ao mesmo tempo que Sara ia abrindo os compartimentos e revelando o seu conteúdo. Nunca a sala de aulas testemunhara semelhante rebuliço. Havia golas de renda, meias de seda e lenços de assoar; havia um guarda-joias com um colar e uma tiara que pareciam mesmo feitos de diamantes verdadeiros; havia uma comprida pele de foca e um abafo, vestidos de baile e vestidos de passeio; havia chapéus e luvas e leques. Até Lavinia e Jessie se esqueceram de que já não tinham idade para gostar de bonecas e teceram exclamações de entusiasmo, pegando em coisas para as admirar.

– Imaginemos que ela compreende o que dizemos e se sente orgulhosa por ser admirada – aventou Sara, levantando-se e colocando um imponente chapéu de veludo preto na sorridente e impassível dona de todos aqueles esplendores.

– Estás sempre a imaginar coisas – respondeu Lavinia, com um dos seus ares de superioridade.

– Bem sei. Gosto de o fazer. Não há nada melhor do que fazer de conta. É quase como se fôssemos uma fada madrinha. Se imaginarmos uma coisa com todas as nossas forças, é como se fosse verdadeira – respondeu Sara, sem se deixar perturbar.

– É muito fácil imaginar coisas quando se tem tudo – fez notar Lavinia. – Serias capaz de imaginar e fazer de conta que eras uma pedinte e vivias numas águas-furtadas?

Sara parou de compor as penas de avestruz do chapéu da Última Boneca e fez um ar pensativo.

– Sim, creio que seria capaz. Se fosse uma mendiga, penso que teria de imaginar e fazer de conta a toda a hora, mas talvez não fosse fácil.

Mais tarde, Sara pensou muitas vezes em como fora estranho que, nesse preciso momento, Miss Amelia tivesse entrado na sala.

– Sara, o advogado do seu papá, o senhor Barrow, veio falar com Miss Minchin e

ela tem de conversar com ele a sós. Uma vez que o lanche será servido na saleta dela, é melhor virem lanchar agora, para que a minha irmã possa receber o senhor Barrow aqui na sala de aulas.

Um lanche era coisa que não se desdenhava em altura alguma, portanto, muitos pares de olhos cintilaram perante aquela sugestão. Miss Amelia mandou que se colocassem em fila, duas a duas, e liderou o desfile, com Sara a seu lado, deixando a Última Boneca sentada numa cadeira com as glórias do seu guarda-roupa espalhadas em seu redor: vestidos e casacos pendurados nas costas de cadeiras, saiotes e combinações debruados a renda estendidos nos assentos das mesmas.

Becky, que não participaria no lanche, cometeu a indiscrição de se deter por um momento para contemplar aquelas maravilhas; era de facto uma leviandade da sua parte.

– Volta para o teu trabalho, Becky! – ordenara-lhe Miss Amelia, mas Becky deixara-se ficar para trás, para observar reverentemente primeiro um abafo e depois um casaco; e, enquanto os admirava, escutou Miss Minchin do outro lado da porta e, morrendo de medo de ser descoberta e acusada de tomar liberdades, correu para debaixo da mesa, onde ficou escondida pela comprida toalha.

Miss Minchin entrou na sala acompanhada por um senhor baixo, de feições severas e secas e com um ar perturbado. A própria Miss Minchin parecia incomodada e olhava para o cavalheiro com uma expressão irritada e curiosa.

Sentou-se com uma dignidade formal e acenou para uma cadeira.

– Faça favor de se sentar, senhor Barrow – disse.

O Sr. Barrow não se sentou de imediato. A sua atenção parecia ter sido atraída pela Última Boneca e pelo guarda-roupa que a rodeava. Colocou os óculos e contemplou tudo com evidente reprovação. A Última Boneca, contudo, parecia não se incomodar nem um pouco com isso. Sentada muito direita, limitava-se a devolver-lhe o olhar, com indiferença.

– Umas boas centenas de libras. Tecidos dos mais caros e tudo feito numa modista parisiense. Gastava dinheiro com liberalidade, não haja dúvidas – comentou o Sr. Barrow sem preâmbulo.

Miss Minchin sentiu-se ofendida. Tratava-se de um descrédito ao seu melhor mecenas, e de um abuso.

Nem mesmo os advogados tinham o direito de tomar liberdades.

– Lamento, mas não estou a entender, senhor Barrow – reclamou ela, num tom inflexível.

– Semelhantes presentes de aniversário para uma criança de onze anos! Uma extravagância desregrada, na minha opinião – explicou o Sr. Barrow, sem mudar de atitude.

Na sua indignação, Miss Minchin endireitou-se ainda mais na cadeira.

– O capitão Crewe é dono de uma grande fortuna – correu ela em defesa dele. – Só as minas de diamantes...

O Sr. Barrow deu então meia volta e virou-se para ela.

– Minas de diamantes! Pois sim... Não existem, nem nunca existiram!

Sobressaltada, Miss Minchin pôs-se de pé.

– Como? Que quer dizer com isso? – exigiu saber.

– Seja como for, seria bem melhor que nunca tivessem mesmo existido – respondeu o Sr. Barrow, com impertinência.

– Nunca tivessem existido? – papagueou Miss Minchin, agarrando-se às costas de uma cadeira com a sensação de que um magnífico sonho lhe escapava das mãos.

– Esta história das minas de diamantes é mais vezes motivo de ruína do que de riqueza – continuou o Sr. Barrow. – Quando um homem se vê nas mãos de um amigo chegado e não é ele mesmo um homem de negócios, o melhor que tem a fazer é manter-se longe das minas de diamantes, ou minas de ouro, ou de qualquer outro tipo de minas em que o seu dito amigo chegado pretenda que ele invista o seu dinheiro. O falecido capitão Crewe...

Desta feita, Miss Minchin interrompeu-o com uma exclamação:

– O *falecido* capitão Crewe! – gritou ela. – O *falecido*! Não veio com certeza dizer-me que o capitão Crewe...

– Faleceu, minha senhora – completou o Sr. Barrow, com uma brusquidão descortês. – Morreu de um misto de febre dos matos e preocupações financeiras. Talvez a febre não o tivesse matado, se as dificuldades financeiras não o tivessem conduzido ao desespero, e as dificuldades financeiras talvez não lhe tivessem ditado o final, se a febre dos matos não tivesse ajudado. O capitão Crewe está morto!

Miss Minchin tombou na sua cadeira, tomada de pânico pelas palavras do advogado.

– E quais eram as dificuldades financeiras do capitão? – inquiriu ela.

– Minas de diamantes e amigos chegados... e a ruína – respondeu o Sr. Barrow.

Miss Minchin ficou sem fôlego.

– Ruína! – balbuciou ela, num sussurro.

– Perdeu tudo, até ao último cêntimo. O capitão tinha demasiado dinheiro. O tal amigo chegado falou-lhe entusiasticamente da mina de diamantes, garantindo que seria um êxito. Disse-lhe que investira todo o seu dinheiro no negócio e convenceu o capitão Crewe a fazer o mesmo. Um dia, o amigo chegado desapareceu... O capitão Crewe estava já atacado pela febre quando recebeu a notícia. O choque foi demasiado para ele. Morreu delirante, a chamar pela filha, à qual não deixou um tostão.

Miss Minchin compreendeu então o que acontecera, e nunca na vida recebera um golpe assim. A sua aluna-modelo e o seu melhor cliente, arrebatados assim de uma

só penada. Sentia-se como se tivesse sido ultrajada e roubada, e os culpados eram o capitão Crewe, Sara e o Sr. Barrow, em igual medida.

– Está a dizer-me que ele não deixou *nada*? Que Sara não herdará qualquer fortuna? Que a criança é uma pedinte? Que, em vez de uma herdeira, tenho aos meus cuidados uma mendiga?

O Sr. Barrow era um advogado astuto e achou melhor aproveitar o ensejo para deixar bem claro que não lhe podiam ser assacadas quaisquer responsabilidades.

– É sem dúvida uma pedinte e fica seguramente aos seus cuidados, uma vez que não se lhe conhecem quaisquer parentes.

Miss Minchin deu uns passos em frente. Dir-se-ia que a sua intenção era sair porta fora e ir colocar um ponto final nas festividades que decorriam alegre e ruidosamente na sua sala de estar privada.

– É monstruoso! Ela está na minha sala de estar neste momento, vestida de seda e rendas da cabeça aos pés, a dar uma festa às minhas custas!

– Às *suas* custas, sem dúvida, minha senhora – reiterou o Sr. Barrow, com toda a calma. – A Barrow & Skipworth não se responsabiliza por nada. Nunca vi um homem perder toda a sua fortuna de uma forma tão rápida. O capitão Crewe faleceu sem liquidar a nossa última conta, e olhe que era choruda.

Miss Minchin virou as costas à porta, cada vez mais indignada. A situação era ainda pior do que qualquer um podia ter imaginado.

– Foi o que me aconteceu também! – gritou ela. – Sempre tão confiante nos pagamentos dele, dei-me a todo o tipo de despesas ridículas com a sua filha. Fui eu quem pagou aquela ridícula boneca e o seu excêntrico guarda-roupa. A menina deveria ter tudo o que desejasse. Tem uma carruagem e um pónei e uma criada, e desde o último cheque que ele me enviou, fui eu quem pagou tudo.

O Sr. Barrow, evidentemente, não fazia tenções de ficar ali a escutar as queixas de Miss Minchin, depois de ter tornado clara a posição da sua firma e relatado os factos de que estava encarregado. Não sentia nenhuma compaixão em particular por diretoras de colégios internos iradas.

– Será melhor não pagar mais nada, minha senhora, a não ser que queira oferecer presentes à jovem menina – aconselhou ele. – Ninguém se lembrará de si. Ela não tem um chavo a que possa chamar seu.

– Mas que hei de eu fazer? – perguntou Miss Minchin, como se achasse que era dever do Sr. Barrow remediar a situação.

– Não há nada a fazer. O capitão Crewe morreu. A criança não tem herança. Mais ninguém é responsável por ela a não ser a senhora – respondeu o Sr. Barrow, dobrando as hastes dos óculos e guardando-os no bolso.

– Não sou responsável por ela e recuso-me a ser responsabilizada!

Miss Minchin ficou lívida de raiva.

O Sr. Barrow virou-se para partir.

– Nada tenho que ver com isso, minha senhora. A Barrow & Skipworth é totalmente alheia a tudo isto. Lamentamos muito o sucedido, é claro – disse ele, com grande indiferença.

– Se acha que ela me será impingida a mim, está muito enganado. Fui enganada e roubada. Pô-la-ei no olho da rua! – barafustou Miss Minchin.

Se não estivesse tão furiosa, a circunspeção não a teria deixado dizer semelhante coisa. Porém, via-se sobrecarregada com uma criança educada de forma extravagante pela qual nunca nutrira grande simpatia, e por isso perdera o autocontrolo.

Impassível, o Sr. Barrow dirigiu-se para a porta.

– Se fosse a si, minha senhora, não o faria. Não será bem visto. Não quererá uma história tão desagradável associada ao seu estabelecimento. Aluna posta na rua sem dinheiro e sem família.

Era um homem inteligente e sabia do que falava. Sabia também que Miss Minchin era uma mulher de negócios e seria suficientemente astuciosa para ver a razão. Não se podia dar ao luxo de praticar um ato que levasse as pessoas a descrevê-la como cruel e impiedosa.

– Melhor será mantê-la e pô-la a bom uso. É uma criança inteligente, segundo julgo saber. Poderá prestar-lhe bons serviços quando crescer – acrescentou ele.

– Pô-la-ei a bom uso antes mesmo de ela crescer! – exclamou Miss Minchin.

– Estou certo que sim, minha senhora – concordou o Sr. Barrow, com um sorriso sinistro. – Estou certo que sim. Tenha um bom dia!

E, com uma vénia, saiu e fechou a porta. É preciso que se diga que Miss Minchin ficou uns momentos a dardejá-la com o olhar. O que ele dissera era a mais pura das verdades, e ela sabia disso. Não havia como remediar a situação. A aluna que fora o exemplo e o orgulho do colégio não passava agora de uma criança reduzida à miséria e sem família. E o dinheiro que avançara em nome dela estava irremediavelmente perdido.

Ali de pé, ofegante perante a monstruosa injustiça de que se via vítima, chegaram-lhe aos ouvidos as vozes alegres das crianças, vindas da sua sala de estar privada, de que abdicara em prol da festa. A isso pelo menos podia pôr termo de imediato.

Ao avançar para a porta, esta abriu-se e Miss Amelia entrou. Ao avistar a expressão alterada e furiosa da irmã, deu um passo atrás, alarmada.

– Que se passa, mana? – indagou.

Miss Minchin respondeu num tom quase feroz:

– Onde está a Sara Crewe?

Miss Amelia estava perplexa.

– A Sara? Está com as restantes crianças na sua saleta, é claro – gaguejou.

– Ela tem algum vestido preto no seu sumptuoso guarda-roupa? – inquiriu Miss Minchin, com uma amarga ironia.

– Um vestido preto? – voltou a tartamudear Miss Amelia.

– Ela tem vestidos de todas as cores. Pergunto se tem algum preto.

Miss Amelia começou a empalidecer.

– Não... sim... tem! Mas está-lhe muito curto. Tem um vestido de veludo preto, mas já lhe fica pequeno.

– Vá dizer-lhe que dispa aquele ridículo vestido de seda cor-de-rosa e vista o preto, esteja ele como estiver. Acabaram-se os enfeites!

Miss Amelia começou então a torcer as suas mãos sapudas e a chorar.

– Oh, mana! – fungou. – Oh, mana! Que aconteceu?

Miss Minchin não desperdiçou palavras:

– O capitão Crewe morreu, sem um vintém. Aquela criança mimada, mal habituada e caprichosa ficou na miséria, e nas minhas mãos!

Miss Amelia sentou-se pesadamente na cadeira mais próxima.

– Centenas de libras gastei eu em ridicularias para ela, e nunca verei nem um cêntimo de volta. Ponha termo àquela disparatada festa e mande-a mudar de vestido neste instante.

– Eu? Tenho mesmo de ir dizer-lho agora? – inquiriu Miss Amelia, em voz baixa e respirando com esforço.

– Neste instante! Não fique aí especada como uma palerma! Vá! – foi a resposta feroz que teve.

A pobre Miss Amelia estava habituada a ser tratada assim. Sabia que a inteligência não era o seu maior trunfo e que as pessoas como ela eram frequentemente encarregadas das tarefas mais desagradáveis. Era um pouco embaraçoso entrar numa sala cheia de crianças bem-dispostas e dizer à anfitriã da festa que se transformara de repente numa pequena pedinte e que tinha de ir ao quarto vestir um velho vestido preto que lhe ficava demasiado curto. Todavia, isso tinha de ser feito. Não era evidentemente a altura certa para fazer perguntas.

Esfregou os olhos com o lenço até ficarem encarnados e depois levantou-se e abandonou a sala, sem se atrever a dizer mais uma palavra que fosse. Quando a sua irmã mais velha ficava naquele estado de irritação, o mais sensato era obedecer às suas ordens sem fazer qualquer comentário. Miss Minchin pôs-se a andar de um lado para o outro da sala, falando sozinha sem dar por isso. Durante o último ano, a história das minas de diamantes fizera-a sonhar com todo o tipo de possibilidades. Até as diretoras de colégios podiam fazer fortuna em ações, com a ajuda e conselhos de proprietários de minas. Agora, em vez de ansiar por lucros, tinha de lamentar perdas.

– A *princesa* Sara, pois sim! Tem é sido adulada como se fosse uma *rainha*! –

exclamou.

Passava junto à mesa do canto quando disse aquelas palavras e sobressaltou-se ao escutar uma fungadela ruidosa e soluçante vinda de debaixo da toalha.

– Que é isto? – inquiriu, zangada. A fungadela ruidosa e soluçante voltou a ouvir-se e Miss Minchin inclinou-se e levantou a toalha. – Que audácia! Como te *atreves*? Sai já daí! – gritou.

Foi a pobre Becky quem gatinhou de debaixo da mesa. Trazia a touca inclinada para o lado e o rosto encarnado de reprimir o choro.

– Desculpe, minha senhora, sou eu. Sei que não devia estar aqui, mas estava a admirar a boneca, minha senhora, e fiquei cheia de medo quando a senhora entrou e por isso escondi-me debaixo da mesa – explicou ela.

– Então estiveste aí o tempo todo à escuta – disse Miss Minchin.

– Não, minha senhora, não estive à escuta. Ainda achei que conseguia escapulir-me, mas não pude e tive de ficar, não estive à escuta, minha senhora, e não o faria por nada, mas não pude deixar de ouvir – protestou Becky, com muitas vénias e reverências.

De repente, foi quase como se tivesse perdido todo o medo da sua terrível patroa. Desatou em pranto.

– Oh, por favor, minha senhora, sei que irá pôr-me na rua, mas tenho tanta pena de Miss Sara, pobrezinha... Oh, que pena!

– Sai já daqui! – ordenou Miss Minchin.

Becky fez nova vénia, as lágrimas escorrendo-lhe pelas faces abaixo.

– Sim, minha senhora, é para já. Só queria perguntar-lhe uma coisa: Miss Sara sempre foi uma menina rica, habituada a ter quem a sirva. Que irá ela agora fazer sem criada, minha senhora? Se... se, oh, se a senhora, se faz favor, me deixasse ser criada dela, depois de eu ter lavado toda a louça... Eu fazia o meu serviço depressa, se a senhora me deixasse ser a criada dela, agora que ela é pobre. Oh, pobre Miss Sara... a quem todos tratavam por princesa. – E desatou de novo a chorar.

Miss Minchin ficou ainda mais encolerizada. Só lhe faltava mesmo que aquela criadita sem eira nem beira se pusesse do lado daquela criança mimada, daquela Sara, de quem, dava-se agora bem conta, nunca gostara. Era de mais! Tal era a sua fúria, que bateu com o pé no chão.

– Não, com certeza que não! Ela há de ser criada de si mesma, e de outras pessoas também. Sai daqui neste instante ou ponho-te na rua!

Becky tapou a cara com o avental e abandonou a sala a correr. Desceu a escada até à copa e, sentando-se no meio dos seus tachos e panelas, chorou desconsoladamente, como se o seu coração se fosse partir.

– É tal e qual como nas histórias. A pobre princesa que é abandonada à sua sorte – lamentou ela.

Miss Minchin nunca se mostrara tão fria e severa como quando Sara foi ao seu gabinete, umas horas mais tarde, em resposta a uma mensagem que lhe enviara.

Por essa altura, a festa de aniversário já lhe parecia um sonho ou uma coisa que sucedera há vários anos, e na vida de uma outra menina.

Todos os vestígios das festividades tinham desaparecido: o azevinho fora arrancado das paredes da sala de aula e os bancos e carteiras colocados de novo nos seus lugares. A sala de estar de Miss Minchin retomara o seu aspeto habitual, sem sinais do lanche em parte nenhuma. As alunas tinham recebido instruções para despirem os vestidos de festa e a própria Miss Minchin reassumira o seu trajo de diretora.

– Diga à Sara que venha à minha sala, e deixe bem claro que não quero choradeiras nem cenas desagradáveis – dissera Miss Minchin à irmã.

– A Sara é a criança mais estranha que já vi, mana. Não fez qualquer espalhafato. Talvez a mana ainda se recorde que o mesmo aconteceu na altura em que o capitão Crewe regressou à Índia. Quando a informei do que acontecera, limitou-se a ficar muito quieta a olhar para mim, sem soltar um único pio. Os seus olhos esbugalharam-se cada vez mais e pôs-se muito pálida. Quando terminei, ficou na mesma, estacada por uns segundos, a olhar-me fixamente. Depois o queixo começou a tremer-lhe, deu meia volta e saiu a correr da sala em direção ao seu quarto. Várias das crianças começaram a chorar, mas dir-se-ia que ela nem as ouvia, parecia indiferente a tudo menos ao que eu dizia. Foi muito estranho não obter qualquer resposta dela. Quando se dá assim uma notícia inesperada, esperamos que a pessoa diga *qualquer coisa*, seja lá o que for.

Mais ninguém, a não ser a própria Sara, sabia o que acontecera no seu quarto depois de ter subido as escadas a correr e ter trancado a porta. Na verdade, ela mesma só se lembrava de se ter posto a andar de um lado para o outro, dizendo uma e outra vez para si mesma, numa voz que nem parecia a sua:

– O meu papá morreu! O meu papá morreu!

Numa das vezes, parou frente a Emily, sentada na sua cadeira a observá-la, e gritou:

– Emily! Ouviste? O papá morreu. Morreu na Índia, a milhares de quilómetros de distância.

Quando entrou na sala de estar de Miss Minchin, em resposta à sua mensagem, ia pálida e exibia profundas olheiras. Levava os lábios cerrados, como se não desejasse revelar o que sofrera e estava a sofrer. Não se parecia nem minimamente com a borboleta cor-de-rosa que esvoaçara de tesouro em tesouro na decorada sala de aulas. Ao invés disso, assemelhava-se a um espectro desolado e quase grotesco.

Vestira, sem a ajuda de Mariette, o vestido de veludo preto que já tinha sido posto

de lado. Ficava-lhe demasiado apertado e curto, por isso as suas esguias pernas pareciam mais compridas e magras. Uma vez que não encontrara uma fita preta, levava o cabelo curto, espesso e negro, solto em redor da cara, o que realçava ainda mais a sua palidez. Segurava Emily com força nos braços, envolta num pedaço de tecido preto.

– Pouse a boneca – ordenou Miss Minchin. – Que ideia foi a sua de a trazer consigo?

– Não, não a pouso. É tudo o que me resta. Foi o meu papá que ma deu – respondeu Sara.

Sempre fizera Miss Minchin sentir-se secretamente desconfortável, e foi o que sucedeu naquele momento. Não lhe falou com descortesia, mas com uma firmeza glacial com a qual Miss Minchin encontrou dificuldades em lidar, talvez por saber que estava a fazer uma coisa desumana e cruel.

– Não terá tempo para bonecas, de futuro. Terá de trabalhar e tornar-se útil – afirmou ela.

Sara manteve os seus olhos grandes e perturbadores fixos em Miss Minchin e não disse nem uma palavra.

– A partir de agora será tudo muito diferente. Suponho que Miss Amelia lhe tenha explicado o sucedido.

– Sim. O meu papá morreu e não me deixou dinheiro. Sou pobre – declarou Sara.

– É uma pedinte – corrigiu-a Miss Minchin, começando a ficar irritada ao recordar-se do que tudo aquilo significava. – Parece que a menina não tem família e não tem casa, nem ninguém que cuide de si.

O pequeno rosto pálido de Sara estremeceu, mas, mais uma vez, nada disse.

– Porque está a olhar para mim dessa forma? É assim tão palerma que não entende? Estou a dizer-lhe que está sozinha no mundo e que não tem ninguém que faça nada por si, a não ser que eu decida mantê-la aqui por caridade.

– Eu compreendo – respondeu Sara, em voz baixa, fazendo um som como se tivesse engolido em seco algo que tinha na garganta.

– Essa boneca – gritou Miss Minchin, apontando para o esplêndido presente de aniversário pousado numa cadeira perto dela –, essa ridícula boneca com o seu extravagante guarda-roupa... Fui eu que paguei tudo!

Sara virou a cabeça na direção da cadeira.

– A Última Boneca – disse, num tom melancólico e estranho.

– A *Última* Boneca, sem dúvida! E é minha, não sua. Todos os seus pertences são agora meus! – exclamou Miss Minchin.

– Nesse caso, fique com ela, por favor. Não a quero.

Tivesse Sara chorado e soluçado, ou feito um ar assustado, e Miss Minchin teria talvez sido mais conciliadora com ela. Era uma mulher que gostava de dominar e

exercer o seu poder, mas, ao olhar para o rosto pálido e resoluto da sua ex-aluna e ao escutar a sua voz orgulhosa, sentia-se desafiada e julgava que o seu comando era posto em causa.

– Não se arme em importante. Esse tempo já passou. Já não é uma princesa. A sua carruagem e o seu pónei serão vendidos, a sua criada será despedida. Vestirá as roupas mais velhas e simples que tiver, as restantes já não se adequam à sua situação. Agora é como a Becky e terá de trabalhar para viver – explicou Miss Minchin.

Para sua surpresa, viu um brilho nos olhos da criança, um brilho de alívio.

– Posso trabalhar? Se puder fazê-lo, não custará tanto. Que poderei eu fazer? – quis saber Sara.

– Tudo o que lhe for ordenado. É uma criança esperta e compreende rapidamente o que lhe dizem. Se se tornar útil, talvez a deixe ficar cá. Fala bem francês e poderá dar uma ajuda com as crianças mais novas.

– Posso? Oh, ainda bem! Sei que serei capaz de as ensinar. Gosto delas e elas gostam de mim.

– Não diga disparates! Que importa se gostam ou não? Terá de fazer mais do que ensinar as mais pequenas. Fará recados e ajudará na cozinha, bem como na sala de aulas. Se não me agradar, será mandada para a rua, não se esqueça disso. E agora, pode retirar-se – ordenou Miss Minchin.

Sara ficou imóvel por um momento, a olhar para Miss Minchin. No seu cérebro jovem debatiam-se profundos e estranhos pensamentos. Virou-se então para abandonar a sala.

– Espere! Não planeia agradecer-me? – inquiriu Miss Minchin.

Sara deteve-se, e os seus pensamentos tornaram-se ainda mais tumultuosos.

– Pelo quê? – devolveu ela.

– Pela minha amabilidade para consigo. Pela minha bondade em proporcionar-lhe um lar.

Sara deu dois ou três passos na direção de Miss Minchin. O seu peito elevava-se e baixava, como se estivesse a esforçar-se por conter qualquer coisa. Pronunciou-se então, num tom acalorado e nada infantil.

– A senhora não é amável. A senhora *nada* tem de bondoso e esta casa *não* é um lar. – Deu então meia volta e saiu da sala, antes que Miss Minchin conseguisse detê-la ou fazer algo mais do que ficar a olhar para ela, muda de raiva.

Sara subiu as escadas sem pressa, mas a respirar com esforço, segurando Emily com força contra o tronco.

«Quem me dera que ela falasse», disse para si mesma. «Se ao menos ela falasse... Se ao menos ela falasse!»

A sua intenção era ir para o seu quarto, deitar-se na pele de tigre com a face

encostada à cabeça enorme do felino e entregar-se aos seus pensamentos ao mesmo tempo que contemplava o lume. No entanto, ao chegar ao corredor, Miss Amelia saiu do quarto e fechou a porta atrás dela, colocando-se frente à menina com um ar nervoso e constrangido. A verdade era que se sentia envergonhada com o que a irmã lhe ordenara que fizesse.

– Não pode entrar aqui – declarou Miss Amelia.

– Não posso entrar? – repetiu Sara, chocada, dando um passo atrás.

– Este já não é o seu quarto – informou-a Miss Amelia, corando um pouco.

De repente, fez-se luz, e Sara compreendeu. Era o início da mudança que a sua vida sofreria, mudança essa anunciada por Miss Minchin.

– Onde é agora o meu quarto? – perguntou ela, esforçando-se ao máximo para que a voz não tremesse.

– Dormirá no sótão, no quarto ao lado do da Becky.

Sara sabia onde ficava. Becky falara-lhe das águas-furtadas. Voltou-se e subiu mais dois lances de escadas. O último era estreito e os degraus estavam cobertos por uma carpete muito velha e puída. Sara sentia-se como se estivesse a deixar para trás o mundo no qual aquela outra criança, que já não lhe parecia ela mesma, vivera. A menina que subia aqueles degraus em direção ao sótão, de vestido curto, apertado e velho, era uma pessoa muito diferente.

Quando chegou à porta do quarto e a abriu, sentiu um aperto no coração. Entrou, fechou a porta e encostou-se a ela, olhando em redor. Sim, era de facto outro mundo. O quarto, caiado de branco, tinha o teto inclinado. As paredes estavam enegrecidas e em algumas partes o estuque caíra. Havia uma salamandra enferrujada e uma velha cama de ferro com um colchão duro e tapado com uma colcha desbotada. Algumas peças de mobiliário, demasiado velhas para serem usadas nos pisos de baixo, tinham ali sido colocadas. Sob a trapeira, que apenas mostrava um pedaço oblongo de céu triste e pardo, havia um escabelo encarnado e muito estafado. Sara sentou-se nele. Raramente chorava, e também não o fez então. Estendeu Emily nos seus joelhos, encostou a cara à boneca, abraçou-a e ficou assim, os seus cabelos pretos confundindo-se com o trajo de luto da boneca, sem dizer uma única palavra, sem fazer um único som.

Ao fim de um momento em silêncio, escutou uma pancada suave na porta, tão leve, tão humilde que a princípio nem a escutou, e, na verdade, só levantou a cabeça quando reparou na porta a abrir-se e viu um rosto tímido e manchado pelas lágrimas a assomar-se. Era Becky. Há horas que chorava às escondidas e esfregava os olhos ao avental sujo.

– Oh, *miss*, posso... deixava-me entrar... só por um bocadinho? – perguntou ela, em voz baixa, meio a medo.

Sara olhou para ela e tentou esboçar um sorriso, mas não foi capaz. De repente, e

tudo graças ao olhar choroso, carinhoso e melancólico de Becky, o rosto de Sara assemelhou-se muito mais ao de uma criança do que ao de uma menina demasiado madura para a sua idade. Estendeu o braço e soltou um soluço.

– Oh, Becky, eu bem te disse que éramos iguais. Somos apenas duas meninas, nada mais que duas meninas. Como vês, é verdade. Não há diferença entre nós. Já não sou uma princesa.

Becky correu para ela, agarrou-lhe a mão e, apertando-a contra o seu peito, ajoelhou-se ao lado dela e chorou, de amor e compaixão.

– É sim, *miss*! – afirmou com segurança por entre os seus soluços. – Aconteça o que acontecer... seja o que for... será sempre uma princesa... e nada poderá mudar isso!

8

NO SÓTÃO

Sara nunca mais esqueceu aquela primeira noite no sótão. Passou aquelas intermináveis horas numa angústia e pesar desesperados e grandes demais para a sua idade, dos quais nunca falou a vivalma. Ninguém a teria compreendido. Foi uma felicidade, portanto, que, enquanto jazia insone mergulhada na escuridão, a sua mente tivesse sido ocasionalmente distraída pela estranheza do que a rodeava. Foi talvez uma sorte que o seu pequeno corpo a tivesse recordado de coisas materiais. Se assim não fosse, a aflição por que a sua jovem mente passara talvez tivesse sido demasiado grande para ser suportada por uma criança. Mas enquanto a noite avançava, mal se deu conta sequer de que tinha um corpo ou se recordou de qualquer outra coisa para além de uma:

– O meu papá morreu! – não parava de murmurar para si mesma. – O meu papá morreu!

Só muito tempo depois tomou consciência de que o colchão era tão duro que ela se virava para um lado e para o outro em busca de uma posição confortável, que a escuridão lhe parecia mais intensa e aterradora e que o vento uivava no telhado, por entre as chaminés, como se fosse alguém a lamentar-se; mas havia uma coisa ainda pior: ruídos, esgaravatadelas e guinchos nas paredes e por trás dos rodapés. Sabia o que significavam, pois Becky já lhos descrevera. Eram ratos e ratazanas que ou lutavam uns com os outros ou brincavam juntos. Por uma ou duas vezes, ouviu o barulho de pequeninas patas a correrem pelas tábuas do soalho, e tempos depois, ao recordar aquelas primeiras noites, lembrou-se que, ao ouvir tais ruídos pela primeira vez, se sentara na cama assustada e a tremer, e quando se voltara a deitar tapara a cabeça com as mantas.

A mudança na sua vida não sucedeu de forma gradual, mas sim de supetão.

– Não há meias medidas – argumentou Miss Minchin para Miss Amelia. – Tem de perceber de imediato o que a espera.

Mariette partira na manhã seguinte. O vislumbre que Sara teve da sua sala de estar, ao passar diante da porta aberta, mostrou-lhe que tudo fora mudado. Todos os seus pertences haviam desaparecido, e uma cama, colocada junto à parede, transformara a sala num quarto para uma nova aluna.

Quando desceu para tomar o pequeno-almoço reparou que o seu lugar ao lado de Miss Minchin estava ocupado por Lavinia, e a diretora da escola falou-lhe num tom

frio.

– Dará início às suas novas funções, sentando-se com as crianças mais novas numa mesa mais pequena. Deverá mantê-las quietas e caladas e garantir que se portam bem e não estragam comida. Devia ter descido mais cedo. A Lottie já entornou o chá.

Foi apenas o princípio, e a cada dia as suas tarefas iam aumentando. Ensinava Francês às alunas mais novas e ajudava-as com as restantes lições, e estas eram as mais fáceis das suas incumbências. Depressa perceberam que podiam utilizá-la em toda a sorte de trabalhos, e por isso mandavam-na fazer recados a qualquer hora e sob quaisquer condições atmosféricas. Mandavam-na fazer coisas que outras pessoas negligenciavam. A cozinheira e as criadas tomavam como exemplo o tom que Miss Minchin usava com ela e adoravam dar ordens à «pequena» que durante tanto tempo fora apaparicada. Não eram serviçais da melhor espécie e não tinham nem boas maneiras nem bom coração, e, muitas vezes, era-lhes conveniente ter alguém por perto sobre quem pudessem lançar as culpas pelas suas falhas e incompetências.

Durante o primeiro ou segundo mês, Sara convenceu-se de que a sua prontidão para realizar tarefas tão bem quanto podia, bem como o seu silêncio sempre que era repreendida, poderiam mitigar a crueldade daqueles que tão duramente a tratavam. No seu íntimo, Sara queria que vissem que estava a tentar ganhar o seu sustento e não a aceitar caridade. Todavia, por fim percebeu que ninguém se tornara menos áspero e que quanto mais disposta se mostrava em fazer o que lhe mandavam, mais tirânicas e exigentes as criadas se tornavam, e mais a cozinheira rezingava e lhe ralhava.

Se ela fosse mais velha, Miss Minchin ter-lhe-ia atribuído uma turma para ensinar, demitindo uma professora e poupando assim bastante dinheiro; no entanto, enquanto fosse e parecesse uma criança, seria mais útil como moça de recados e criada para todo o serviço. Um moço de recados comum não seria tão esperto e de confiança. A Sara podiam entregar recados difíceis e complicados. Era perfeitamente capaz de ir pagar contas e, para além disso, varria uma divisão com esmero e arrumava tudo na perfeição.

Os seus próprios estudos tornaram-se uma coisa do passado. Ninguém lhe ensinou mais nada, e só depois de um longo dia passado a correr de um lado para o outro às ordens de toda a gente é que era autorizada, de má vontade, a ir para a sala de aulas vazia, com uma pilha de livros velhos, e a estudar sozinha, noite adentro.

«Se não me recordar do que aprendi, corro o risco de o esquecer», dizia Sara para si mesma. «Sou quase uma criada da copa, e se for uma criada da copa que não sabe nada, serei como a pobre Becky. Interrogo-me se não acabarei por esquecer tudo o que aprendi e por pronunciar incorretamente as palavras, não me lembrando

sequer que Henrique VIII teve seis esposas.»

Um dos aspetos mais curiosos em relação à nova existência de Sara era a sua mudança de posição junto às alunas. Fora uma espécie de personagem real no meio delas, mas agora era quase como se não existisse. A cozinheira mantinha-a tão ocupada, que mal tinha oportunidade de falar com qualquer uma delas, para além de que era bem óbvio que Miss Michin preferia que ela vivesse uma vida separada das ocupantes da sala de aula.

– Não quero intimidades nem conversas com as restantes alunas – dissera Miss Minchin. – As meninas adoram um drama, e se a Sara começar a contar-lhes histórias românticas acerca de si mesma, tornar-se-á uma heroína injustiçada e os pais ficarão com uma ideia errada da situação. É melhor que tenha uma vida separada e em conformidade com as suas circunstâncias. Estou a conceder-lhe um teto sob o qual viver, e isso já é mais do que ela tem o direito de esperar de mim.

Sara não esperava muito e era demasiado orgulhosa para continuar a ter uma relação chegada com antigas colegas que, evidentemente, se sentiam constrangidas e duvidosas em relação a ela. A verdade era que muitas das alunas de Miss Minchin eram crianças pouco inteligentes, que não sabiam o que era a generosidade. Estavam habituadas ao conforto e à riqueza. À medida que os vestidos de Sara iam ficando mais curtos e gastos e que se tornou um facto estabelecido que ela usava sapatos com buracos e era mandada à mercearia e trazia as compras num cesto na volta do braço quando a cozinheira as queria com pressa, as restantes alunas sentiam que, ao falar com ela, estavam a falar com uma criada.

– E pensar que ela era a princesa das minas de diamantes. Cada vez está mais esquisita! Nunca gostei muito dela, mas agora não suporto a forma como olha para as pessoas, sem abrir a boca, como se estivesse a medi-las, a descobri-las – comentou Lavinia.

– E estou – confirmou Sara, prontamente, quando soube o que Lavinia dissera. – É mesmo essa a minha intenção quando olho para as pessoas. Gosto de as conhecer. E, em seguida, penso sobre elas.

Por várias vezes Sara se esquivara de problemas por manter Lavinia debaixo de olho, pois esta não hesitaria em fazer alguma travessura que deixasse a ex-aluna--modelo em sarilhos.

Sara nunca fazia travessuras nem interferia com ninguém. Trabalhava como uma escrava, corria as ruas carregada de pacotes e cestos, esforçava-se por combater a desatenção das mais pequenas durante a lição de francês, e quando as suas roupas adquiriram um ar muito gasto e maltrapilho, foi-lhe dito que seria melhor comer na cozinha. Era tratada como se não fosse preocupação de ninguém e o seu coração endureceu e tornou-se mais orgulhoso, mas nunca disse a pessoa nenhuma o que sentia.

– Os soldados não se queixam – afirmava ela por entre os dentes cerrados –, eu também não me lamentarei. Farei de conta que estou numa batalha.

Contudo, horas havia em que o seu coração de criança quase se rachava de saudades de três pessoas.

A primeira, diga-se em abono da verdade, era Becky. Ao longo daquela primeira noite passada no quarto das águas-furtadas, sentira um certo consolo em saber que do outro lado da parede onde os ratos esgravatavam e guinchavam estava uma criança como ela. Durante as noites que se seguiram, essa sensação de consolo aumentou. Poucas oportunidades tinham de conversar uma com a outra durante o dia. Cada qual tinha as suas tarefas para cumprir e qualquer tentativa de meter conversa seria encarada como indolência ou perda de tempo.

– Não se ofenda comigo, *miss* – sussurrou Becky na primeira manhã –, se eu não lhe parecer muito educada. Ralhariam comigo, se me pusesse com essas coisas. A menina sabe que eu sei dizer «se faz favor» e «obrigada» e «desculpe», mas não o digo para não perder tempo.

Antes de o dia raiar, Becky esgueirava-se para o quarto de Sara e abotoava-lhe o vestido e ajudava-a com o que ela precisasse, antes de descer para acender o lume no fogão. E quando a noite caía, Sara escutava sempre a humilde pancada à sua porta, que significava que Becky estava de novo disponível para a ajudar, se fosse necessário. Durante as primeiras semanas do seu desgosto, Sara sentiu-se como se estivesse demasiado atordoada para falar, por isso, só depois de algum tempo é que começaram a ver-se mais e a trocar visitas ao quarto uma da outra. No seu coração, Becky pressentia que as pessoas em sofrimento preferiam estar sozinhas.

A segunda pessoa do trio era Ermengarde, mas só depois de algumas peripécias é que ela voltou a recuperar o seu lugar no coração da amiga.

Quando Sara despertou de novo para a vida que avançava em seu redor, deu-se conta de que se esquecera por completo da existência de Ermengarde. As duas tinham sido amigas; porém, Sara tivera sempre a impressão de ser muito mais velha do que ela. Não se podia negar que Ermengarde tinha tanto de obtuso quanto de afetuoso. Apegara-se a Sara como uma criança desamparada, pedia-lhe ajuda com as lições, bebia cada uma das suas palavras e não se cansava de pedir que lhe contasse histórias. Não obstante, ela mesma não tinha nada de interessante para dizer e detestava livros fosse de que espécie fosse. Posto isto, Ermengarde não era uma pessoa de que alguém se fosse lembrar numa hora de grande angústia e aflição, e Sara esqueceu-a.

Tal esquecimento fora ainda mais propiciado pelo facto de Ermengarde ter sido chamada subitamente a casa por umas semanas. Ao regressar, não viu Sara durante um dia ou dois e quando a encontrou foi de passagem num corredor. Trazia os braços carregados de roupa que teria de remendar, pois já tinha sido ensinada a fazer

esse trabalho. Sara estava pálida, não parecia a mesma pessoa, e trazia um vestido muito esquisito que lhe deixava uma parte das pernas magras e morenas à mostra.

Ermengarde era uma menina de raciocínio demasiado lento para reagir à altura de uma tal situação. Não lhe ocorreu portanto nada para dizer. Sabia o que tinha acontecido, mas, de alguma forma, nunca imaginara vir a encontrar Sara assim: tão estranha e pobre e transformada numa criada. Ficou impressionadíssima, mas, apesar disso, só conseguiu soltar uma pequena risada nervosa e dizer, sem pensar:

– Oh, és tu, Sara?

– Sim – respondeu ela, e, de repente, um estranho pensamento atravessou-lhe a mente e fê-la corar.

Sara equilibrava uma pilha de roupa nos braços, segurando-a com o queixo para que não tombasse, e houve qualquer coisa no seu olhar fixo que deixou Ermengarde ainda mais confusa. Era como se Sara se tivesse transformado num tipo diferente de rapariga, que ela desconhecia. Talvez fosse por ter ficado pobre da noite para o dia e ter de remendar coisas e trabalhar como Becky.

– Como estás? – balbuciou Ermengarde.

– Não sei – respondeu Sara. – E tu, como estás?

– Estou... estou muito bem – disse Ermengarde, muito constrangida. Nervosamente, pensou em algo para dizer que parecesse mais familiar, mais pessoal. – És muito infeliz? – perguntou de rajada.

Sara cometeu então uma injustiça. Nesse momento, o seu coração magoado revoltou-se e pensou que, se era para lhe dizerem disparates daqueles, mais valia deixarem-na em paz.

– Que te parece? Achas que sou muito feliz? – E prosseguiu caminho sem mais uma palavra.

Com o passar do tempo, deu-se conta de que, se a sua infelicidade não a tivesse feito esquecer certas coisas, saberia que a pobre e inepta Ermengarde não era responsável pelas suas atitudes inexperientes e desastradas. Sempre fora inábil e, quanto mais era tomada pelas emoções, mais disparatada tinha tendência para ser.

Contudo, naquele momento, com o coração magoado, a atitude de Ermengarde conduzira-a a um súbito pensamento:

«Ela é como as outras. Não tem qualquer vontade de falar comigo e sabe que ninguém tem.»

Assim, durante semanas, foi como se uma barreira se tivesse erguido entre as duas. Quando se encontravam por acaso, Sara desviava o olhar e Ermengarde ficava demasiado comprometida para falar. Por vezes, cumprimentavam-se com um curto aceno de cabeça, mas outras nem sequer trocavam cumprimentos.

«Se ela prefere não falar comigo, manter-me-ei longe dela. Miss Minchin até me facilita isso», pensava Sara.

Tanto assim era que, durante um tempo, mal se viram sequer. Ao longo desse período, foi comentado que Ermengarde estava mais palerma do que nunca e que parecia apática e infeliz. Costumava sentar-se aninhada no assento de janela a olhar para a rua, sem dizer uma palavra. Uma vez, ao passar junto a ela, Jessie deteve-se para a contemplar com curiosidade.

– Porque estás a chorar, Ermengarde? – perguntou.

– Não estou a chorar – respondeu Ermengarde, numa voz abafada e trémula.

– Isso é que estás. Uma lágrima grossa acabou de rebolar pelo teu nariz abaixo. E lá vai outra.

– Estou muito triste, mas ninguém tem nada com isso – declarou Ermengarde, e virou costas a Jessie, tirando o lenço de assoar da manga e escondendo corajosamente a cara nele.

Nessa noite, quando Sara subiu ao seu quarto, era mais tarde do que o habitual. Fora mantida a trabalhar até depois da hora a que as alunas se deitavam, e a seguir ainda fora para a sala de aulas deserta estudar as suas lições. Ao chegar ao cimo das escadas, ficou surpreendida por ver luz por baixo da porta do seu quarto.

«Ninguém aqui vem a não ser eu», pensou ela, «mas alguém acendeu uma vela.»

Alguém acendera, efetivamente, uma vela, e esta não ardia no castiçal da cozinha que ela costumava usar, mas num dos que pertenciam aos quartos das alunas. Esse alguém estava sentado no velho escabelo, de camisa de noite e envolto num xaile encarnado. Era Ermengarde.

– Ermengarde! Vais meter-te em sarilhos! – gritou Sara, tão espantada que quase estava assustada.

Ermengarde levantou-se e avançou pelo quarto arrastando os chinelos, que lhe ficavam demasiado grandes. Tinha os olhos e o nariz encarnados de chorar.

– Bem sei que sim, se alguém me vir, mas não me importo, não me importo nem um pouco. Oh, Sara, por favor, diz-me. Que se passa? Porque não gostas mais de mim?

A voz de Ermengarde fez um nó crescer na garganta de Sara. Era tão afetuosa e simples; fazia tanto lembrar a Ermengarde de outro tempos, que lhe pedira para serem «melhores amigas». Dir-se-ia que não tivera intenção de agir como agira nas últimas semanas.

– Mas eu gosto de ti – respondeu Sara. – Pensei que... Tudo mudou para mim, entendes... E achei que tu também tinhas mudado.

Ermengarde abriu muito os olhos lacrimosos.

– Mas quem mudou foste tu! Não quiseste falar comigo. Eu não sabia o que fazer. Tu é que estavas diferente quando eu regressei – argumentou ela.

Sara pensou por um momento e percebeu que cometera um erro.

– Estou diferente, é certo, embora não da forma que tu pensas. Miss Minchin não

quer que eu fale com as alunas, e a maioria delas também não quer falar comigo. Achei que... talvez tu também não quisesses, por isso tentei evitar-te.

– Oh, Sara – gemeu Ermengarde, num tom de censura pouco convicta.

E depois de trocarem mais um olhar, correram para os braços uma da outra. Durante vários minutos, Sara manteve a sua cabeça de caracóis pretos sobre o ombro coberto pelo xaile encarnado. Ao acreditar que Ermengarde a abandonara, Sara sentira-se mais só do que nunca.

Depois sentaram-se no chão, Sara segurando os joelhos com os braços, Ermengarde enrolada no seu xaile, fitando com adoração o rosto de olhos grandes da sua amiga.

– Já não aguentava mais. Creio que serias capaz de viver sem mim, Sara, mas eu não suportaria viver sem ti. Quase *morri*. Por isso, esta noite, enquanto chorava na minha almofada, lembrei-me de repente de subir até aqui e suplicar-te que voltássemos a ser amigas.

– És mais generosa do que eu. Fui demasiado orgulhosa para tentar fazer amigas. Agora que enfrento adversidades, estas mostraram-me que *não* sou uma criança bondosa. Era o que eu receava. Talvez tenha sido por isso que as adversidades me foram enviadas – opinou ela, franzindo a testa com um ar pensativo.

– Não vejo nada de bom nelas – comentou Ermengarde, resolutamente.

– Nem eu, para te ser franca, mas creio que tudo tem um lado bom, ainda que não o consigamos ver. Talvez até Miss Minchin tenha um lado bom – acrescentou, num tom de dúvida.

Ermengarde olhou em redor do quarto com uma curiosidade temerosa.

– Achas que vais aguentar viver aqui, Sara?

Sara olhou também em volta.

– Se fizer de conta que é um lugar bem diferente, ou se imaginar que é um local descrito numa história, consigo.

Falava lentamente. A imaginação começava por fim a operar a sua magia. Tal não acontecia desde que recebera as terríveis notícias. Era como se, até àquela noite, tivesse andado aturdida.

– Já houve pessoas que viveram em sítios piores. Pensa no conde de Monte Cristo, nas masmorras do Castelo de If. E não esqueçamos as pessoas que estiveram presas na Bastilha!

– A Bastilha – sussurrou Ermengarde, começando a ficar fascinada com as palavras de Sara. Recordava-se das histórias da Revolução Francesa que, relatadas por Sara com grande expressividade, haviam ficado na sua memória. Mais ninguém, a não ser Sara, conseguia tal feito.

Um brilho bem conhecido cintilou nos olhos de Sara.

– Sim, seria um bom sítio para me imaginar – disse ela, abraçando os joelhos. –

Sou prisioneira na Bastilha e estou aqui há anos, e anos, e anos... e toda a gente se esqueceu de mim. Miss Minchin é a carcereira e a Becky... – Os seus olhos tremeluziram ainda mais. – A Becky é a prisioneira da cela ao lado.

Virou-se para Ermengarde, que viu na expressão da sua amiga a Sara do antigamente.

– Farei de conta que assim é, e será um grande consolo – concluiu Sara.

Ermengarde ficou logo cativada e embevecida.

– E depois contas-me tudo? Posso vir até aqui à noite, quando for seguro, escutar o que imaginaste durante o dia? Vai parecer que somos ainda «mais melhores amigas» do que nunca.

– Sim, a adversidade põe as pessoas à prova, e a minha colocou-te a ti à prova e demonstrou o quanto és generosa.

9

MELQUISEDEC

A terceira pessoa do trio era Lottie. Sendo ainda uma criança pequena, não sabia o que significava a adversidade, por isso ficara muito espantada com a mudança ocorrida na sua jovem mãe adotiva. Ouvira rumores de que coisas estranhas haviam sucedido a Sara, mas não conseguia entender por que razão ela tinha um ar tão diferente, porque usava um vestido velho e ia à sala de aulas apenas para ensinar, em vez de se sentar no seu lugar de honra e aprender as lições com as restantes. Muito se especulara entre as mais novas quando descobriram que Sara já não ocupava os aposentos onde durante tanto tempo Emily vivera com grande pompa e circunstância. O que mais perturbava Lottie era o facto de Sara explicar tão pouco ao ser questionada. Quando se tem sete anos, é preciso que os mistérios sejam tornados claros para que possam ser entendidos.

– Agora és muito pobre, Sara? – perguntara Lottie, em tom de confidência, na primeira manhã em que a sua mãe adotiva se encarregara da aula de francês. – És pobre como um mendigo? – E enfiou a sua mão gorducha na de Sara, pestanejando e ameaçando chorar.

– Não quero que sejas tão pobrezinha quanto um mendigo.

Começou a franzir a testa como se fosse mesmo chorar e Sara apressou-se a consolá-la.

– Os pedintes não têm onde morar, e eu tenho – explicou, corajosamente.

– Onde é que tu vives? Há uma rapariga nova no teu quarto, e já não é bonito.

– Vivo noutro quarto – respondeu Sara.

– É um quarto bonito? Quero ir vê-lo.

– É melhor não falares. Miss Minchin está a olhar para nós. Zangar-se-á comigo por te deixar sussurrar.

Tinha já descoberto que seria responsabilizada por tudo o que fossem desobediências. Se as crianças não prestassem atenção, se falassem, se não estivessem quietas, seria ela a culpada.

Todavia, Lottie era uma menina determinada. Se Sara não queria dizer-lhe onde vivia, descobri-lo-ia de outra forma. Conversou com as suas coleguinhas e deixou-se ficar junto das mais velhas quando estas se entregavam à mexeriquice e, com base nas informações que conseguira recolher, partiu numa viagem de descoberta num final de tarde, trepando escadas cuja existência desconhecia até chegar ao piso das

águas-furtadas. Aí encontrou duas portas, uma ao lado da outra, e, ao abrir uma ao acaso, deparou-se com a sua querida Sara de pé em cima de uma mesa velha, a espreitar por uma janela.

– Sara! Mamã Sara! – gritou ela, aterrada, pois o quarto era tão despido e tão feio, que Lottie tinha a sensação de ter subido uma centena de degraus e ter chegado a um outro mundo.

Sara virou-se ao escutar o som daquela voz. Foi a sua vez de ficar consternada. Se Lottie começasse a chorar e alguém a ouvisse, seria a desgraça de ambas. Saltou de imediato da mesa e correu para ela.

– Não chores, nem faças barulho – suplicou Sara. – Serei repreendida se o fizeres, e hoje todo o dia escutei ralhetes. Não é um quarto assim tão mau, Lottie.

– Não é? – indagou Lottie, olhando em redor ao mesmo tempo que mordia o lábio. Continuava a ser uma menina mimada, mas gostava o suficiente da sua mãe adotiva para fazer um esforço para se controlar, por ela. De alguma forma, era bem possível que qualquer sítio onde Sara morasse pudesse ser bonito e confortável. – E porque não é assim tão mau, Sara? – quase sussurrou.

Sara abraçou Lottie e tentou rir. O calor do seu rechonchudo corpo infantil era um grande consolo. Tivera um dia árduo e estivera a tentar distrair-se contemplando a rua pela janela.

– Porque daqui consegue ver-se todo o tipo de coisas que lá de baixo não se avistam – respondeu ela.

– Que tipo de coisas? – perguntou Lottie, com o mesmo género de curiosidade que Sara conseguia sempre despertar, mesmo em raparigas mais velhas.

– Chaminés, bem perto de nós, com o fumo a elevar-se em espirais, e nuvens, subindo até ao céu, e pardais a saltitar de um lado para o outro e a conversar uns com os outros tal e qual como se fossem pessoas, e outras janelas de águas-furtadas onde poderão surgir cabeças a qualquer momento, levando-nos a pensar a quem pertencerão. E sentimo-nos tão alto, tão alto, que é como se vivêssemos num mundo diferente.

– Oh, deixa-me ver! Ajuda-me a subir! – pediu Lottie, muito entusiasmada.

Sara pegou-lhe ao colo, e as duas, empoleiradas na velha mesa, inclinaram-se sobre o parapeito da janela e espreitaram para a rua.

Quem nunca fez isto, não imagina o mundo diferente com que elas se depararam. De um lado e de outro, uma sucessão de telhas inclinava-se até às caleiras. Os pardais, sentindo-se em casa, pulavam e chilreavam sem qualquer receio. Dois deles voaram para a chaminé mais próxima e puseram-se a discutir ferozmente, até que um deu uma bicada no outro e o expulsou dali. A janela das águas-furtadas vizinhas estava fechada, pois ninguém morava na casa ao lado.

– Quem dera que morasse ali alguém. A janela fica aqui tão próxima que, se no

sótão vivesse uma menina como eu, podíamos conversar uma com a outra e, se não tivéssemos medo de cair, atravessávamos o telhado e fazíamos visitas uma à outra – disse Sara.

O céu parecia tão mais perto do que quando se via da rua, que Lottie estava encantada. Contemplado a partir da janela das águas-furtadas, por entre os canos das chaminés, o que acontecia no mundo lá em baixo parecia quase irreal. Miss Minchin e Miss Amelia e a escola ficavam quase esquecidas, e o barulho das carruagens na praça parecia um som pertencente a outro mundo.

– Oh, Sara, gosto deste quarto! Gosto, sim! É bem mais bonito do que os de lá de baixo! – exclamou Lottie, aninhando-se no braço da sua protetora.

– Repara no pardal. Oxalá tivesse umas migalhas para lhe dar – sussurrou Sara.

– Eu tenho! – disse Lottie, com um pequeno guincho. – Tenho um pedaço de um pãozinho doce no bolso. Comprei-o com o meu dinheiro ontem, e guardei um pouco.

Quando lhe lançaram as migalhas, o pardal voou para uma chaminé vizinha. Não estava obviamente habituado a oferendas e sobressaltara-se com as inesperadas migalhas; contudo, depois de Lottie ter ficado muito quieta e de Sara ter chilreado, quase como se fosse um pardal, percebeu que as migalhas eram um gesto de hospitalidade. Inclinou a pequenina cabeça e, do seu poleiro na chaminé, observou a oferta com os olhos a brilhar. Lottie mal conseguia manter-se quieta.

– Será que ele vem? Será que ele vem? – murmurou.

– Os olhos dele dizem que sim. Está a pensar se se atreve ou não – sussurrou Sara em resposta. – Olha, já se decidiu. Lá vem ele!

Voou para o telhado e saltitou na direção das migalhas, mas deteve-se a alguns centímetros delas, inclinando a cabeça para um lado e para outro, como se refletisse nas hipóteses de Sara e Lottie se virem a transformar em dois grandes gatos e lhe saltarem em cima. Por fim, o seu coração disse-lhe que as duas estranhas eram mais amistosas do que pareciam, e, aos pulinhos, foi-se aproximando cada vez mais, debicou a migalha maior à velocidade de um relâmpago e transportou-a para o seu poleiro na chaminé.

– Agora já *sabe* que não lhe fazemos mal e não tardará a vir buscar as outras – declarou Sara.

O pardalito não só regressou como levou um amigo, e o amigo, por sua vez, foi buscar um familiar, e os três comeram regalados, piando e chilreando e estacando de vez em quando para inclinarem as cabeças e fitarem Lottie e Sara. O encanto de Lottie era tão grande que esqueceu o choque que a primeira impressão do sótão lhe provocara, de tal modo que, ao descerem da mesa, Sara pôde apontar-lhe outras belezas no seu novo quarto, das quais nem ela mesma ainda se tinha dado conta.

– É tão pequenino e fica tão alto, que quase parece um ninho no cimo de uma árvore. E o teto inclinado é tão engraçado! Repara: nesta ponta do quarto, mal

consigo pôr-me de pé; e quando a manhã começa a nascer, deitada na cama consigo ver o céu através da janela no teto. Quando faz sol, vejo as nuvens passar e fico com a impressão de que conseguiria tocar-lhes. E quando chove, as gotas matraqueiam e tamborilam a vidraça como se fosse uma melodia. À noite, quando se veem as estrelas, podemos contar quantas cabem no buraco da janela. São imensas. E olha para o pequeno fogão ali no canto, todo enferrujado. Se fosse polido e nele ardesse um lume, imagina como não seria agradável. Como vês, é um quarto muito bonito e acolhedor.

Caminhava em redor da pequena divisão, com Lottie pela mão, gesticulando e descrevendo todas as maravilhas que ela própria e Lottie iam descobrindo. Lottie acreditava sempre em tudo o que Sara lhe contava.

– Ali no chão podia haver um tapete indiano azul e espesso; e naquele canto ficava bem um pequeno sofá, com almofadas para nos enroscarmos. Mesmo ao lado, para que fosse fácil deitar-lhes a mão, podia haver uma estante carregada de livros. Frente ao fogão, ficava bem uma pele, e nas paredes, para tapar a cal, tapeçarias e quadros. Teriam de ser pequenos, mas seriam bonitos à mesma. No teto podia haver um candeeiro com um quebra-luz cor-de-rosa, e no centro do quarto uma mesa com um serviço de chá... E não esqueçamos uma chaleira de cobre a assobiar em cima do lume. Quanto à cama, podia ser diferente, com um colchão alto e macio e uma lindíssima colcha cor-de-rosa. E talvez com o tempo conseguíssemos travar amizade com os pardais, até eles nos virem bater com o bico na janela a pedir para entrar.

– Oh, Sara! Gostava tanto de viver aqui! – exclamou Lottie.

Quando Sara, depois de ter convencido Lottie a descer e de a ter acompanhado até meio das escadas, regressou ao quarto, pôs-se a olhar em volta. O feitiço das suas descrições, que fizera para o bem de Lottie, tinha-se quebrado. O colchão era duro e a colcha velha e gasta. As paredes caiadas exibiam de novo as manchas de humidade, o chão era frio e desconfortável, o fogão velho e oxidado, e o estafado escabelo, desconjuntado por ter uma perna mais curta do que as outras, era o único assento em toda a divisão. Sentou-se nele por uns minutos e deixou tombar a cara sobre as mãos. O mero facto de Lottie a ter ido visitar e se ter ido embora parecia ter tornado as coisas um pouco pior, talvez como sucede aos prisioneiros, que se sentem mais sozinhos depois de as visitas partirem, deixando-os para trás.

«É um lugar solitário», pensou ela. «Por vezes, é o lugar mais solitário do mundo.»

Estava assim sentada, entregue aos seus pensamentos, quando a sua atenção foi atraída por um ténue som perto de si. Levantou a cabeça para ver de onde vinha e, fosse ela uma criança medrosa, teria abandonado o escabelo a toda a velocidade. Sentado sobre as pernas traseiras, um grande rato farejava o ar com grande interesse. Algumas das migalhas que Lottie levara haviam caído ao chão e o cheiro atraíra-o

para fora da sua toca.

Tinha um ar tão estranho e engraçado, parecia-se tanto com um anão ou um gnomo de bigodes grisalhos, que Sara ficou fascinada. O rato olhou para ela com os seus pequeninos e brilhantes olhos como se estivesse a fazer uma pergunta. Foi uma visão tão invulgar para Sara, que à sua cabeça ocorreram mil pensamentos, como antigamente.

«Creio que será muito duro ser-se rato. Ninguém gosta deles, as pessoas pulam e fogem a gritar: "Oh, um rato, que horror!" Eu não gostaria que as pessoas fugissem e gritassem "Oh, uma Sara, que horror!", assim que me vissem. Nem que me colocassem ratoeiras e me dessem de jantar ao gato. É tão diferente ser-se pardal. Contudo, ao nascer, ninguém perguntou a este rato se queria sê-lo. Ninguém disse: "Não preferias ser um pardal?"»

Sara ficara tão quieta, sentada no escabelo, que o rato começara a ganhar coragem para avançar. Tinha muito medo dela, mas talvez tivesse um coração como o do pardal e este lhe dissesse que ela não saltaria sobre ele. Para além disso, tinha muita fome. Na toca, na parede, tinha uma família bastante grande, e há vários dias que não tinham a sorte de encontrar o que comer. Deixara os filhos a chorar amargamente e aventurara-se para conseguir umas quantas migalhas. Pousou então as patas da frente no chão.

– Vá, avança, não sou uma armadilha – incentivou-o Sara, falando baixinho. – Podes levar as migalhas à vontade! Os prisioneiros na Bastilha costumavam travar amizades com os ratos. Eu podia tornar-me tua amiga.

Como é que os animais compreendem as coisas, é um mistério, mas o certo é que entendem. É provável que exista uma língua, que não é feita de palavras, e que seja entendida por todos os seres vivos do mundo. Talvez exista uma alma oculta em tudo e esta consiga falar, sem fazer qualquer som, com outra alma. Fosse qual fosse a razão, o rato percebeu naquele momento que estava em segurança, muito embora fosse um rato. Sabia que aquele ser humano pequeno, sentado no escabelo encarnado, não pularia e desataria aos gritos ou lhe lançaria objetos que, se não errassem o seu alvo e o esmagassem, o fariam chegar à toca coxo e ferido. Era na verdade um rato muito simpático, e a sua intenção era boa. Ao erguer-se sobre as patas traseiras, farejando o ar com os olhos fixos em Sara, esperara que ela compreendesse isso e não o encarasse logo como um inimigo. Quando aquela coisa misteriosa que fala sem usar palavras lhe dissera que ela não o faria, avançou lentamente em direção às migalhas e começou a comê-las. De vez em quando, olhava de relance para Sara, da mesma forma que os pardais haviam feito, e a sua expressão era tão humilde que comoveu Sara.

Ficou sentada a observá-lo sem se mexer. Uma das migalhas era bem maior do que as outras, a tal ponto que mal se podia apelidar de migalha. Era evidente que o

rato ansiava por aquele pedaço; porém, teria de se aproximar mais do escabelo, e o roedor continuava um pouco intimidado.

«Parece-me que quer levar aquele pedaço para a família que tem na toca. Se ficar mesmo muito quieta, talvez ele venha por ela», pensou Sara.

Estava de tal maneira imóvel, que mal respirava. O ratito avançou uns quantos passos e comeu mais algumas migalhas, a seguir parou e farejou o ar, olhando de esguelha para a ocupante do escabelo. Precipitou-se então para o pedaço de pão doce com a mesma intrepidez repentina do pardal e, assim que agarrou o que queria, correu de regresso à parede, enfiou-se por um buraco no rodapé e desapareceu.

«Logo vi que queria aquele pedaço para a família. Creio que seria capaz de travar amizade com ele», disse Sara para si própria.

Cerca de uma semana mais tarde, numa das raras noites em que Ermengarde achou seguro esgueirar-se até ao sótão, ficou surpreendida quando, ao bater à porta do quarto ao de leve, Sara tardou em abri-la. A princípio, o silêncio do outro lado da porta era tal, que Ermengarde se interrogou se a sua amiga não se teria deixado dormir. Às tantas, para sua surpresa, escutou-a soltar uma risadinha e falar com alguém num tom persuasivo.

– Vá, toma e leva isso para casa, *Melquisedec*! Vai ter com a tua mulher! – escutou-a Ermengarde dizer.

Quase de imediato, Sara abriu a porta, deparando-se com a amiga na soleira, de boca e olhos escancarados.

– Com quem estás tu a falar, Sara? – inquiriu ela, meio assustada.

Sara fê-la entrar, cautelosamente, mas tinha o ar de quem estivera a fazer alguma coisa agradável e divertida.

– Tens de prometer que não te assustas e nem gritas. Caso contrário, não poderei contar-te – respondeu Sara.

Ermengarde quase se sentiu tentada a gritar logo naquele momento, mas lá conseguiu controlar-se. Olhou em redor do quarto, mas não viu ninguém; contudo, era óbvio que Sara estivera a falar com alguém. Ocorreu-lhe que fossem fantasmas.

– É alguma coisa que me irá meter medo? – inquiriu, receosa.

– Algumas pessoas têm medo deles. Eu tinha, a princípio, mas agora já não – disse Sara.

– Era... era... um fantasma? – balbuciou Ermengarde.

– Não, era o meu rato – afiançou Sara, a rir-se.

Ermengarde deu um pulo e aterrou mesmo no meio da cama estreita. Escondeu os pés sob a camisa de noite e embrulhou-se no xaile encarnado. Não gritou, mas ofegava de medo.

– Oh! Oh! Um rato, um rato! – exclamava ela, numa voz estrangulada.

– Pois, eu receei que tu te assustasses, mas não precisas de ter medo. Estou a

domesticá-lo. Ele já me conhece e até sai da sua toca quando eu o chamo. Queres vê-lo, ou tens muito medo?

Com o passar dos dias e com a ajuda dos restos de comida trazidos da cozinha, aquela estranha amizade fizera progressos, e Sara, aos poucos, até esquecera que a tímida criatura com a qual travara um relacionamento era um mero rato.

Ao início, de tão assustada, Ermengarde não conseguia sequer sair do seu poleiro em cima da cama, toda encolhida e com os pés escondidos, mas a expressão calma de Sara e a história da primeira aparição de Melquisedec começou finalmente a despertar a sua curiosidade e, por fim, inclinou-se por cima da beira da cama e ficou a ver Sara a ajoelhar-se junto ao buraco no rodapé.

– Ele não vai sair a correr da toca e saltar para cima da cama, pois não? – quis saber, à cautela.

– Não. É tão educado como nós. Parece mesmo uma pessoa – garantiu Sara. – Ora repara!

Começou a entoar um som muito baixinho, semelhante a um assobio, tão baixinho que, para o ouvir, era preciso que o silêncio fosse absoluto. Repetiu-o várias vezes, muito concentrada no que estava a fazer. Era como se estivesse a lançar um encantamento, ocorreu a Ermengarde. Finalmente, e em resposta, uma cabeça de bigodes grisalhos e olhos pequeninos e brilhantes espreitou do buraco. Sara tinha algumas migalhas na mão. Deitou-as ao chão e *Melquisedec* avançou e comeu-as. Guardou a migalha maior para o final, mas não a comeu, pegando nela e transportando-a para a toca com um ar muito eficiente.

– Viste? Aquele pedaço é para a mulher e os filhos. Ele é muito consciencioso. Apenas come os pedacinhos mais pequenos. Depois de ele regressar, ouço sempre a família chiar de alegria. Existem três tipos de chiado: o das crianças, o da senhora *Melquisedec* e o do próprio *Melquisedec* – disse Sara.

Ermengarde desatou a rir.

– Oh, Sara! És de facto muito invulgar, mas generosa.

– Eu sei que sou invulgar, e *tento* ser generosa – admitiu ela. Esfregou a testa com a mão morena e um ar pensativo e terno tomou conta do seu rosto. – O meu papá também costumava rir de mim, mas eu gostava. Dizia que eu era muito original, mas adorava as minhas histórias de faz-de-conta. Na verdade, não consigo evitá-las. Se não imaginasse coisas, creio que não conseguiria viver. – Deteve-se e olhou em volta. – Tenho a certeza de que não conseguiria viver aqui – acrescentou em voz baixa.

Ermengarde, como sempre, estava encantada.

– Quando falas sobre as coisas, é como se fossem reais. Falas do *Melquisedec* como se ele fosse uma pessoa.

– Ele *é* uma pessoa. Tem fome e assusta-se, tal como nós, e é casado e tem filhos.

Quem nos diz a nós que ele não pensa, como as pessoas? O olhar dele é tal e qual o de uma pessoa. Foi por isso que lhe dei um nome. – Sara sentou-se no chão na sua posição preferida, com os braços em redor dos joelhos. – Para além disso, é um rato da Bastilha, enviado para ser meu amigo. Consigo sempre um pedaço de pão que a cozinheira desperdiça, e é o suficiente para o sustentar e ele sustentar a família dele.

– Ainda a Bastilha? Fazes sempre de conta que é a Bastilha? – perguntou Ermengarde, cheia de curiosidade.

– Quase sempre. Por vezes, tento fazer de conta que é outro tipo de lugar, mas a Bastilha acaba sempre por ser mais fácil de imaginar, em especial quando está frio.

Nesse momento, surpreendida por um som que escutou, Ermengarde quase pulou da cama. Assemelhava-se a duas pancadas na parede.

– Que foi aquilo? – perguntou Ermengarde.

Sara levantou-se do chão e respondeu, de uma forma bastante dramática:

– É a prisioneira da cela ao lado.

– A Becky! – exclamou Ermengarde, extasiada.

– Sim. Duas pancadas significam: «Companheira, estás aí?» – Em resposta, Sara deu três pancadas do seu lado da parede. – Isto quer dizer, «Sim, estou aqui e está tudo bem.» – Quatro pancadas escutaram-se na cela ao lado. Sara explicou o seu significado: – Está a dizer: «Nesse caso, companheira de infortúnio, dormiremos em paz. Boa noite.»

Ermengarde sorria, deliciada.

– Oh, Sara, é mesmo como se fosse uma história! – sussurrou.

– É *mesmo* uma história. *Tudo* é uma história. Tu és uma história, eu sou uma história. Miss Minchin é uma história.

Voltou a sentar-se e falou, falou, até que Ermengarde esqueceu que ela própria era uma espécie de prisioneira fugida e Sara teve de lhe recordar que não podia permanecer na Bastilha toda a noite e teria de voltar, sem fazer barulho, ao seu próprio quarto e à sua cama.

10

O CAVALHEIRO INDIANO

As peregrinações de Ermengarde e Lottie às águas-furtadas eram arriscadas. Nunca sabiam ao certo se encontrariam Sara no sótão e havia sempre o perigo de Miss Amelia fazer uma inspeção aos quartos depois da hora de deitar das alunas. Assim, as visitas delas eram raras e Sara levava uma existência estranha e solitária. A sua vida era mais solitária durante as horas de trabalho do que quando estava no sótão. Nos pisos de baixo não tinha ninguém com quem falar e quando a mandavam fazer recados e tinha de percorrer as ruas, carregando cestos ou pacotes, tentando segurar o chapéu quando fazia vento e sentindo a água entrar-lhe nos sapatos quando chovia, era como se as multidões que por ela passavam lhe acentuassem a sensação de solidão. Nos tempos em que era a «princesa Sara» e saía de carruagem ou a pé, acompanhada de Mariette, a visão do seu rosto alegre e dos casacos e chapéus extravagantes despertara muitas vezes o interesse dos transeuntes. Uma menina feliz, bonita e bem vestida atrai naturalmente as atenções. Crianças maltrapilhas e mal cuidadas não constituem nem uma visão bonita nem rara o suficiente para levar as pessoas a virar a cabeça para olhar para elas e sorrir. Já ninguém olhava para Sara, e dir-se-ia que era invisível enquanto avançava pelos buliçosos e apinhados passeios. Começara a crescer muito depressa e, uma vez que apenas vestia o que de mais simples sobrara no seu guarda-roupa, sabia que tinha um aspeto muito estranho e lamentável. Os seus melhores vestidos eram coisa do passado e tinha de usar os que restavam até já não conseguir enfiar-se neles. Por vezes, quando passava por alguma montra que tivesse um espelho, desatava a rir ao dar-se conta da sua aparência, outras corava, mordia o lábio e acelerava o passo.

Ao final da tarde, quando passava frente a janelas iluminadas, costumava olhar para as acolhedoras e quentes divisões e distrair-se imaginando coisas acerca das pessoas que via sentadas diante de lareiras ou em redor das mesas. Gostava sempre de ver de relance o interior das casas, antes de as portadas serem fechadas. Na praça onde ficava o colégio de Miss Minchin viviam várias famílias com as quais, à sua maneira, travara conhecimento e se familiarizara. À sua preferida dera o nome de «Família Grande», não porque os seus membros fossem grandes, pois, na realidade, muitos deles eram pequenos, mas por serem tão numerosos. Havia oito crianças na Família Grande, bem como uma mãe robusta e de pele rosada, um pai robusto e de pele rosada, uma avó robusta e de pele rosada e vários criados. As oito crianças ora

eram passeadas em carrinhos de bebé por amas vestidas de forma confortável, ora saíam de carruagem com a mãe, ora corriam para a porta ao final do dia, para receberem o papá e o beijarem, para pularem à volta dele e o ajudarem a despir o sobretudo e lhe revistarem os bolsos em busca de presentes, ora se juntavam à janela do quarto de brincar a olhar para a rua e a empurrarem-se uns aos outros e a rir. Na verdade, estavam sempre a fazer qualquer coisa divertida e adequada aos gostos de uma grande família. Sara gostava muito deles e dera-lhes nomes tirados de livros, nomes muito românticos. De vez em quando, em vez de Família Grande, chamava-lhes os Montmorency. A bebé rechonchuda e loura com a touca de renda era Ethelberta Beauchamp Montmorency; a bebé a seguir era Violet Cholmondeley Montmorency; o menino que mal andava ainda e tinha umas perninhas muito gorduchas era Sydney Cecil Vivian Montmorency; a seguir vinham Lilian Evangeline Maud Marion, Rosalind Gladys, Guy Clarence, Veronica Eustacia e Claude Harold Hector.

Um final de tarde, sucedeu uma coisa muito engraçada, se bem que, em certo sentido, não teve graça nenhuma.

Vários dos Montmorencys estavam de partida para uma festa infantil e, ao mesmo tempo que Sara ia a passar frente à porta deles, as crianças atravessavam o passeio em direção à carruagem que as esperava. Veronica Eustacia e Rosalind Gladys, com vestidos de renda branca e magníficas faixas na cintura, tinham acabado de entrar, e Guy Clarence, de cinco anos, seguia no seu encalço. Era um menino muito bonito, de bochechas rosadas e olhos azuis e uma cabeça muito redondinha coberta de caracóis. Sara esqueceu o cesto que levava no braço e a capa coçada que a cobria; na verdade esqueceu tudo, menos que queria olhar para ele por um momento. Assim, parou no passeio a fitá-lo.

O Natal aproximava-se e a Família Grande entretinha-se aos serões a ler histórias acerca de crianças que eram pobres e não tinham mamãs e papás que lhe recheassem o sapatinho e as levassem às pantomimas, crianças que, na verdade, passavam frio e fome. Nestas histórias, pessoas amáveis, por vezes meninos e meninas com corações generosos, acabavam por reparar nas crianças pobres e davam-lhes dinheiro ou presentes caros, ou então levavam-nas a jantar fartamente às suas casas. Guy Clarence ficara comovido até às lágrimas naquela mesma tarde com a leitura de uma destas histórias e ansiava por encontrar uma criança pobre e dar-lhe uma moeda de meio xelim que possuía, provendo assim às necessidades dela para o resto da vida. Meio xelim, na sua opinião, significaria riqueza para todo o sempre. Ao avançar pela tira de carpete encarnada estendida desde o passeio até à carruagem, levava a referida moeda no bolso das suas calças curtas. Ao mesmo tempo que Rosalind Gladys entrava na carruagem e pulava para o assento para sentir as almofadas saltar por baixo dela, Guy Clarence avistou Sara parada no passeio, com o seu vestido

velho e curto, o chapéu roto e o cesto na volta do braço, olhando para ele avidamente.

Achou que o olhar dela era de fome, talvez porque não comia há bastante tempo. Não sabia que os seus olhos tinham aquela expressão porque ela ansiava pela vida acolhedora e feliz que ele obviamente tinha, a julgar pelas suas faces rosadas, e por abraçá-lo e beijá-lo. O menino apenas sabia que ela tinha olhos grandes e um rosto descarnado, pernas magras, um cesto velho e roupas gastas. Assim, levou a mão ao bolso, pescou a moeda de meio xelim e avançou até ela com uma atitude afável.

– Aqui tens, pobre menina. É meio xelim. Dou-to, é para ti – disse ele.

Sara sobressaltou-se e de repente deu-se conta de que parecia realmente as crianças pobres que vira, nos bons velhos tempos, à espera no passeio para a ver passar quando ela saía da sua carruagem. E muitas vezes lhes dera moedas de um dinheiro. Corou e a seguir empalideceu, e por um segundo julgou que não teria coragem de aceitar o xelim de Guy Clarence.

– Oh, ora essa! Muito obrigada, mas não! Não posso aceitar, de forma alguma! – exclamou Sara.

A voz dela era tão diferente da dos comuns mendigos que pediam pelas ruas e os seus modos tão semelhantes aos de uma criança educada numa boa casa, que Veronica Eustacia (cujo verdadeiro nome era Janet) e Rosalind Gladys (que na verdade se chamava Nora) se inclinaram para a frente para verem o que se passava.

Contudo, Guy Clarence não seria contrariado na sua ação de benevolência e colocou a moeda na mão da rapariga.

– Sim, tens de aceitar, menina pobre. Com este dinheiro, poderás comprar muitas coisas para comer. É meio xelim! – insistiu ele, num tom resoluto.

Havia tanta candura e bondade no rosto dele, e era tão fácil ver que uma recusa o deixaria desolado, que Sara percebeu que não podia de todo deixar de aceitar. Ser orgulhosa a esse ponto seria uma crueldade. Assim, engoliu o orgulho e aceitou a moeda, com as faces a arder.

– Obrigada. És um menino muito bondoso e querido – declarou ela. E ao mesmo tempo que ele trepava todo contente para a carruagem, Sara retomou o seu caminho, tentando sorrir, muito embora tivesse um nó na garganta e os olhos rasos de lágrimas. Sabia que tinha um ar andrajoso e pobre, mas até àquele momento nunca lhe ocorrera que pudesse ser confundida com uma mendiga.

No interior da carruagem da Família Grande, já em movimento, as crianças conversavam animadamente.

– Oh, Donald (era o nome de Guy Clarence), porque deste o teu meio xelim àquela menina? Tenho a certeza de que ela não é uma mendiga! – exclamou Janet, num tom de censura.

– Não falava certamente como uma pedinte! E a cara dela também não fazia

lembrar a de uma – fez notar Nora.

– Para além disso, ela não mendigou. Fiquei com tanto medo de que ela se zangasse contigo. As pessoas não gostam de ser confundidas com pedintes quando não o são, não é, Donald? – acrescentou Janet.

– Ela não ficou zangada – argumentou Donald, um pouco desanimado, mas ainda convicto dos seus atos. – Sorriu e disse que eu era um menino muito bondoso e querido. E sou. Dei-lhe meio xelim!

Janet e Nora entreolharam-se.

– Uma pedinte nunca diria isso. Teria dito, «Muito agradecida, menino... do fundo do coração», e talvez tivesse feito uma vénia.

Sem que Sara disso tivesse conhecimento, a partir daquele momento os membros da Família Grande ganharam um interesse por ela tão grande quanto o que ela já sentia por eles. Quando Sara passava, corriam às janelas do quarto de brincar, e em redor da lareira decorriam muitas discussões acerca dela.

– É uma espécie de criada do colégio. Não me parece que tenha família. Suponho que seja órfã. Mas não é uma pedinte, por mais maltrapilha que ande vestida – dizia Janet.

A partir de então, começou a ser conhecida entre eles como «a-menina-que-não-é-mendiga», o que, obviamente, era um nome muito comprido e soava muito engraçado quando por vezes os mais novos o diziam às pressas.

Sara conseguiu fazer um buraco na moeda e atou-a a um pedaço velho de fita ao pescoço. O seu afeto pela Família Grande aumentou, bem como o afeto que sentia por tudo aquilo a que podia dar o seu amor. Estimava Becky cada vez mais e costumava ansiar pelas duas manhãs por semana em que ia ensinar francês às mais pequenas. As suas alunas adoravam-na e bulhavam umas com as outras pelo privilégio de ficaram junto dela e lhe darem discretamente a mão. Senti-las a aninharem-se a si alimentava o seu esfomeado coração. Tornara-se tão amiga dos pardais que, quando se punha de pé em cima da mesa, colocava a cabeça e os ombros de fora da janela das águas-furtadas e chilreava, ouvia quase de imediato um esvoaçar de asas e trinados em resposta. Um pequeno bando de passarinhos surgia então e pousava nas telhas para falar com ela e se deliciar com as migalhas que ela lhes dava. Quanto a *Melquisedec*, Sara e ele eram de tal forma chegados que o roedor por vezes fazia-se acompanhar da esposa e, de vez em quando, de um ou dois dos seus filhos. Sara costumava conversar com ele e, de alguma forma, sentia que ele a compreendia.

No seu coração nascera entretanto um sentimento muito estranho em relação a Emily, que, do seu lugar aos pés da cama, contemplava tudo. Este sentimento surgira num momento de grande desolação. Sara teria gostado de acreditar ou de fazer de conta que Emily a compreendia e se compadecia de si. Custava-lhe admitir para si

mesma que a sua única companheira não a escutava nem sentia nada. Costumava por vezes acomodá-la na beira da cama e sentar-se diante dela, no velho escabelo encarnado, contemplando-a e imaginando coisas a seu respeito, até que os seus olhos se esbugalhavam e a sua fisionomia se alterava, exprimindo uma espécie de medo, em especial à noite, quando tudo ficava muito silencioso e o único som que se escutava no sótão era o ocasional esgravatar e chiar da família de *Melquisedec* na parede. Numa das suas histórias de faz-de-conta, Emily era uma espécie de bruxa boa que podia protegê-la. Por vezes, quando a sua imaginação a levava a ficar tão absorta que era como se estivesse em transe, fazia perguntas a Emily e *quase* sentia que ela lhe iria responder, mas isso nunca acontecia.

«Quanto a isso», pensava Sara, tentando consolar-se, «eu própria não respondo muitas vezes. Nunca respondo sempre que posso evitá-lo. Quando as pessoas nos insultam, o melhor a fazer é não lhes dizer uma única palavra, olhar para elas e pormo-nos a pensar. Miss Minchin fica lívida de raiva quando lhe faço isso. Miss Amelia fica assustada, tal como as raparigas. Quando não nos deixamos levar pela raiva, as pessoas percebem que somos mais fortes do que elas, pois conseguimos controlar os nossos sentimentos e elas não, e dizem coisas disparatadas que mais tarde desejavam não ter dito. Não existe nada mais forte do que a cólera, a não ser o que nos faz contê-la. Isso, sim, é mais forte. É muito boa estratégia não responder aos nossos inimigos. Raramente o faço. Talvez a Emily seja mais como eu do que eu mesma. Talvez prefira não responder sequer aos seus amigos. Guarda tudo no seu coração.»

Não obstante, por mais que tentasse satisfazer-se com tais argumentos, isso não era fácil. Quando, no final de um dia longo e árduo passado a correr de um lado para o outro a fazer recados demorados à chuva e ao frio, entrava em casa molhada e cheia de fome e era de novo mandada à rua porque ninguém se lembrava que ela era apenas uma criança e que as suas magras pernas podiam estar cansadas e o seu pequeno corpo enregelado; quando apenas recebia palavras ásperas e olhares gélidos e humilhantes em agradecimento; quando a cozinheira era insolente e grosseira; quando Miss Minchin estava de pior humor do que o habitual e quando as raparigas cochichavam umas para as outras, escarnecendo do seu aspeto, nessas alturas não conseguia reconfortar o seu coração magoado, orgulhoso e solitário perante a atitude impassível e indiferente de Emily. Nessas alturas, não havia faz-de-conta que a consolasse.

Numa dessas noites, chegando ao sótão cheia de fome e de frio, com uma tempestade a grassar-lhe no coração, o olhar de Emily pareceu-lhe tão vazio, as pernas e braços de serradura tão inexpressivos, que Sara perdeu o controlo sobre as suas emoções. Estava sozinha no mundo; não tinha mais ninguém a não ser Emily, e ali estava ela, sentada, imóvel.

– Morrerei em breve – começou por dizer.

Emily continuou a olhar em frente, para o vazio, dir-se-ia.

– Não suporto isto – continuou Sara, a tremer. – Sei que vou morrer. Tenho frio, estou encharcada, morro de fome. Calcorreei todo o dia, sem parar, e de manhã à noite só ouvi ralhetes. E porque não consegui encontrar a última coisa que a cozinheira me mandou comprar, negou-me o jantar. Umas pessoas riram-se de mim porque os meus sapatos, de tão velhos e gastos, me fizeram escorregar na lama. E eis-me toda enlameada. E ainda se riram de mim. Estás a ouvir?

Olhou para os olhos vítreos e o rosto complacente da boneca e, de repente, uma espécie de raiva desgostosa apoderou-se de si. Levantou a mão e derrubou Emily, a boneca caiu ao chão e Sara, que nunca chorava, desatou a soluçar desconsoladamente.

– Não passas de uma *boneca*! É o que tu és... uma boneca, uma boneca! Não te importas com nada. És feita de serradura. Nunca tiveste coração. Não sentes nada e coisa alguma poderia dar-te sentimentos. Não passas de uma *boneca*! – gritou ela.

Emily estava no chão, as pernas dobradas ignominiosamente por cima da cabeça, a ponta do nariz partida, mas mostrava-se calma, até mesmo solene. Sara escondeu a cara nos braços. No interior da parede, os ratos corriam uns atrás dos outros, chiando, esgravatando. *Melquisedec* estava sem dúvida a castigar algum membro da família.

O choro de Sara abrandou aos poucos. Era tão invulgar perder o controlo, que ela própria ficou surpreendida. Ao fim de um momento, levantou a cabeça e olhou para Emily, que parecia fitá-la por entre uma perna e, desta vez, com uma espécie de compaixão. Cheia de remorsos, Sara inclinou-se e apanhou-a do chão. Deixou entrever um pequeno sorriso.

– Não podes evitar ser uma boneca, não é? Da mesma forma que Lavinia e Jessie não conseguem evitar não ter juízo. Não somos todos iguais – disse, com um suspiro resignado. Beijou a boneca, compôs-lhe as roupas e voltou a sentá-la aos pés da cama.

Há muito que acalentava o desejo que alguém arrendasse a casa do lado, que estava vazia. O seu anseio prendia-se com a janela das águas-furtadas vizinhas, mesmo ali ao lado da sua. Seria tão bom vê-la aberta um dia e, pela abertura quadrangular, ver surgir uma cabeça e uns ombros.

«Se me parecesse uma pessoa simpática, poderia começar por dizer, "bom dia", e a partir daí tudo poderia acontecer. Mas o mais provável é que venha também a ser o quarto de uma mera criadita como eu.», pensou Sara.

Certa manhã, ao dobrar a esquina em direção à praça depois de uma ida à mercearia, ao talho e à padaria, reparou, para sua grande alegria, que durante a sua prolongada ausência, uma carroça ajoujada de mobília parara frente à casa vizinha.

As portas da frente estavam abertas de par em par e homens em mangas de camisa entravam e saíam a carregar caixas e peças de mobiliário.

«Foi arrendada!», exclamou ela para os seus botões. «Até que enfim! Só espero ver uma cara simpática a espreitar pela janela do sótão!»

Sara quase desejava juntar-se ao grupo de espectadores que se amontoara no passeio para ver as coisas serem transportadas. Tinha a certeza de que, se pudesse avistar algum do mobiliário, seria capaz de deduzir algumas coisas em relação às pessoas a quem pertencia.

«As cadeiras e mesas de Miss Minchin são tal e qual ela. Lembro-me de ter pensado isso mal a vi, muito embora fosse ainda tão pequena. Mais tarde, comentei-o com o papá e ele riu-se e disse que era verdade. Estou certa de que a Família Grande tem sofás e cadeirões espaçosos e confortáveis, e já reparei que o papel de parede, floral e colorido, condiz na perfeição com eles. Tem um ar alegre, simpático e feliz.»

Mais tarde, no mesmo dia, a cozinheira mandou-a à mercearia comprar salsa. Ao subir pelas escadas de serviço, o seu coração bateu mais forte. Várias peças de mobiliário haviam sido colocadas no passeio. Havia uma bonita mesa de madeira de teca magnificamente trabalhada, umas quantas cadeiras e um biombo com um bordado oriental deslumbrante. A visão daqueles objetos fê-la sentir saudades de casa. Vira objetos tão semelhantes àqueles na Índia. Uma das coisas que Miss Minchin lhe tirara fora uma escrivaninha de teca que o pai lhe mandara.

«Que coisas tão bonitas! Pelo aspeto, devem pertencer a uma pessoa simpática. E tem tudo um ar sumptuoso. Suponho que a casa tenha sido arrendada por uma família rica».

Todo o dia, as carroças chegaram, foram descarregadas e deram lugar a outras. Por casualidade, Sara teve várias oportunidades de ver as coisas serem transportadas. Tornou-se claro que estava certa ao depreender que os novos vizinhos eram pessoas abastadas. Todo o mobiliário era opulento e muito bonito e, em boa parte, oriental. Magníficos tapetes, tapeçarias e ornamentos foram tirados das carroças; bem como quadros e livros que dariam para rechear uma biblioteca. Entre muitas outras peças decorativas, havia um belíssimo Buda num esplêndido altar.

«Certamente algum membro desta família esteve na Índia», pensou Sara. «E tomou gosto pelas coisas orientais. Fico contente. Pensarei neles como meus amigos, ainda que não veja ninguém a assomar-se à janela do sótão.»

Quando ao fim da tarde foi buscar o leite (não havia nenhuma tarefa a que fosse poupada), viu uma coisa que tornou a situação ainda mais interessante. O homem bem-parecido e rosado que era o chefe da Família Grande atravessou a praça a pé, de uma forma muito prosaica, e subiu numa corrida os degraus da casa ao lado da de Miss Minchin, como se estivesse em casa e contasse subi-los e descê-los muitas

vezes no futuro. Demorou-se bastante tempo lá dentro e, por várias ocasiões, veio à porta dar instruções aos trabalhadores, como se lhe competisse fazê-lo. Era óbvio que estava de alguma forma relacionado com os novos arrendatários e agia em nome deles.

«Se os novos vizinhos tiverem filhos, as crianças da Família Grande de certeza que virão brincar com eles, e, nesse caso, talvez subam ao sótão, na brincadeira», especulou Sara.

Nessa noite, depois de terminar o seu trabalho, Becky foi visitar a sua companheira de infortúnio e levar-lhe as novidades.

– É um cavalheiro indiano que vem viver para a casa do lado, *miss*. Não sei se é preto ou não, mas é indiano. É muito rico e está doente, e o senhor da Família Grande é o advogado dele. O senhor indiano teve muitos problemas e é por isso que está doente. E ele reza a ídolos, *miss*. É de certeza um pagão. Vi um ídolo ser transportado lá para casa. Alguém lhe devia enviar um opúsculo. Pode-se comprar um opúsculo por um dinheiro.

Sara deu uma risadinha.

– Não creio que ele venere aquele ídolo. Algumas pessoas gostam de ter estátuas assim para as admirarem, porque são objetos bonitos. O meu papá tinha um lindíssimo, e não o venerava.

Não obstante, Becky preferia acreditar que o novo vizinho era «um pagão». Parecia-lhe tão mais exótico do que se fosse apenas um cavalheiro corriqueiro que ia à igreja com um livro de orações como toda a gente. Pronunciou-se também, e longamente, sobre o aspeto que teria o referido indiano, bem como a sua esposa, caso a tivesse, e os filhos dele, se tivessem filhos. Sara percebeu que, no seu íntimo, Becky ansiava por que fossem todos negros, usassem turbantes e, acima de tudo, à semelhança do chefe de família, fossem todos «pagãos».

– Nunca vivi ao lado de pagãos, *miss*. Gostaria de ver que tipo de hábitos têm.

Só dali a algumas semanas é que a sua curiosidade foi satisfeita, e tornou-se então claro que o novo inquilino não tinha mulher nem filhos. Era um homem solitário, sem família, e destroçado física e psicologicamente.

Um dia, uma carruagem parou frente à casa. Quando o lacaio desceu e abriu a portinhola, o pai da Família Grande foi o primeiro a apear-se, seguido de uma enfermeira de uniforme. Dois criados desceram então os degraus da casa para auxiliar o seu patrão que, ao sair da carruagem amparado por eles, revelou ser um homem de aspeto angustiado, macilento e escanzelado, envolto em peles. Foi transportado degraus acima e o chefe da Família Grande acompanhou-o até casa, com um ar ansioso. Pouco tempo depois, chegou a carruagem do médico, que se apressou a entrar, obviamente para cuidar dele.

– Na casa ao lado há um senhor tão amarelo, Sara – sussurrou Lottie na aula de

francês. – Achas que será chinês? O livro de Geografia diz que os chineses são amarelos.

– Não, não é chinês. Está muito doente – murmurou Sara em resposta. – Vamos, continua com o exercício, Lottie. «*Non, monsieur. Je n'ai pas le canif de mon oncle*.»[5]

Foi o início da história do cavalheiro indiano.

5 « Não, senhor. Não tenho o canivete do meu tio.» (*N. da T.*)

11

RAM DASS

Havia por vezes bonitos poentes na praça onde ficava o colégio. Apenas eram visíveis parcialmente por entre as chaminés e sobre os telhados. Das janelas da cozinha, que ficava na cave, não era possível avistá-los, apenas adivinhá-los pela cor rosada ou amarelada dos tijolos das casas circundantes, ou talvez porque um feixe de luz esbraseante atingia uma vidraça, algures. Havia, contudo, um local de onde se podia observar todo esse esplendor: os castelos de nuvens escarlates ou douradas a oeste, as mais violáceas debruadas de uma resplandecente luminosidade; as lanosas e delgadas, tingidas de cor-de-rosa, assemelhando-se a bandos de pombas a cruzarem o azul a toda a velocidade quando o vento soprava. O local de onde tudo isto se podia ver, ao mesmo tempo que se respirava um ar mais puro, era, é claro, a janela das águas-furtadas.

Quando a praça parecia começar a brilhar, como que encantada, e a parecer bonita apesar das fuliginosas árvores e grades de ferro, Sara sabia que algo se passava no céu; e quando lhe era possível abandonar a cozinha sem que dessem pela sua falta ou a chamassem de volta, escapulia-se e subia os lanços de escadas até ao sótão. Aí, trepando à velha mesa, debruçava-se o máximo que podia da janela, respirando fundo e olhando em redor. Então, era como se tivesse todo o céu e o mundo para si mesma. Mais ninguém se assomava às outras trapeiras e, de um modo geral, estavam fechadas, mas mesmo quando estavam entreabertas para permitir a entrada de ar, ninguém parecia assomar-se a elas. Sara detinha-se aí, por vezes inclinando o rosto para o céu, que lhe parecia tão amistoso e próximo, semelhante a um bonito teto abobadado, por vezes contemplando o ocidente e todas as coisas maravilhosas que aí sucediam: as nuvens a aglomerar-se ou a serem empurradas, passando do rosa ao carmesim, ao branco, ao púrpura ou ao cinza-pálido. Por vezes, formavam ilhas ou montanhas grandiosas que circundavam lagos de águas cor de turquesa, de âmbar ou jade; outras vezes, escuros promontórios avançavam por mares perdidos e estranhos adentro e faixas estreitas de terras maravilhosas faziam a ponte para outra terras magníficas. Havia locais por onde se diria que era possível correr ou passear, ou ficar parado à espera do que aconteceria a seguir, até que tudo se desvanecesse. Era, pelo menos, o que Sara imaginava, e nunca nada lhe parecera tão belo quanto as coisas que via quando se empoleirava na mesa, metade do corpo fora do telhado, os pardais a chilrear sobre as chaminés. Os pássaros pareciam sempre piar com uma

doçura acrescida quando estas maravilhas ocorriam.

Poucos dias depois de o cavalheiro indiano ter sido levado para a sua nova casa, houve um desses pores do sol, e como, por feliz coincidência, o trabalho daquele dia estava terminado na cozinha e ninguém a encarregara de qualquer recado ou tarefa, Sara aproveitou para se escapar e correr para o sótão.

Como era habitual, trepou à mesa e pôs-se à janela. Foi um momento deslumbrante. A poente, uma enchente cor de ouro parecia avançar pelo horizonte, como se uma gloriosa maré varresse o mundo. Uma luz intensa, amarelo-escura tingia tudo, e os pássaros, voando sobre os telhados, pareciam negros em contraluz.

«Um pôr do sol esplêndido», disse Sara para si mesma. «Quase fico com medo, como se uma coisa estranha estivesse para acontecer. Os ocasos esplêndidos fazem-me sempre sentir isto.»

Escutou um som a pouca distância e virou de repente a cabeça. Era um som estranho, semelhante a uma sucessão rápida de pequenos guinchos. Vinha da janela das águas-furtadas da casa do lado. Mais alguém quisera ver o pôr do sol como ela. Havia uma cabeça e uma parte de um tronco a emergir da janela, mas não era a cabeça nem o corpo de uma menina ou de uma criada; era a cabeça de tez morena, olhos brilhantes e turbante branco de um criado indiano – «um lascarim», pensou Sara de imediato –, e o som que escutara provinha de um pequeno macaco que ele segurava nos braços como uma criança, e que se aconchegava a ele e guinchava.

Quando Sara olhou na sua direção, ele olhou na dela. A primeira coisa que lhe ocorreu foi que o seu rosto moreno tinha um ar pesaroso e saudoso. Tinha a certeza absoluta de que ele subira ao sótão para ver o sol, porque em Inglaterra raramente o via. Olhou com curiosidade para ele por um segundo, e depois sorriu. Aprendera o quanto um sorriso, ainda que de um desconhecido, podia ser reconfortante.

O dela foi evidentemente um prazer para ele. Toda a sua expressão se alterou, exibindo uns dentes tão brancos e reluzentes quando sorriu de volta, que foi como se uma luz se tivesse acendido na sua cara morena. A simpatia que os olhos de Sara transmitiam era sempre muito eficaz quando as pessoas se sentiam tristes ou cansadas.

Foi talvez ao cumprimentá-la, com um gesto da mão, que afrouxou o amplexo com que segurava o macaquito. Este, irrequieto e curioso, estava sempre pronto para uma aventura e, provavelmente, ficou entusiasmado com a visão de uma criança. Escapou-se assim ao lascarim, correu pelo telhado aos guinchinhos e saltou para o ombro de Sara, e daí para o chão do seu quarto. Encantada, ela soltou uma gargalhada, sabendo de antemão que o fugitivo teria de ser devolvido ao seu dono – se é que o lascarim era o seu dono – e interrogou-se como haveria de ser. Deixar-se-ia apanhar por ela ou iria ser travesso e fugir pelos telhados, perdendo-se? Isso não podia acontecer. Talvez o macaco pertencesse ao cavalheiro indiano e o pobre

homem tivesse um afeto especial por ele.

Virou-se para o lascarim, satisfeita por se recordar ainda de algum do hindustani que aprendera quando vivia com o pai. Explicaria a situação ao homem. Falou-lhe portanto na língua dele.

– Ele deixar-se-á apanhar por mim? – perguntou.

Sara nunca vira tanta surpresa e alegria como as que o rosto trigueiro do lascarim espelharam quando ela lhe falou na sua língua materna. Para o pobre homem, na verdade, foi como se os deuses tivessem intervindo e aquela voz doce e amável proviesse diretamente do céu. Sara percebeu de imediato que o criado estava habituado a crianças europeias. Desfez-se em agradecimentos respeitosos. O macaco era muito amistoso e não mordia, mas, por azar, era difícil de apanhar. Fugiria de um lugar para outro com a rapidez de um relâmpago. Era desobediente, embora não malvado. Ram Dass conhecia-o como se ele fosse seu filho e sabia que ele por vezes obedecia, mas nem sempre. Se a menina saíbe permitisse, Ram Dass atravessaria os telhados até ao quarto dela, entraria pela janela e recuperaria o atrevido animal. Todavia, era evidente que receava que Sara achasse que ele estava a tomar grandes liberdades e recusasse.

Sara, porém, consentiu de imediato.

– Consegue atravessar o telhado? – inquiriu.

– Num instante – respondeu ele.

– Então, venha. Ele pula de um lado para o outro do quarto como se estivesse assustado.

Ram Dass emergiu pela janela das suas águas-furtadas e atravessou as lajes de ardósia até às de Sara com a agilidade de um felino, como se toda a vida tivesse caminhado sobre telhados. Entrou pela janela dela e aterrou no chão sem fazer barulho. Voltou-se então para Sara e cumprimentou-a de novo com um salamaleque. O macaco viu-o e soltou um pequeno grito. Ram Dass apressou-se a fechar a janela, por precaução, e começou a perseguir o fugitivo. A perseguição não demorou muito tempo. O macaco prolongou-a por alguns minutos apenas pela diversão, mas às tantas saltou para o ombro de Ram Dass e aí se sentou, dando pequenos guinchos e segurando-se ao pescoço dele com um braço esguio e magro.

Ram Dass agradeceu profusamente a Sara. Ela percebera que os olhos treinados dele haviam abarcado de relance a despida pobreza do quarto, contudo, falava com ela como se estivesse a dirigir-se à filha de um rajá e fazia de conta que não reparara em nada. Depois de apanhar o macaco, não se deteve mais do que uns minutos, que foram passados a exprimir o seu reconhecimento pela amabilidade que Sara demonstrara. Aquele maroto, disse ele, afagando o macaco, não se mostrara tão travesso quanto se esperava, e o seu dono, que estava doente, divertia-se muitas vezes com ele. Teria ficado muito triste se o seu divertimento preferido tivesse

fugido e se perdesse. Com um último salamaleque, trepou pela janela e avançou pelas telhas com a mesma destreza que o próprio macaco demonstrara.

Depois de ele partir, Sara ficou no meio do quarto a pensar nas muitas coisas que o rosto e os seus modos lhe haviam feito recordar. A visão do seu trajo típico e a profunda reverência do seu porte fizeram vir ao de cima memórias do passado. Parecia-lhe tão estranho recordar que ela própria – a lacaia que a cozinheira insultara há uma hora – vivera, não há muitos anos, rodeada por pessoas que a tratavam como Ram Dass, que lhe faziam salamaleques quando ela passava e cujas testas quase tocavam no chão quando falava com elas. Era como um sonho; mas tudo isso terminara e não voltaria a repetir-se. Parecia seguramente que nenhuma mudança ocorreria. Sara sabia qual o futuro que Miss Minchin tinha traçado para ela. Enquanto fosse nova demais para ser usada como professora, serviria como menina de recados e criada, sendo esperado que se recordasse de tudo o que aprendera e que, de alguma forma misteriosa, sem dúvida, aumentasse os seus conhecimentos. A maior parte dos seus serões era passada a estudar e, a intervalos que nada tinham de regulares, era submetida a exames, consciente de que seria severamente repreendida se não tivesse avançado como se esperava. A verdade era que Miss Minchin sabia que a sua ânsia por aprender dispensava professores. Bastaria darem-lhe livros para ela os devorar a acabar por sabê-los de cor. E dali a alguns anos estaria à altura de se tornar uma boa professora. Eis o que aconteceria: quando fosse mais velha, esperar-se-ia que trabalhasse como uma lacaia na sala de aulas, como agora fazia em todas as partes da casa. Miss Minchin seria obrigada a fornecer-lhe roupa mais respeitável, mas seria certamente simples e feia e destinada a fazê-la parecer uma espécie de criada. Era tudo o que a esperava no futuro. Sara manteve-se imóvel durante vários minutos a considerar tudo isso.

Ocorreu-lhe então um pensamento que lhe trouxe cor às faces e um brilho súbito ao olhar. Endireitou o esguio e magro tronco e ergueu a cabeça.

«Venha o que vier, uma coisa nunca mudará. Se sou uma princesa esfarrapada e andrajosa por fora, posso ser uma princesa por dentro. Seria fácil ser uma princesa se andasse vestida de ouro, mas parece-me que será mais meritório ser uma princesa sem que ninguém saiba que o sou. Também Maria Antonieta, quando estava na prisão, afastada do trono, apenas com um vestido preto em farrapos, os cabelos brancos em desalinho, a ser insultada e chamada de Viúva Capeto, era mais rainha nessa altura do que quando era feliz e tudo em seu redor era grandioso. Admiro-a mais nessa época. As multidões aos gritos não lhe metiam medo. Ela era mais forte do que elas, mesmo quando lhe cortaram a cabeça», pensou Sara.

Não era um pensamento novo, mas já de há bastante tempo; uma ideia que a consolara em muitos momentos amargos. Nesses dias, ia e vinha pela casa com uma expressão no rosto que Miss Minchin não conseguia entender e que muito a

contrariava, pois parecia que a pequena criada vivia mentalmente uma vida que a colocava acima do resto do mundo. Era como se mal escutasse as coisas desagradáveis e grosseiras que lhe eram ditas, ou, ainda que as ouvisse, não fizesse o mínimo caso delas. Por vezes, quando ia lançada num qualquer discurso autoritário e desapiedado, Miss Minchin deparava-se com aquele olhar direto – e que nada tinha de infantil – fixo em si, e era como se, por trás dele, estivesse um sorriso orgulhoso. Nessas alturas, ignorava que Sara dizia para si mesma:

«Não sabe que está a dizer essas coisas a uma princesa e que, se eu quisesse, mandá-la-ia executar com um mero aceno de mão. Apenas a poupo porque sou uma princesa e a senhora não passa de uma criatura estúpida, cruel e vulgar que não sabe agir de outra forma.»

Isso costumava diverti-la e entretê-la mais do que qualquer outra coisa, e, por mais estranho e fantasioso que fosse, Sara encontrava conforto neste passatempo e isso fazia-lhe bem. Absorta em tais pensamentos, não se tornava mal-educada e maldosa perante a má educação e maldade dos que a rodeavam.

«Uma princesa deve ser bem-educada», costumava ela dizer para os seus botões.

Assim, quando as restantes criadas, seguindo o exemplo da sua patroa, a destratavam e dispunham dela a seu bel-prazer, Sara mantinha a cabeça erguida e respondia-lhes com uma singular civilidade que muitas vezes as deixava a olhar de boca aberta para ela.

– Aquela rapariga tem mais boas maneiras do que se tivesse nascido no Palácio de Buckingham – comentava por vezes a cozinheira, com uma risada. – Perco a paciência com ela a toda a hora, mas honra lhe seja feita, nunca esquece as boas maneiras. «Se faz favor, senhora cozinheira», «Quer ter a bondade, senhora cozinheira?», «Com licença, senhora cozinheira», «Posso interrompê-la, senhora cozinheira?» E diz estas coisas como se não fosse nada.

Na manhã a seguir ao seu encontro com Ram Dass e o seu macaquito, Sara encontrava-se na sala de aulas com as alunas mais novas. Tendo terminado a lição, estava a juntar os livros de exercícios e, ao mesmo, a pensar nas coisas que várias personagens reais tinham tido de fazer sob disfarce: Alfredo, *o Grande*, por exemplo, queimara os bolos e fora esbofeteado pela esposa do vaqueiro. Tão atemorizada que ela deveria ter ficado ao descobrir quem esbofeteara! E como seria quando Miss Minchin descobrisse que ela, Sara, cujos dedos dos pés já quase saíam pela biqueira das botas, era uma princesa, uma princesa verdadeira! A expressão nos olhos dela era precisamente aquela que Miss Minchin mais detestava. Não toleraria semelhante coisa e, tomada pela ira, voou para ela e pregou-lhe duas bofetadas, tal como a mulher do vaqueiro fizera ao rei Alfredo. Sara sobressaltou-se e despertou em choque do seu sonho. Recuperando o fôlego, ficou imóvel por um segundo; então, sem saber que o iria fazer, desatou a rir.

– De que estás a rir, criança insolente e impertinente? – perguntou Miss Minchin.

Sara demorou um momento a controlar-se o suficiente para se recordar de que era uma princesa. Tinha as faces encarnadas das bofetadas que recebera.

– Estava a pensar – respondeu ela.

– Pede-me desculpas imediatamente – ordenou Miss Minchin.

Sara hesitou um segundo antes de dizer:

– Pedir-lhe-ei desculpas por me rir, se fui incorreta, mas não pedirei desculpas por pensar.

– Como te atreves a pensar? E em que pensavas? – exigiu saber Miss Minchin.

Jessie soltou um risinho abafado e Lavinia e ela acotovelaram-se ao mesmo tempo. Todas as raparigas levantaram a cabeça dos livros para escutar. Era sempre um motivo de interesse quando Miss Minchin atacava Sara. Esta tinha sempre umas respostas fora do vulgar e nunca parecia ter medo da diretora. Também não estava nervosa naquela altura, embora as suas faces se assemelhassem a dois tomates e os olhos lhe cintilassem como estrelas.

– Estava a pensar que a senhora não sabia o que estava a fazer – declarou ela, educada e grandiosamente.

– Que eu não sabia o que estava a fazer? – devolveu Miss Minchin, espantadíssima.

– Sim. Estava a pensar no que sucederia se eu fosse uma princesa e a senhora me esbofeteasse, no que eu lhe deveria fazer. E estava a pensar que, se fosse uma princesa, a senhora nunca se atreveria a fazê-lo, dissesse eu o que dissesse ou fizesse eu o que fizesse. E também estava a pensar no quanto a senhora iria ficar surpreendida e assustada se descobrisse de repente...

Sara via o futuro que imaginara para si tão nitidamente e falava com uma tal convicção que afetou Miss Minchin. Para a sua mente tacanha e desprovida de imaginação era quase como se, por detrás daquela ingénua ousadia, pudesse haver um verdadeiro poder oculto.

– O quê? Se descobrisse o quê? – indagou ela.

– Que eu era *mesmo* uma princesa e podia fazer tudo o que quisesse – explicou ela.

Cada par de olhos presente na sala se arregalou até mais não. Lavinia inclinou-se por cima da carteira para ver melhor.

– Vai já para o teu quarto! Imediatamente! E vocês, olhos nos livros, meninas! – gritou Miss Minchin.

Sara executou uma pequena vénia.

– Peço desculpa por me ter rido, se fui mal-educada – declarou ainda Sara, antes de dar meia volta e abandonar a sala de aulas, deixando Miss Minchin às voltas com a sua ira e as alunas a segredar por trás dos livros.

– Viram bem? Repararam no ar estranho dela? Não ficaria nem um pouco surpreendida se ela fosse de facto uma princesa ou assim. Imagine-se que até era! – comentou Jessie.

12

DO OUTRO LADO DA PAREDE

Quando se vive numa fila de casas, é interessante pensar-se no que está a ser feito e dito do outro lado da parede das divisões que habitamos. Sara gostava de se entreter imaginando o que escondia a parede que dividia a escola da casa do cavalheiro indiano. Sabia que a sala de aulas ficava ao lado do escritório do cavalheiro indiano e esperava que a parede fosse grossa o suficiente para que o barulho que as alunas por vezes faziam depois das lições não o incomodasse.

Certa vez, disse para Ermengarde:

– Tenho uma grande simpatia por ele. Não gostaria nada que o barulho o perturbasse. Adotei-o como meu amigo. É possível fazer-se isso com pessoas com as quais nunca falamos. Observamo-las, pensamos nelas, alegramo-nos por elas e compadecemo-nos delas, e às tantas tornamo-nos quase parentes. Fico bastante ansiosa quando por vezes vejo o médico ir visitá-lo duas vezes por dia.

– Eu tenho poucos parentes e fico muito contente por isso – afirmou Ermengarde, com um ar pensativo. – Não gosto daqueles que tenho. As minhas duas tias estão sempre a dizer: «Deus meu, Ermengarde! Estás muito gorda. Não devias comer doces.» E o meu tio passa o tempo a perguntar-me coisas como: «Quando é que Eduardo III subiu ao trono?» e «Quem é que morreu com uma indigestão de lampreias?»

Sara riu.

– As pessoas com as quais nunca falamos não nos podem fazer perguntas assim, e tenho a certeza de que o cavalheiro indiano não o faria, mesmo que fosse um familiar teu muito chegado. Gosto muito dele.

Simpatizara com a Família Grande porque todos tinham um ar feliz, mas simpatizara com o cavalheiro indiano porque ele parecia infeliz.

Era evidente que ele não recuperara ainda por completo da grave doença que o acometera. Na cozinha, onde, é claro, as criadas, por um qualquer expediente misterioso, sabiam de tudo, ninguém se cansava de discutir o caso. Na verdade, o cavalheiro não era indiano mas sim inglês, e vivera na Índia. As desventuras que por lá enfrentara haviam sido de tal ordem que toda a sua fortuna estivera em risco e ele mesmo se dera por arruinado e desonrado para todo o sempre. O choque fora tão grande que quase morrera devido a um esgotamento nervoso. Desde então, a sua saúde ficara comprometida, embora a sua sorte tivesse mudado e a sua riqueza lhe

tivesse sido restituída. A causa dos seus problemas e infortúnios tinha sido umas minas.

– E minas de diamantes! Poupanças minhas nunca irão para minas, em especial de diamantes! – exclamou a cozinheira, com um olhar de relance para Sara. – Todos nós sabemos no que isso dá.

«Ele sentiu o mesmo que o meu papá. Ficou igualmente doente, mas não morreu», pensou Sara.

Deste modo, no seu coração, sentiu-se ainda mais cativada pelo cavalheiro indiano. Quando a mandavam fazer recados depois de escurecer, costumava ficar satisfeita, pois havia sempre a hipótese de as cortinas da casa ao lado não terem ainda sido fechadas e ela conseguir avistar o seu amigo adotado numa das confortáveis divisões. Quando não havia ninguém por perto, parava e, segurando-se ao gradeamento de ferro, desejava-lhe as boas-noites como se ele a pudesse escutar.

«Talvez consiga *sentir*, já que não pode ouvir-me», imaginava ela. «Quem sabe se os pensamentos bondosos não chegam às pessoas, de alguma forma, mesmo através de janelas e portas e paredes. Talvez o cavalheiro indiano se sinta um pouco melhor, mais reconfortado, sem perceber bem porquê, quando eu estou aqui de pé, ao frio, a desejar que fique bom e volte a ser feliz. Lamento tanto o que lhe aconteceu», sussurrava ela na sua cabeça. «Quem dera que tivesse uma "senhorinha" que o mimasse como eu costumava mimar o meu papá quando ele tinha uma dor de cabeça. Gostaria muito de ser a sua "senhorinha", meu pobre amigo! Boa noite, boa noite. Deus o abençoe!»

Afastava-se, sentindo-se ela mesma um pouco melhor e mais reconfortada. A sua compaixão era tão forte, que quase se acreditaria que *chegaria* de alguma maneira até ele, sentado sozinho no seu cadeirão frente à lareira, quase sempre de roupão comprido e quase sempre com a testa pousada nas mãos, ao mesmo tempo que contemplava desesperadamente as chamas. Para Sara, ele era um homem cujas inquietações lhe perturbavam ainda o espírito, não uma pessoa cujas provações pertenciam já ao passado.

«Tem sempre um ar como se estivesse a pensar em alguma coisa que o atormenta *agora*, mas ele recuperou a sua fortuna e, com o tempo, ultrapassará o esgotamento nervoso, portanto não devia ter um ar tão abatido e triste. Interrogo-me se não haverá mais alguma coisa», pensava Sara.

Se havia de facto mais alguma coisa, que nem as criadas tivessem ouvido e coscuvilhado entre elas, Sara estava convencida de que o pai da Família Grande, o cavalheiro que ela apelidava de Sr. Montmorency, saberia do que se tratava. O Sr. Montmorency ia visitar o cavalheiro indiano com frequência, e a Sra. Montmorency e as crianças também, embora menos vezes. O cavalheiro indiano parecia apreciar em particular as duas meninas mais velhas, Janet e Nora, que haviam ficado tão

alarmadas quando o seu irmão Donald dera a sua moeda de meio xelim a Sara.

O cavalheiro indiano tinha de facto um afeto especial por crianças e, em especial, por meninas. Janet e Nora gostavam tanto dele como ele delas, e ansiavam com grande prazer pelas tardes em que lhes era permitido atravessar a praça e fazerem-lhe visitas, durante as quais se comportavam muito bem. Eram sempre visitas breves, porque ele estava doente e cansava-se depressa.

– É um amor de pessoa e está sempre a dizer que as nossas visitas o animam muito – dizia Janet.

Janet era a mais velha e mantinha os restantes irmãos na ordem. Era ela quem decidia quando era de bom-tom pedir ao cavalheiro indiano que lhes contasse histórias acerca da Índia, e era ela que percebia quando ele ficava cansado e estava na hora de se retirarem em bicos dos pés e irem pedir a Ram Dass que fosse para junto do seu patrão. Também simpatizavam muito com Ram Dass. Ele poderia contar-lhes inúmeras histórias, se soubesse falar outra língua para além de hindustani.

O verdadeiro nome do cavalheiro indiano era Sr. Carrisford, e Janet contou ao Sr. Carrisford o encontro deles com a-menina-que-não-é-mendiga. Ele ficou muito interessado, e ainda mais quando escutou da boca de Ram Dass a aventura do macaquito no telhado. Este fez-lhe uma descrição muito vívida das miseráveis águas-furtadas: do chão despido e das paredes esburacadas, da salamandra enferrujada e vazia e da estreita e dura cama.

– Carmichael, interrogo-me quantas águas-furtadas existirão nesta praça nessas condições, e quantas pobres criadas, ainda crianças, dormirão em camas assim, ao passo que eu deito a cabeça em almofadas de penas, rodeado de riqueza, a maior parte da qual não me pertence – disse o Sr. Carrisford para o pai da Família Grande, depois de ter escutado tal descrição.

– Meu caro amigo, quanto mais depressa parar de se atormentar, melhor será para si. Ainda que fossem suas todas as riquezas das Índias, não poderia remediar todos os males do mundo, e se começasse a mobilar todos os sótãos desta praça, ainda assim restariam os sótãos das restantes praças e ruas desta cidade. E por aí fora!

O Sr. Carrisford sentou-se e roeu as unhas, ao mesmo tempo que fitava as brasas incandescentes na grade da lareira.

– Parece-lhe... – disse num tom lento, depois de uma pausa. – Acha possível que a outra criança, aquela em que nunca paro de pensar, possa estar reduzida a uma existência tão miserável quanto a da pobre menina da casa aqui ao lado?

O Sr. Carmichael olhou-o com inquietação, constrangido. Sabia que a pior coisa que o seu cliente podia fazer por si mesmo, pela sua saúde mental e física, era começar a encarar aquele assunto sob esse novo ponto de vista.

– Se a criança que estava na escola de Madame Pascal em Paris era aquela que

procura, eu diria que foi confiada a pessoas com meios suficientes para cuidar dela. Adotaram-na porque tinha sido a companheira preferida da filha que perderam. Não tinham outros filhos e Madame Pascal disse que eram um casal russo muito abastado – respondeu ele, num tom tranquilizador.

– E a maldita mulher nem sequer sabia para onde a tinham levado! – exclamou o Sr. Carrisford.

O Sr. Carmichael encolheu os ombros.

– Era uma astuciosa e interesseira francesa que, evidentemente, ficou mais do que satisfeita por se ver livre da criança, tendo em conta que a morte do pai a deixara sem um vintém. As mulheres do género dela não se preocupam com o futuro de crianças que apenas encaram como fardos. Pelos vistos, os pais adotivos desapareceram sem deixar rasto.

– Mas você diz: «se» a criança for aquela que eu procuro. E diz muito bem. Não temos a certeza. O nome não era bem igual – fez notar Carrisford.

– Madame Pascal pronunciou-o como se fosse Carew, em vez de Crewe, mas pode tratar-se apenas de uma questão de pronúncia. As circunstâncias eram muito semelhantes, se bem se lembra. Um oficial inglês colocado na Índia inscrevera a sua pequena filha, órfã de mãe, na escola, morrendo a seguir, subitamente, depois de perder a sua fortuna. – O Sr. Carmichael deteve-se por um momento, como se lhe tivesse acabado de ocorrer uma ideia. – Tem a certeza de que a criança foi deixada numa escola em Paris? Está certo de que foi em Paris?

– Não tenho a certeza de coisa alguma, meu caro amigo – respondeu Carrisford, com uma enorme angústia. – Nunca vi a criança nem a mãe dela. Eu e o Ralph Crewe fomos grandes amigos e colegas, mas desde os tempos de escola que não nos víamos, até nos termos reencontrado na Índia. Eu estava totalmente cativado e absorto por aquele magnificente negócio das minas. Ele deixou-se cativar também. O negócio parecia tão espetacular e promissor, que ficámos de cabeça perdida. Quando nos encontrávamos, quase não falávamos de outra coisa. Eu só sabia que a criança fora enviada para um colégio algures. E agora nem tão-pouco me recordo de *como* tomei conhecimento disso.

Começava a atingir um estado de agitação. Ficava sempre assim quando o seu cérebro, ainda débil, se inflamava com memórias das desgraças do passado.

O Sr. Carmichael observava-o com ansiedade. Era necessário fazer-lhe algumas perguntas, mas deviam ser colocadas com calma e cuidado.

– Mas tinha algum motivo para supor que a escola era em Paris?

– Sim. A mãe da menina era francesa e eu ouvira dizer que era desejo dela que a filha fosse educada em Paris. Portanto, pareceu-me lógico que o Crewe a tivesse enviado para lá.

– Sim, de facto, faz sentido – concordou o Sr. Carmichael.

O cavalheiro indiano inclinou-se para a frente e bateu na mesa com a mão comprida e magra.

– Carmichael, *tenho* de encontrá-la. Se for viva, tem de estar em algum lado. Se estiver só no mundo e sem nada, é por culpa minha. Como há de um homem recuperar a sua sanidade com uma coisa assim na consciência? Este súbito revés da fortuna no negócio das minas transformou os nossos mais fantásticos sonhos em realidade, e a pobre filha do Crewe poderá andar a mendigar pelas ruas!

– Ora, ora, tente acalmar-se, Carrisford. Conforte-se com a ideia de que, quando ela for encontrada, terá uma fortuna para lhe entregar.

– Porque não fui homem para me manter firme quando as coisas começaram a ficar negras? – gemeu Carrisford, numa angustiante infelicidade. – Creio que teria revelado maior coragem, se não fosse responsável pelo dinheiro de outros, para além do meu. Pobre Crewe, teve de empenhar cada cêntimo que tinha. Confiava em mim... Tinha afeto por mim. E morreu a pensar que eu o arruinara... Eu, Tom Carrisford, que joguei críquete com ele em Eton. Devia ter-me na conta de um grandessíssimo patife!

– Não se recrimine dessa forma.

– Não me recrimino por o negócio ter ameaçado falir, recrimino-me por ter perdido a coragem. Fugi como um burlão e um ladrão, porque não fui capaz de enfrentar o meu melhor amigo e de lhe dizer que o arruinara, a ele e à filha.

O bondoso pai da Família Grande colocou a mão afetuosamente no ombro do seu cliente.

– Fugiu porque o seu cérebro sucumbira à tortura mental. Você estava já meio delirante, Carrisford. Caso contrário, teria ficado e enfrentado com coragem a adversidade. Lembre-se que, dois dias depois de ter partido, estava num hospital, amarrado à cama, desvairado, quase comatoso. Não se esqueça disso.

Carrisford pendeu a cabeça, segurando a testa com as mãos.

– Sim, é certo. O medo e o horror levaram-me à loucura. Há semanas que não dormia. Na noite em que saí de casa, a cambalear, senti-me cercado por monstros que me apontavam e gritavam e acusavam.

– Ora aí está! Como é que um homem à beira de um colapso nervoso podia raciocinar com sensatez?! – fez notar o Sr. Carmichael.

Carrisford abanou a sua cabeça pendida.

– E quando recuperei os sentidos, o meu pobre amigo estava morto... E enterrado. E eu parecia não me recordar de nada. Durante meses, não me lembrei da criança. Mesmo quando a memória da existência dela me veio à cabeça, era ainda assim indistinta. – Parou por um momento e massajou a testa. – Mesmo hoje em dia me parece vaga. Seguramente que, em algum momento, o Crewe terá comentado comigo qual a escola para onde a enviara. Não lhe parece?

– Talvez nunca lhe tenha falado do colégio em concreto. Pelo que sei, também nunca lhe terá dito o nome da menina.

– Ele costumava tratá-la por um nome carinhoso que inventara para ela. Chamava-lhe a sua «senhorinha», mas aquelas malditas minas ocupavam todos os nossos pensamentos. Não falávamos de mais nada. Se ele me falou da escola, esqueci-me... E agora nunca mais me voltarei a lembrar.

– Tenha calma, Carrisford, ainda a vamos encontrar. Continuaremos à procura do simpático casal russo de Madame Pascal. Ela parecia ter uma vaga ideia de que eles residiam em Moscovo. Seguiremos essa pista. Deslocar-me-ei a Moscovo – disse Carmichael, num tom animador.

– Se estivesse capaz de viajar, iria consigo, mas só tenho forças para estar aqui sentado, envolto em peles, a contemplar o fogo. E quando olho para ele, só vejo o rosto alegre e jovem do Crewe a olhar-me de volta, com uma expressão como se estivesse a fazer-me uma pergunta. Por vezes, à noite, sonho com ele, e vejo-o sempre à minha frente a colocar-me a mesma pergunta. Consegue imaginar o que ele me diz, Carmichael?

O Sr. Carmichael respondeu em voz baixa:

– Não.

– Pergunta-me sempre: «Tom, meu caro Tom, onde está a minha senhorinha?» – Agarrou a mão de Carmichael e apertou-lha, com urgência. – Tenho de ser capaz de lhe responder! Ajude-me a encontrá-la. Ajude-me.

Do outro lado da parede, Sara estava sentada no seu quarto a conversar com *Melquisedec*, que saíra da toca em busca do jantar.

– Hoje foi difícil ser uma princesa, *Melquisedec*, foi mais difícil do que de costume. À medida que o tempo arrefece e as ruas vão ficando mais enlameadas, vai-se tornando mais árduo. Quando me cruzei com a Lavinia no vestíbulo e ela se riu do meu vestido enlameado, ocorreu-me de imediato uma resposta para lhe dar, e tive-a mesmo na ponta da língua. Mas uma princesa não pode responder na mesma moeda, tem de morder a língua e controlar-se. Foi o que fiz. Esteve uma tarde fria, *Melquisedec*, e está uma noite ainda mais fria.

De repente, deitou a cabeça nos braços, como costumava fazer quando estava sozinha.

– Oh, papá, parece que já foi há tanto tempo que fui a sua «senhorinha»! – murmurou Sara.

E foi isto que aconteceu naquele dia, de ambos os lados da parede.

13

A MENDIGA

O inverno foi extremamente rigoroso. Havia dias em que Sara tinha de avançar pela neve para fazer os recados de que era incumbida; havia outros, bem piores, em que a neve derretida se misturava com a lama, formando uma espécie de lodo; outras vezes, o nevoeiro era tão denso que os candeeiros nas ruas ficavam acesos todo o dia, e Londres tinha o mesmo aspeto que naquela tarde, há tantos anos, em que a carruagem percorrera as largas ruas da cidade com Sara sentada no seu interior, encostada ao ombro do pai.

Nesses dias, a casa da Família Grande tinha um ar ainda mais acolhedor e apetecível, e pela janela do escritório onde se encontrava o cavalheiro indiano via-se o clarão da lareira, emprestando a tudo em redor um tom quente e dourado. As águas-furtadas pareciam a Sara ainda mais frias e sombrias do que nunca. E também lhe parecia já não haver poentes magníficos, nem auroras gloriosas, e raramente se viam as estrelas. As nuvens que pendiam sobre a trapeira eram ora cinzentas ora negras, desfazendo-se em chuva torrencial. Às quatro da tarde, mesmo quando o nevoeiro não era muito cerrado, a luz do dia desvanecia-se. Quando, por algum motivo, tinha de ir ao quarto, Sara era obrigada a acender uma vela. As criadas da cozinha desanimavam e isso deixava-as ainda mais mal-humoradas do que de costume. Becky era obrigada a trabalhar como uma pequena escrava.

– Se não fosse por si, *miss*, e pela história da Bastilha e de eu ser a prisioneira sua companheira, acho que morria – disse ela, certa noite, a Sara. – A Bastilha parece agora ainda mais verdadeira, não é? A cada dia que passa, a patroa assemelha-se mais a uma carcereira. Até parece que estou a ver as enormes chaves que ela carrega. E a cozinheira não lhe fica atrás. Conte-me mais coisas, *miss*... Fale-me da passagem subterrânea que cavámos por baixo das paredes.

– Contar-te-ei uma coisa mais calorosa. Vai buscar a tua colcha e enrola-te nela, que eu vou buscar a minha. Aninhamo-nos juntas na cama e eu falo-te da floresta tropical onde o macaco do cavalheiro indiano vivia. Quando o vejo sentado na mesa junto à janela a olhar para a rua com aquela expressão saudosa, fico sempre com a certeza de que está a pensar na floresta onde se pendurava pela cauda nos ramos dos coqueiros. Interrogo-me quem o terá apanhado e se terá deixado para trás uma família que dependia dele para apanhar cocos.

– Isso é, de facto, mais reconfortante, *miss*, mas, sob muitos aspetos, mesmo a

Bastilha é animadora quando é a menina a falar dela – disse Becky.

– Isso é porque te distrai e faz pensar noutra coisa – explicou Sara, embrulhando-se na colcha até só deixar de fora o seu rosto moreno. – É uma coisa em que já reparei muitas vezes. Quando o nosso corpo se sente desconfortável e triste, temos de fazer a mente pensar noutra coisa.

– Consegue fazer isso, *miss*? – murmurou Becky, olhando-a com admiração.

Sara franziu as sobrancelhas por um momento.

– Umas vezes consigo e outras não. Mas quando sou capaz, sinto-me muito melhor. Creio que qualquer pessoa seria capaz de o fazer, se praticasse o suficiente. Eu tenho praticado bastante, ultimamente, e começa a ser mais fácil do que era. Quando as coisas me parecem horríveis, mesmo *horríveis*, penso com todas as minhas forças que sou uma princesa. Digo para mim mesma: «Sou uma princesa, uma fada princesa, e, como sou uma fada, nada me pode magoar ou tornar desconfortável.» Nem imaginas o quanto isto me ajuda a esquecer – concluiu Sara, com uma risada.

Tinha muitas oportunidades para fazer a sua mente pensar noutras coisas e muitas ocasiões para provar a si mesma se era ou não uma princesa; contudo, uma das mais difíceis provas a que foi sujeita ocorreu num dia particularmente horrível que nos anos vindouros jamais esqueceria.

Durante vários dias chovera sem parar; um nevoeiro frio e desagradável invadira as ruas lamacentas e escorregadias. Toda a cidade estava coberta por um pálio de névoa e chuva miudinha. É claro que havia vários recados demorados e cansativos para fazer, como acontecia sempre em dias como aquele, e Sara foi mandada à rua uma e outra vez, acabando por ficar com a roupa encharcada. As absurdas penas do seu velho chapéu tinham um ar mais pinguço e ridículo do que nunca, e as botas, rotas e a rasgarem-se, estavam repassadas de água e não aguentariam mais chuva. Acrescente-se a isto que fora privada do almoço, pois Miss Minchin decidira castigá-la. Estava tão enregelada, tão esfomeada e cansada, que ganhou um ar macilento e, de vez em quando, um transeunte com uma alma mais bondosa olhava para ela com súbita compaixão. Todavia, Sara não se dava conta disso. Avançava apressada, tentando obrigar a sua mente a pensar noutra coisa. Era realmente muito necessário. Fazia de conta e imaginava com todas as forças que lhe restavam, mas naquele dia isso estava a revelar-se uma provação e, por uma vez ou duas, ela ficou mesmo com a sensação de que a sua estratégia a estava a deixar com mais frio e fome, em vez de o contrário. Perseverou, obstinadamente, e ao mesmo tempo que a água lamacenta lhe entrava nas botas estragadas e o vento lhe tentava arrancar o puído casaco, Sara caminhava e conversava consigo mesma, mas não falava em voz alta e nem mexia os lábios.

«Imaginemos que a roupa que trago vestida estava seca. Faz de conta que tenho

umas boas botas, um casaco comprido e grosso, meias de lã e um chapéu de chuva. E imagine-se... imagine-se que quando me aproximava da padaria onde vendem pãezinhos doces, encontrava meio xelim que não pertencia a ninguém. Nesse caso, entraria na loja, compraria seis pãezinhos acabados de fazer e comê-los-ia todos, uns a seguir aos outros, sem parar.»

Por vezes, acontecem coisas muito estranhas neste mundo.

Foi certamente uma coisa muito estranha a que sucedeu então a Sara. Atravessava a rua ao mesmo tempo que ia absorta naqueles pensamentos. Uma espessa camada de lama cobria a estrada e ela teve de escolher com muito cuidado o sítio onde colocava os pés, se bem que não houvesse muito por onde fazê-lo; avançava devagar, de olhos cravados no chão, e foi por isso que, mesmo ao chegar ao passeio do outro lado, viu uma coisa a cintilar na sarjeta. Era uma moeda prateada, pequena, já pisada por muitos pés, mas ainda capaz de brilhar um pouco. Não era bem meio xelim, mas o melhor que se podia arranjar a seguir a isso: uma moeda de quatro dinheiros.

Num segundo estava na mão enregelada de Sara.

– Oh, é verdade! É verdade! – exclamou ela, mal acreditando nos seus olhos.

Então, acreditem ou não, olhou para a loja que tinha à sua frente e constatou que era uma padaria. Uma mulher robusta, de faces rosadas, ar alegre e maternal colocava na montra um tabuleiro de deliciosos pãezinhos doces, acabadinhos de tirar do forno, grandes, rechonchudos, brilhantes, com passas.

Por uns segundos, o choque provocado pelo achado, bem como a visão dos pãezinhos e o cheiro delicioso a pão quente que emanava da porta quase fizeram Sara desfalecer.

Sabia que nem precisava de hesitar para usar a pequena moeda. Era evidente que estava caída na lama há algum tempo e que o seu dono já teria desaparecido na torrente de transeuntes que iam e vinham durante todo o dia.

«Ainda assim, irei perguntar à padeira se perdeu alguma coisa», pensou Sara para si mesma. Atravessou o passeio e colocou a bota encharcada na soleira da porta. Ao fazê-lo, viu uma coisa que a fez estacar.

Era uma pequena silhueta, ainda mais desamparada do que ela. Uma pequena figura que mais não era que um monte de andrajos do qual emergiam uns pequenos pés encarniçados, enlameados e descalços, porque os farrapos com os quais a sua dona tentava cobri-los não eram compridos o suficiente, e uma cabeleira desgrenhada emoldurava-lhe um rosto sujo de olhos esbugalhados e esfomeados.

Sara compreendeu o olhar dela assim que a viu e sentiu uma súbita compaixão por aquela figura.

«É uma mendiga e ainda passa mais fome do que eu», constatou para si mesma.

A criança mendiga olhou de volta para Sara e desviou-se um pouco para a deixar

passar. Estava habituada a ser obrigada a desimpedir o caminho para toda a gente. Sabia que, se um polícia calhasse a vê-la, lhe ordenaria: «Põe-te a andar!»

Sara apertou a moeda na mão e hesitou por uns segundos. Depois dirigiu-se à criança:

– Tens fome?

A menina encolheu-se ainda mais nos seus andrajos.

– Se tenho! – respondeu, numa voz meio rouca.

– Não almoçaste? – perguntou Sara.

– Não almocei, nem tomei o pequeno-almoço. Não comi nada – disse a mendiga, numa voz cada vez mais sumida e continuando a encolher-se.

– Desde quando? – quis saber Sara.

– Não sei. Hoje ainda não consegui nada, e já me fartei de pedir.

Só de olhar para ela, Sara sentiu-se mais esfomeada e fraca, mas aqueles seus invulgares pensamentos continuavam a ocupar-lhe a mente e, apesar de ter o coração apertado, dizia para si mesma:

«Sou uma princesa, e as princesas, mesmo quando expulsas dos seus tronos e abandonadas à pobreza, partilham sempre o que têm com as pessoas que são mais pobres e esfomeadas do que elas. Partilham sempre. Os pãezinhos custam um dinheiro cada. Se eu tivesse achado meio xelim, poderia ter comido seis. Não será o suficiente para encher a barriga a nenhuma de nós, mas sempre é melhor do que nada.»

– Espera aqui um pouco – pediu ela à criança.

Entrou na loja. Lá dentro estava quente e cheirava divinalmente. A padeira preparava-se para colocar mais pãezinhos na montra.

– Faz favor, minha senhora, por acaso não perdeu uma moeda de quatro dinheiros? – perguntou, e estendeu a mão com a solitária moeda na palma.

A mulher olhou para a moeda e depois para ela, para o seu rosto sincero e roupas velhas e coçadas, outrora requintadas.

– Não, minha filha. Encontraste-a? – inquiriu a padeira.

– Sim, na sarjeta – disse Sara.

– Então, fica com ela. Provavelmente já lá estava há uma semana e só Deus sabe quem a perdeu.

– Eu compreendo, mas achei melhor perguntar-lhe – explicou Sara.

– Pouca gente o faria – argumentou a mulher, com um ar ao mesmo tempo interessado, curioso e bem-disposto. – Queres comprar alguma coisa? – acrescentou, ao ver Sara olhar de relance para os pãezinhos doces.

– Quatro pãezinhos, se faz favor. Daqueles ali, a um dinheiro cada – pediu Sara.

A mulher dirigiu-se à montra e colocou uns quantos num saco de papel.

Sara reparou que eram seis.

– Eu pedi quatro. Só tenho quatro dinheiros – explicou ela.

– Eu acrescento dois para perfazer o peso certo. De certeza que te irão saber bem. Não tens fome?

Os olhos de Sara turvaram-se de lágrimas.

– Sim, bastante. Agradeço-lhe muito a sua generosidade e... – Preparava-se para acrescentar: «lá fora está uma criança que tem mais fome do que eu», mas nesse momento entraram duas ou três clientes e todas pareciam muito apressadas, por isso só teve tempo de agradecer à lojista e sair.

A mendiga continuava encolhida, sentada junto à porta da loja. Tinha um aspeto pavoroso nos seus andrajos sujos e encharcados. Olhava em frente com um ar absorto de sofrimento e, de repente, passou as costas da enegrecida mão pelos olhos, enxugando as lágrimas que pareciam tê-la surpreendido ao extravasarem sem aviso dos seus olhos. Murmurava para si mesma.

Sara abriu o saco de papel e tirou um dos pãezinhos quentes, que já lhe tinham aquecido um pouco as suas gélidas mãos.

– Toma, está quentinho. Come-o para não sentires tanta fome – disse Sara, colocando o pãozinho no colo da mendiga.

A criança sobressaltou-se e levantou a cabeça, olhando espantada, quase assustada, para Sara, como se nem acreditasse em tamanha e súbita sorte. Agarrou então no pãozinho e começou a devorá-lo em grandes dentadas esganadas.

– Oh, meu Deus! Tão bom! – escutou-a Sara dizer, deliciada, numa voz abafada por ter a boca cheia.

Sara tirou mais três pãezinhos e pousou-os no mesmo sítio.

A avidez com que a mendiga tragava os pãezinhos era de cortar o coração.

«Tem mais fome do que eu. Está faminta, na verdade», pensou Sara, mas a sua mão tremia quando colocou o quarto pãozinho no colo da criança. «Eu não estou esfomeada como ela», e acrescentou um quinto pãozinho.

A pequena mendiga continuava a abocanhar e a empanturrar a boca quando Sara se afastou. Estava demasiado esfomeada para agradecer, isto se alguém lhe tivesse ensinado boas maneiras, o que nunca acontecera. A mendiga era apenas uma pobre criatura errante.

– Adeus – despediu-se Sara.

Quando chegou ao outro lado da rua, olhou para trás. A criança tinha um pãozinho em cada mão e parara a meio de uma dentada para olhar para ela. Sara voltou a despedir-se com um aceno de cabeça e a mendiga, ao fim de um longo e curioso olhar, acenou-lhe de volta e, até perder Sara de vista, não voltou a morder o pãozinho nem mastigou o pedaço que tinha na boca.

A padeira estava do outro lado da montra a observar a cena.

– Não querem lá ver! Não é que aquela miúda deu os seus pãezinhos a uma

mendiga! E não foi porque não os quisesse, pois lá fome tinha ela. O que eu não daria para saber porque o fez! – comentou ela.

Ficou especada junto à montra a pensar nisso. Às tantas, a sua curiosidade levou a melhor. Dirigiu-se à porta e falou com a mendiga.

– Quem te deu esses pãezinhos? – perguntou-lhe. A criança acenou com a cabeça na direção das costas de Sara, que começava a desaparecer no meio da multidão. – Que te disse ela?

– Perguntou-me se eu tinha fome – replicou a mendiga.

– E que lhe respondeste tu?

– Disse que sim.

– E depois ela entrou aqui, comprou os pãezinhos e deu-tos, foi isso?

A criança acenou que sim com a cabeça.

– Quantos?

– Cinco.

A mulher pensou por um instante.

– Só deixou um para ela – fez notar, em voz baixa. – E teria conseguido comer os seis sozinha. Vi isso nos seus olhos.

Continuou a olhar na direção onde a pequena benfeitora desaparecera e sentiu-se perturbada, como há muito tempo não lhe sucedia.

– Quem dera que não tivesse ido embora tão depressa. Diabos me levem se não lhe dava uma dúzia de pãezinhos. – Virou-se então para a pedinte. – Ainda tens fome?

– Fome eu tenho sempre, mas já não é tão grande como há pouco.

– Entra – pediu a mulher, segurando a porta da loja aberta.

A mendiga pôs-se de pé e entrou. Ser convidada a entrar num lugar quente e cheio de pão parecia-lhe uma coisa incrível. Não fazia ideia do que ia acontecer, mas também pouco lhe importava.

– Vai-te aquecer – disse a padeira, apontando para uma salamandra numa minúscula divisão nas traseiras. – E olha, quando estiveres cheia de fome e quiseres um pedaço de pão, vem aqui pedir-me. Diabos me levem se não to dou em nome daquela rapariga.

Sara encontrou algum consolo no seu último pãozinho. Fosse como fosse, ainda estava bem quente e era melhor que nada. Ao mesmo tempo que andava, ia partindo pequenos pedaços e comendo-os devagar, para fazer o pãozinho durar mais tempo.

«Faz de conta que é um pãozinho mágico e que uma dentada equivale a uma refeição inteira. A continuar assim, não tardarei a ficar muito cheia», imaginava ela.

Já tinha escurecido quando Sara chegou à praça onde se situava o colégio de Miss Minchin. As casas já tinham as luzes todas acesas. As cortinas da janela pela qual

ela costumava ver de relance alguns membros da Família Grande não tinham ainda sido corridas. Muitas vezes, àquela hora, avistava o cavalheiro a que apelidava de Sr. Montmorency sentado num grande cadeirão, com o rancho de filhos em redor dele, a conversarem, a rirem, empoleirados nos braços do cadeirão, nos joelhos do pai ou encostados a eles. Naquele fim de tarde, estava como era habitual rodeado pelos filhos, mas não estava sentado. O ambiente, pelo contrário, parecia bastante agitado. Era evidente que alguém iria empreender uma viagem, e esse alguém era o Sr. Montmorency. Havia uma carruagem parada à porta e uma enorme mala de couro fora presa a ela. As crianças pulavam e tagarelavam à volta do pai, agarrando-se a ele como podiam. Ao seu lado, a mãe, bonita e de faces rosadas, parecia fazer-lhe algumas recomendações. Sara parou um momento para ver o Sr. Montmorency pegar nos mais pequenos ao colo e beijá-los e inclinar-se para se despedir dos mais crescidos.

«Será uma ausência longa?», interrogou-se ela. «A mala é bastante grande. Oh, a família vai sentir a falta dele! Eu mesma sentirei a falta dele, muito embora ele nem saiba que eu existo.»

Quando a porta se abriu, retomou o seu caminho, recordando-se da ocasião em que um dos meninos lhe dera meio xelim, mas ainda avistou o viajante emergir pela porta, a sua silhueta recortada pela resplandecente luz do vestíbulo, as crianças mais velhas ainda de volta dele.

– Haverá muita neve em Moscovo? Será que está tudo gelado? – perguntou Janet.

– Irá andar numa *droshky*[6], papá? Será que vai ver o czar? – indagou outra criança.

– Eu logo escrevo a contar tudo – respondeu o pai, a rir-se. – E mando-vos fotografias de *muzhiks*[7] e de muitas outras coisas. Vá, corram para dentro, está uma humidade terrível. Preferia ficar com vocês a ir para Moscovo. Adeus! Adeus, meus queridos! Deus vos guarde! – Desceu os degraus a correr e saltou para a carruagem.

– Se encontrar a menina, dê-lhe cumprimentos nossos – gritou Guy Clarence, aos pulos no capacho.

Entraram então e a porta foi fechada.

– Viste a-menina-que-não-é-mendiga a passar? – perguntou Janet a Nora, quando regressaram à sala. – Parecia enregelada e encharcada, e vi-a a girar a cabeça por cima do ombro para olhar para nós. A mamã diz que as roupas dela têm aspeto de lhe terem sido dadas por alguém muito rico, que já não as usava por estarem pequenas ou velhas. As donas do colégio mandam-na sempre fazer recados nos dias em que o tempo está pior.

Sara atravessou a praça em direção à escada de serviço do colégio, sentindo-se trémula e fraca.

«Interrogo-me quem será a menina de que o Sr. Montmorency vai em busca», ia

ela a pensar.

E desceu os degraus, carregando o cesto que lhe parecia ainda mais pesado que nunca, ao mesmo tempo que o chefe da Família Grande seguia rumo à estação para apanhar o comboio que o levaria a Moscovo, onde envidaria todos os esforços para encontrar a filha perdida do capitão Crewe.

6 Carruagem de quatro rodas, aberta e baixa, usada na Rússia. (*N. da T.*)

7 Camponês russo. (*N. da T.*)

14

O QUE *MELQUISEDEC* OUVIU E VIU

Naquela tarde, enquanto Sara estava ausente a fazer os recados de que fora incumbida, uma coisa estranha aconteceu nas águas-furtadas. Apenas *Melquisedec* viu e ouviu o sucedido, e ficou tão alarmado e espantado, que correu para a sua toca e aí se manteve escondido, tremendo de medo de cada vez que espreitava furtivamente para ver o que estava a acontecer.

O sótão mergulhara no silêncio e na quietude, depois de Sara ter descido de manhã cedo, e assim permaneceu todo o dia enquanto ela cumpria as suas tarefas. O silêncio apenas fora interrompido pelo tamborilar dos pingos de chuva na ardósia das telhas e na trapeira. O dia amanhecera carregado e quando a chuva parara de cair e o silêncio voltara a reinar, *Melquisedec* decidira emergir da toca em busca da sua amiga, muito embora a experiência já lhe tivesse ensinado que Sara não voltaria ao quarto senão dali a várias horas. Estivera a deambular e a farejar por aqui e por ali, e acabara de encontrar inesperadamente uma migalha, talvez uma sobra da sua última refeição, quando a sua atenção foi desviada por um som no telhado. Com o coração aos pulos, deteve-se para escutar. O barulho sugeria que alguma coisa se deslocava pelas telhas e parecia aproximar-se da janela. Às tantas, *Melquisedec* viu a trapeira abrir-se como que por magia. Um rosto moreno espreitou para dentro do sótão, depois outro rosto, e ambos olharam em redor com cuidado e interesse. Havia dois homens no telhado, que se preparavam para entrar pela trapeira sem fazerem qualquer ruído. Um era Ram Dass e o outro um homem jovem que desempenhava as funções de secretário do cavalheiro indiano, mas é claro que *Melquisedec* ignorava tudo isto. Sabia apenas que os homens estavam a invadir o silêncio e a privacidade das águas-furtadas e, ao ver o de rosto moreno descer pela janela com tal leveza e destreza, achou melhor virar costas e fugir a todo o vapor para a sua toca. Estava aterrado. Deixara de ter medo de Sara e sabia que ela só lhe atiraria migalhas e apenas o chamaria assobiando devagarinho; contudo, homens desconhecidos eram sem dúvida um perigo. Encolheu-se do lado de dentro da entrada da sua toca, permanecendo muito quieto e espreitando apenas com um olho, brilhante e alarmado, para o quarto. O quanto entendeu da conversa que escutou não sei dizer, mas mesmo que a tivesse compreendido toda, o mais certo é que no final tivesse continuado tão aturdido como ao início.

O secretário, jovem e leve, esgueirou-se pela janela tão silenciosamente quanto

Ram Dass o fizera antes dele e ainda teve um vislumbre da cauda de *Melquisedec*.

– Aquilo era um rato? – perguntou a Ram Dass, num sussurro.

– Sim, saíbe, era um rato. As paredes estão cheias deles – respondeu Ram Dass, também em murmúrio.

– Credo! É de espantar que a criança não morra de medo deles! – exclamou o jovem.

Ram Dass fez um gesto com as mãos e sorriu respeitosamente. Estava ali como uma espécie de representante de Sara, embora apenas tivesse falado com ela uma vez.

– A criança é a pequena amiga de todas as coisas, saíbe. Não é como as outras crianças. Vejo-a sem que ela me veja. Esgueiro-me pelas telhas e venho velá-la muitas noites, para garantir que está em segurança. Observo-a da minha janela sem ela dar por isso. Empoleira-se naquela mesa e contempla o céu como se este falasse com ela. Os pardais acorrem ao seu chamamento e, na sua solidão, domesticou o rato e alimenta-o. A pobre escrava da casa recorre a ela quando necessita de consolo. Há uma menina pequena que a visita às escondidas e outra mais velha que a venera e que a escutaria para sempre, se pudesse. Tudo isto eu testemunhei com os meus próprios olhos, abeirando-me da janela sem ser visto. A dona desta casa, uma mulher má e cruel, trata-a como se ela fosse uma pária, mas a pequena exibe o porte e a atitude de quem lhe corre sangue real nas veias!

– Parece saber muita coisa acerca dela – fez notar o secretário.

– Conheço o dia a dia da vida dela, sei quando sai e quando entra; conheço a sua tristeza e as poucas alegrias que tem; sei o frio e a fome que passa. Sei quando fica a pé até à meia-noite, a estudar, sei que quando as suas amigas secretas se escapam e vêm até ao sótão, ela fica feliz, como é instintivo nas crianças, mesmo no meio da pobreza, porque pode rir e falar com elas em sussurros. Se ela adoecesse eu saberia, e viria servi-la, se tal fosse possível.

– Tem a certeza de que ninguém aqui vem senão a criança e que não seremos surpreendidos por ela? Apanharia um valente susto se nos apanhasse aqui, e o plano do senhor Carrisford iria por água abaixo.

Em poucos passos silenciosos, Ram Dass atravessou o quarto até à porta e manteve-se junto dela.

– Ninguém mais aqui sobe a não ser ela, saíbe. A criança saiu com o seu cesto e só voltará ao final do dia. Se eu ficar aqui, conseguirei escutar qualquer passo antes que ela alcance o último lanço de escadas.

O secretário tirou então um bloco e um lápis do bolso do peito.

– Mantenha os ouvidos atentos, Ram Dass – pediu ele, e começou a deslocar-se sem pressa e em bicos de pés pelo miserável quarto, tomando notas ao mesmo tempo que tudo observava.

Primeiro dirigiu-se à cama estreita. Pressionou o colchão com a palma da mão e exclamou:

– Duro como uma pedra! Terá de ser mudado num dia que ela não esteja. Teremos de pensar na melhor forma de o deslocar pelo telhado. Esta noite já não poderá ser. – Levantou a seguir a coberta e examinou a fina almofada. – Colcha suja e velha, cobertor pouco espesso, lençóis rotos – enumerou ele. – Que cama para uma criança, e numa casa que se diz respeitável! E aquela salamandra não é usada há uma eternidade!

– Nem uma só vez desde que eu me lembro. A dona da casa não é pessoa de se lembrar que alguém para além dela possa ter frio – fez notar Ram Dass.

O secretário rabiscava notas a toda a velocidade. Levantou os olhos do bloco, arrancou a folha e guardou-a no bolso.

– É uma forma estranha de fazer a coisa. De quem foi a ideia? – inquiriu.

Ram Dass fez uma pequena vénia em jeito de pedido de desculpa.

– É verdade que a primeira ideia foi minha, saíbe, embora não passasse de uma fantasia. Simpatizei com a criança; somos ambos uns solitários. Ela tem por costume contar às amigas secretas tudo o que a sua imaginação fabrica. Certa noite, encontrando-me triste, aproximei-me da trapeira aberta e pus-me à escuta. A visão que ela relatava revelou-me como este miserável quarto seria, se ela o pudesse tornar mais confortável. Parecia vê-lo à medida que o descrevia e a sua expressão foi-se animando, as suas faces ganhando um certo rubor. No dia seguinte, contei o sucedido ao saíbe para o distrair e animar. A história, por mais fantasiosa que parecesse, agradou ao saíbe, que se interessou pela criança e começou a fazer-me perguntas. Por fim, ocorreu-lhe a ideia de tornar reais as visões dela.

– Acha que tal poderá ser feito enquanto ela dorme? E se ela acorda? – inquiriu o secretário, e era óbvio que, fosse de quem fosse a autoria da ideia, esta lhe despertara o mesmo interesse e agrado que incitara ao seu patrão, o Sr. Carrisford.

– Consigo deslocar-me como se os meus pés fossem de veludo. Para além disso, as crianças costumam dormir profundamente, mesmo as que são infelizes. Poderia ter-me introduzido neste quarto muitas vezes, sem que ela sequer se voltasse na almofada. Se outra pessoa me for passando as coisas pela janela, conseguirei fazer tudo no maior silêncio. Quando ela acordar, achará que um mágico esteve aqui – garantiu Ram Dass, sorrindo como se o seu coração se tivesse alegrado sob o seu trajo branco. O secretário sorriu-lhe de volta.

– Será como uma história de *As Mil e Uma Noites* – referiu ele. – Só um oriental poderia ter planeado semelhante coisa. Os nevoeiros londrinos não fomentam ideias assim.

Não se demoraram mais tempo, para grande alívio de *Melquisedec*, que, uma vez que provavelmente não terá compreendido a conversa dos dois homens, tomou os

seus movimentos e sussurros como ominosos. O jovem secretário parecia interessado em tudo. Tomou notas sobre o chão, a salamandra, o escabelo desconjuntado, a velha mesa e as paredes, nas quais tocou uma e outra vez, parecendo muito satisfeito ao reparar que delas se projetavam vários pregos.

– Podem ser usados para pendurar coisas – disse ele.

Ram Dass fez um sorriso cúmplice.

– Ontem, quando ela se ausentou, entrei aqui munido de pregos pequenos e afiados, que podem ser espetados sem o recurso a um martelo. Coloquei-os onde me pareceu que seriam necessários. Estão prontos a ser usados.

O secretário do cavalheiro indiano guardou o bloco de apontamentos no bolso, olhando em redor uma última vez.

– Julgo que tirei todas as notas de que precisava. Podemos ir. O senhor Carrisford tem um coração gentil. É uma enorme pena que não tenha encontrado a criança perdida.

– Se a encontrasse, a sua saúde restabelecer-se-ia. Talvez o seu deus ainda o venha a conduzir a ela – afiançou Ram Dass.

E saíram pela janela tão silenciosamente quanto haviam entrado. Depois de ter a certeza de que os dois homens já tinham partido, *Melquisedec* sentiu-se muito mais aliviado e, ao fim de uns minutos, achou seguro sair do seu buraco e deambular pelo quarto na esperança de que aqueles dois seres humanos tão assustadores tivessem por acaso deixado cair alguma migalha que trouxessem nos bolsos.

15

A MAGIA

Ao passar pela casa do lado, Sara vira Ram Dass a fechar as cortinas e conseguira ver de relance mais uma das divisões da casa.

«Há tanto tempo que não entro numa sala assim tão bonita», foi o pensamento que lhe atravessou o espírito.

O habitual fogo ardia na lareira e o cavalheiro indiano estava sentado frente a ele, a cabeça pousada na mão, a mesma expressão de sempre, de solidão e infelicidade, no rosto.

«Pobre homem! Que estará ele a conjeturar?», interrogou-se Sara.

Eis o que ele estava a «conjeturar» naquele preciso momento:

«Suponhamos que, ainda que Carmichael consiga localizar o casal em Moscovo, a menina que eles levaram da escola de Madame Pascal em Paris não é aquela que procuramos. E se não for a mesma menina? Que hei de fazer a seguir?»

Quando Sara entrou em casa, deparou-se com Miss Minchin, que descera à cozinha para repreender a cozinheira.

– Há horas que saíste daqui! Onde é que estiveste todo este tempo? – exigiu saber Miss Minchin.

– As ruas estavam tão enlameadas que era difícil andar, em especial porque os meus sapatos estão muito velhos e escorregam por todo o lado – explicou Sara.

– É escusado pores-te com desculpas! E menos ainda com mentiras! – ralhou Miss Minchin.

Sara dirigiu-se à cozinheira. Esta ouvira um sermão muito desagradável da patroa e, em resultado, estava de péssimo humor; portanto, era um prazer ter alguém sobre quem despejar a sua ira, e Sara, como de costume, estava mesmo à mão de semear.

– Porque não ficaste por lá o resto da noite? – refilou a cozinheira.

Sara pousou as compras em cima da mesa.

– Aqui tem as coisas.

A cozinheira inspecionou-as, resmungando. Estava, de facto, intratável.

– Posso comer alguma coisa? – inquiriu Sara, numa voz débil.

– A hora do lanche há muito que passou, ou estavas à espera de que to tivesse guardado? – foi a resposta que obteve.

Sara ficou calada por uns segundos.

– Não almocei – fez ela notar, falando muito baixinho, pois receava que a voz lhe

tremesse.

– Há pão na despensa. É tudo o que conseguirás a esta hora do dia – declarou a cozinheira.

Sara dirigiu-se à despensa e encontrou o pão. Era velho e estava duro e seco. Seria escusado pedir à cozinheira um acompanhamento para o pão, pois ela estava demasiado mal-humorada e o mais certo era que aproveitasse para destilar sobre si mais alguma da sua cólera. Teve grande dificuldade em subir os três longos lanços de escada até ao seu quarto. Muitas vezes os achava íngremes e intermináveis quando estava cansada, mas naquela noite era como se nunca mais fosse conseguir chegar ao cimo. Por várias vezes se viu obrigada a parar para descansar. Quando chegou ao último patamar, alegrou-se ao ver luz por baixo da porta. Tal significava que Ermengarde conseguira escapulir-se para lhe fazer uma visita, e isso era sempre um consolo. Era melhor do que entrar no quarto e encontrá-lo vazio, desolado e às escuras. A mera presença da rechonchuda e amável Ermengarde alegraria o ambiente.

E lá estava de facto Ermengarde, quando Sara abriu a porta. Estava sentada na cama, com os pés muito encolhidos debaixo dela. Nunca conseguira travar amizade com *Melquisedec* e a sua família, embora se sentisse muito fascinada por eles. Quando se encontrava sozinha nas águas-furtadas, preferia sempre ficar sentada na cama até Sara chegar. E naquela ocasião, tivera até oportunidade de se encher de nervos, pois *Melquisedec* saíra do seu buraco e começara a farejar o chão, ora aqui ora ali, e por uma vez até a fizera soltar um pequeno e abafado guincho ao erguer-se sobre as patas traseiras, fariscando e olhando para ela fixamente.

– Oh, Sara, ainda bem que chegaste! O *Melqui* não parava de andar por aí a farejar de um lado para o outro. Tentei convencê-lo a voltar para a toca, mas ele não fez caso de mim. Tu sabes que eu gosto dele, mas fico tão assustada quando ele se põe a abanar o narizito na minha direção! Achas que seria capaz de saltar para cima de mim?

– Não – respondeu Sara.

Ermengarde gatinhou para a frente, para olhar para a amiga.

– Estás com um ar tão cansado e pálido.

– Estou muito cansada, sim – concordou Sara, sentando-se de montão no escabelo desconjuntado. – Oh, ali está o *Melquisedec*, pobrezinho. Veio ver do jantar.

Melquisedec saíra da sua toca como se tivesse estado atento aos passos dela. Sara tinha a certeza de que ele lhos conhecia. Avançou com uma expressão afetuosa e expectante, ao mesmo tempo que Sara levava a mão ao bolso e o virava do avesso, abanando a cabeça.

– Lamento muito, não tenho nem uma migalha. Vai para casa, *Melquisedec,* e diz à tua mulher que não havia nada na minha algibeira, porque a cozinheira e Miss

Minchin estavam de tão mau humor que acabei por me esquecer.

Melquisedec pareceu compreender. Regressou a casa resignado, ainda que não satisfeito.

– Não estava à espera de te ver esta noite, Ermie – comentou Sara.

Ermengarde aconchegou-se melhor no seu xaile encarnado.

– Miss Amelia saiu para passar a noite com a sua tia idosa. Mais ninguém nos vem inspecionar depois de nos deitarmos. Podia ficar aqui até de manhã, se quisesse – explicou Ermengarde.

Apontou para a mesa sob a janela. Sara não olhara para ela ao entrar, caso contrário, teria reparado na pilha de livros que estava em cima dela. O gesto de Ermengarde fora de desalento.

– O papá enviou-me mais livros, Sara. Estão ali – anunciou ela.

Sara girou a cabeça e levantou-se de imediato. Correu para a mesa e, pegando no volume que estava no cimo da pilha, folheou rapidamente algumas páginas. Esqueceu de imediato os seus desconfortos e cansaço.

– Ah, que bom! A história da Revolução Francesa escrita por Carlyle! Há tanto tempo que queria lê-la!

– Eu não, e o papá vai ficar tão zangado se eu não o fizer... De certeza que espera que eu saiba tudo sobre a revolução quando voltar a casa nas próximas férias. Que hei de fazer?

Sara parou de folhear o livro e olhou para a amiga com um rubor de excitação nas faces.

– Se me emprestares os livros, eu leio-os e a seguir conto-te tudo, e de uma forma que não te esqueças – sugeriu Sara.

– Oh, meu Deus! Achas que conseguirás? – perguntou Ermengarde, animando-se.

– Sei que sim. As mais pequenas nunca esquecem o que eu lhes ensino – realçou Sara.

– Se fizeres isso e me ajudares a não esquecer, eu... eu dou-te o que tu quiseres! – exclamou Ermengarde, com uma expressão de esperança no seu rosto rechonchudo.

– Não quero que me dês nada. Só quero ler os teus livros, mais nada.

– Fica com eles, então. Quem dera querê-los como tu, mas a verdade é que não tenho qualquer interesse por livros. Não sou inteligente, mas o meu pai é e acha que eu também devia ser.

Sara abria um livro a seguir ao outro.

– Que planeias dizer ao teu pai? – perguntou, começando a ser assaltada por uma dúvida.

– Oh, ele não precisa de saber. Irá pensar que os li.

Sara pousou o livro e abanou lentamente a cabeça.

– Isso é quase como dizer mentiras. E as mentiras, bom, não só são uma coisa

feia, como *grosseira*. Por vezes... por vezes já me ocorreu fazer um disparate, uma má ação, como matar Miss Minchin num acesso de raiva, por exemplo, quando ela me está a insultar, mas seria incapaz de ser grosseira e vulgar. Porque não dizes ao teu pai que fui eu que os li?

– Ele quer que eu os leia – respondeu Ermengarde, um pouco desencorajada com aquela inesperada reviravolta na conversa.

– O que ele quer é que tu saibas o que eles contêm. Se eu conseguir relatar-to de uma maneira simples, e de forma que não te esqueças, ele ficará contente.

– Oh, ele já ficará contente se eu aprender *alguma* coisa, seja de que forma for – fez notar Ermengarde, num tom pesaroso. – Sentirias o mesmo, se fosses meu pai.

– Não é culpa tua que... – começou Sara, detendo-se antes de completar a frase. Preparava-se para dizer: «Não é culpa tua que sejas lenta de raciocínio.»

– O que é que não é culpa minha? – perguntou Ermengarde.

– Que não consigas aprender rapidamente. Se não consegues, não consegues. E se eu consigo, consigo, pronto – emendou-se Sara.

Era sempre muito zelosa em relação a Ermengarde e esforçava-se para que ela não se apercebesse muito da diferença entre alguém que aprende uma coisa de imediato e outra que não é capaz de aprender nada. Enquanto olhava para o rosto roliço da amiga, ocorreu-lhe um daqueles seus pensamentos sensatos e invulgares.

– Se calhar, ter a capacidade de aprender rapidamente não é o mais importante. Para outras pessoas, ser-se amável é muito mais importante, por exemplo. Se Miss Minchin soubesse tudo o que há para saber e fosse como é agora, não deixaria de ser uma pessoa detestável e toda a gente a odiaria. Muita gente inteligente cometeu ações terríveis e foi muito má. O caso de Robespierre, por exemplo...

Deteve-se e observou a expressão de Ermengarde, que parecia desnorteada.

– Não te lembras? Falei-te dele não há muito tempo. Parece-me bem que te esqueceste.

– Bom, não me lembro de *tudo* – admitiu Ermengarde.

– Então, espera um pouco enquanto eu dispo esta roupa molhada e me embrulho na colcha, e já te conto de novo a história de Robespierre.

Tirou o chapéu e o casaco e pendurou-os num prego que havia na parede. Trocou as botas encharcadas por um par de chinelos velhos e saltou para a cama. Colocando a colcha pelos ombros, sentou-se com os braços em redor dos joelhos.

– Agora, escuta – disse para Ermengarde.

Mergulhou então nos episódios mais sangrentos e sórdidos da Revolução Francesa e contou histórias tais que os olhos de Ermengarde se esbugalharam de medo e houve mesmo partes em que susteve a respiração. Embora estivesse, aterrada, escutar aqueles relatos era muito emocionante, e certamente não voltaria a esquecer Robespierre nem a ter quaisquer dúvidas acerca da princesa de Lamballe.

– A cabeça dela foi espetada numa lança e a populaça dançou em seu redor. A princesa tinha um magnífico cabelo louro. Quando penso nela, nunca lhe vejo a cabeça sobre o corpo, mas sim numa lança, com uma multidão de pessoas furiosas a dançar e berrar à volta dela – relatou Sara.

As duas amigas concordaram que o Sr. St. John seria informado do plano que elas haviam traçado e que, por enquanto, os livros ficariam no sótão.

– E agora, contemos as novidades uma à outra. Que tal te estão a correr as lições de francês? – perguntou Sara.

– Muito melhor, desde a última vez que me explicaste as conjugações. Miss Minchin até ficou espantada com a facilidade com que fiz os exercícios naquela manhã.

Sara soltou uma risada e abraçou mais os joelhos.

– Também não entende por que motivo a Lottie melhorou tanto nas somas, mas é porque também vem aqui ter comigo e eu a ajudo. – Olhou em redor das águas-furtadas. – O sótão até seria bastante agradável... se não fosse tão horrível – comentou, rindo de novo. – É um bom lugar para fazer de conta.

A verdade era que Ermengarde desconhecia por completo o lado, por vezes quase insuportável, da vida que Sara levava no sótão, e também não tinha imaginação suficiente para supor por si mesma. Nas raras ocasiões em que conseguia esgueirar-se até ao quarto da amiga, apenas via o lado emocionante da situação, imaginado e fantasiado por Sara. As suas visitas assumiam o caráter de aventuras, e, embora Sara por vezes tivesse um aspeto bastante pálido e não houvesse como negar que emagrecera consideravelmente, o seu espírito orgulhoso não lhe permitia queixar-se. Nunca confessara que, por vezes, sentia uma fome devoradora, como acontecia naquela noite. Crescia a olhos vistos e o trabalho e os constantes recados, que a obrigavam a calcorrear as ruas, ter-lhe-iam aberto o apetite mesmo que desfrutasse de refeições regulares e abundantes, por oposição à pouco nutritiva e pouco apetitosa comida que lhe davam quando convinha à cozinheira. Sara começava a habituar-se aos constantes «roncos» do seu jovem estômago.

«Suponho que os soldados também se sintam assim quando empreendem longas e fatigantes marchas», dizia ela muitas vezes para si mesma. Gostava da sonoridade da expressão «longas e fatigantes marchas». Fazia-a sentir-se um bravo soldadinho. Muitas vezes, também se sentia uma anfitriã no seu sótão.

«Se eu vivesse num castelo e Ermengarde fosse a senhora de outro castro e me viesse visitar, com um séquito de cavaleiros e escudeiros e vassalos transportando estandartes, iria recebê-la quando escutasse os clarins junto à ponte levadiça e mandaria servir grandes festins na sala de banquetes e chamaria os trovadores para cantarem e tocarem e nos entreterem com contos. Quando ela vai ter comigo ao sótão, não posso servir-lhe banquetes, mas posso contar-lhe histórias e protegê-la de

coisas desagradáveis. É bem provável que as castelãs tivessem de fazer precisamente isto quando a fome grassava e os seus domínios haviam sido tomados e pilhados», imaginava ela. Era uma castelã orgulhosa e corajosa e partilhava com generosidade da única riqueza que lhe restava: os seus sonhos, as suas visões, os faz-de-conta que eram a sua única alegria e consolo.

Ermengarde ignorava portanto que Sara, sentada a seu lado, se sentia esfomeada e fraca, e que enquanto falava se interrogava de vez em quando sobre se a fome a deixaria dormir. Nunca antes passara tanta fome.

– Quem me dera ser tão magra como tu, Sara – disse Ermengarde de repente. – Parece-me que estás mais magra do que eras. Os teus olhos parecem tão grandes e, repara no teu cotovelo... Veem-se os ossos todos!

Sara puxou a manga mais para baixo.

– Sempre fui uma criança magra e desde pequena que tenho olhos cinza-esverdeados e grandes – argumentou ela, não querendo contar a verdade.

Olhando para a amiga com muita admiração e afeto, Ermengarde disse:

– Gosto muito dos teus olhos. São tão invulgares. Dir-se-ia que conseguem ver muito longe. E adoro a cor deles, esse tom de verde que parece estar sempre a mudar.

– São olhos de gato, mas não me permitem ver no escuro. Já tentei, mas não consegui. É pena – comentou Sara, a rir-se.

Nesse momento, aconteceu uma coisa do lado de fora da janela que nenhuma das raparigas viu. Se alguma delas tivesse calhado a olhar para cima, ter-se-ia sobressaltado com a visão de um rosto escuro que espreitou à cautela para dentro do quarto e desapareceu com a rapidez de um relâmpago e quase tão silenciosamente quanto havia aparecido. Sara, que tinha um ouvido muito apurado, apercebeu-se de qualquer coisa e inclinou de repente a cabeça na direção do telhado.

– Não me pareceu que fosse o *Melquisedec*, o ruído não era semelhante aos que ele faz – disse ela.

– O quê? – perguntou Ermengarde, um pouco alarmada.

– Não ouviste um barulho? – inquiriu Sara.

– N-não, tu ouviste alguma coisa? – guguejou Ermengarde.

– Se calhar, não, mas fiquei com a ideia de que escutara um ruído. Como se qualquer coisa estivesse a ser arrastada pelas telhas.

– Que seria? Achas que podiam ser... ladrões? – indagou Ermengarde.

– Não, que ideia! Não há nada aqui para roubar e...

Sara interrompeu-se ao escutar de novo um barulho, e desta vez ambas as amigas o ouviram. Não era no telhado, mas nas escadas, no piso de baixo, e era a voz irada de Miss Minchin. Sara saltou da cama e apagou a vela.

– Está a ralhar com a Becky. Está a fazê-la chorar – sussurrou, às escuras.

– Achas que ela vai entrar aqui? – murmurou Ermengarde e em pânico.

– Não. Há de achar que já estou deitada. Não faças barulho!

Era muito raro Miss Minchin subir o último lanço de escadas. Sara só se recordava de ela o ter feito uma vez. Todavia, naquele momento estava irada o suficiente para o subir pelo menos até meio, e parecia que ia a empurrar Becky à sua frente.

– Descarada! Desonesta! E, segundo a cozinheira, não é a primeira vez que desaparecem coisas! – escutaram-na gritar.

– Não fui eu, minha senhora. Fome não me falta, mas não tirei nada! Nunca o faria! – dizia Becky, por entre os soluços.

– Merecias era ser mandada para a prisão! A roubar metade de uma tarte de carne, que atrevimento! – ouvia-se a voz de Miss Minchin.

– Não fui eu. Era capaz de comer uma inteira, mas não lhe pus nem um dedo em cima – chorava Becky, defendendo-se.

Entre o acesso de raiva e a subida, Miss Minchin começou a ficar sem fôlego. A tarte estava destinada à sua ceia.

– Não digas mentiras. Já para o teu quarto! – ordenou por fim Miss Minchin, depois de ter esbofeteado Becky.

Tanto Sara como Ermengarde escutaram as bofetadas. A seguir ouviram os passos de Becky subindo o resto dos degraus a correr e fechando-se no quarto. Tornou-se óbvio para as duas que se lançara para cima da cama a chorar.

– Era capaz de comer duas, mas nem uma dentada lhe dei. Foi a cozinheira que a deu ao namorado, o polícia – lamentava-se ela para a almofada.

Sara continuava de pé no meio do quarto, às escuras, de dentes cerrados e punhos fechados. Mal conseguia ter-se imóvel, mas não se atrevia a mexer-se até Miss Minchin ter descido as escadas e a casa ter mergulhado de novo no silêncio.

– É tão má e cruel! A cozinheira é que tira as coisas e depois acusa a Becky de as roubar. Mas é *mentira*! É *mentira*! A pobrezinha por vezes tem tanta fome que vai ao caixote do lixo e tira as côdeas duras do pão para comer! – Tapou a cara com as mãos e desatou a chorar.

Ao escutar semelhante coisa, tão invulgar, Ermengarde ficou consternada. Sara chorava! A intrépida Sara! As suas lágrimas pareciam denotar uma coisa nova, um estado de espírito que nunca antes vira na amiga. O seu obtuso e lento cérebro foi de repente acometido por uma ideia, uma possibilidade assustadora. Saltou da cama e apalpou o caminho às escuras até à mesa onde se encontrava a vela. Riscou um fósforo e acendeu-a. Quando a chama cresceu, inclinou-se para Sara, o seu olhar espelhando o pânico em que o seu pensamento se transformara.

– Sara – começou, numa voz meio sumida e algo trémula –, tu... tu...nunca me disseste... e eu não quero ofender-te, mas... costumas passar fome?

Foi a gota de água que fez transbordar o copo naquele momento. Sara levantou a cabeça.

– Sim. Sim, costumo. Tenho tanta fome agora que quase seria capaz de te comer a *ti*! E ouvir os lamentos da pobre Becky é de partir o coração. Ela ainda passa mais fome do que eu.

Ermengarde sobressaltou-se.

– Oh, oh! E eu nunca soube de nada! – exclamou, num tom lastimoso.

– Não queria que tu soubesses. Ter-me-ia sentido uma pedinte. Eu sei que pareço uma pedinte...

– Não, não pareces! – interrompeu-a Ermengarde. – As tuas roupas são um bocadinho esquisitas, mas nunca parecerias uma pedinte. Não tens sequer cara disso!

– Uma vez, um rapazinho deu-me meio xelim, achando que eu era uma mendiga – contou Sara, com uma pequena risada, e puxou pela fita onde o trazia ao pescoço. – Aqui está. Não me teria dado esmola, se eu não tivesse ar de quem necessitava dela.

De alguma forma, a visão da pequena moeda fez bem a ambas. Riram um pouco, embora tivessem os olhos cheios de lágrimas.

– Quem era o rapazinho? – quis saber Ermengarde, olhando para o meio xelim como se não fosse uma comum moeda.

– Era um menino muito querido que ia a caminho de uma festa de Natal. Um dos filhos mais novos da Família Grande, o das perninhas rechonchudas a quem eu chamo Guy Clarence. Imagino que o quarto de brincar deles estivesse cheio de presentes e de cestos recheados de bolos e iguarias, e ele deve ter percebido que eu não tinha nada.

Ermengarde deu um pequeno salto para trás. Aquela última frase fizera-a lembrar-se de uma coisa que a inspirou de repente.

– Oh, Sara! Que palerma sou por não ter pensado nisso antes! – exclamou ela.

– Em quê?

– Numa coisa magnífica! Esta tarde recebi um cesto que a minha tia preferida me enviou. Está recheado de coisas boas. Eu nem lhe toquei. Comi demasiada sobremesa ao jantar e estava muito aborrecida com os livros que o papá me mandou – explicou Ermengarde, de catadupa, de tão excitada que estava. – Traz bolo, pequenas empadas, tartes doces, pãezinhos de passas, laranjas, xarope de groselha, figos e chocolate. Eu vou sorrateiramente ao meu quarto buscá-la para comermos agora.

Sara quase cambaleou. A fraqueza provocada pela fome por vezes provoca este efeito quando alguém fala de comida. Agarrou o braço de Ermengarde com força.

– Achas que conseguias? – inquiriu, quase num sussurro.

– *Sei* que sim – declarou Ermengarde, correndo para a porta e abrindo-a muito

devagarinho. Assomou a cabeça e pôs-se à escuta. Meteu-se então para dentro e disse a Sara: – As luzes estão todas apagadas. Já está toda a gente deitada. Vou pé ante pé e ninguém dará conta de mim.

A perspetiva do que se seguiria era tão maravilhosa que as duas amigas apertaram as mãos e os olhos de Sara iluminaram-se com uma súbita centelha.

– Ermie! Vamos *fazer de conta*! Vamos fazer de conta que é uma festa! E se convidasses a prisioneira da cela ao lado?

– Sim! Sim! Vamos bater na parede agora. O carcereiro não ouvirá.

Sara dirigiu-se à parede. Através dela conseguia ouvir Becky a chorar. Bateu quatro vezes.

– Significa: «Vem ter comigo pela passagem secreta sob a parede. Tenho uma coisa para te comunicar.» – explicou ela.

Em resposta, escutaram cinco pancadas.

– Ela vem aí – disse Sara.

Quase de imediato, a porta do quarto abriu-se e Becky apareceu. Tinha os olhos encarnados e a touca a pender para o lado, e quando se deparou com Ermengarde começou a esfregar a cara nervosamente com o avental.

– Ora essa, não te incomodes comigo, Becky! – exclamou Ermengarde.

– Miss Ermengarde pediu-te que viesses porque nos vai trazer um cesto cheio de coisas boas para comermos – anunciou Sara.

Tal foi o sobressalto de Becky, que a touca lhe tombou de vez da cabeça.

– Para comer, *miss*? Coisas boas para comer?

– Sim, Becky, e vamos fazer de conta que vai haver uma festa – disse Sara.

– E poderás comer tanto quanto quiseres! – acrescentou Ermengarde. – Vou já buscar o cesto!

A sua pressa era tal que, antes de abandonar o sótão, o xaile encarnado caiu-lhe dos ombros sem que ela desse por isso. Ninguém reparou nele durante uns minutos. Becky estava demasiado extasiada com a boa sorte que lhe batera à porta.

– Oh, *miss*! oh, *miss*! Sei que foi a menina que lhe disse para me convidar. Só de pensar nisso, fico com vontade de chorar. – E aproximou-se de Sara, fitando-a com adoração.

No entanto, a poderosa imaginação de Sara estava já em ação e a transformar o mundo em seu redor. Ali, nas águas-furtadas – apesar do frio que fazia lá fora, da tarde passada nas ruas enlameadas e da memória triste do olhar esfomeado daquela mendiga –, a ideia de Ermengarde parecia-lhe obra do sobrenatural, um golpe de magia.

Suspirou.

– De alguma forma, antes de as coisas piorarem de forma irreversível, acontece algo inesperado. Dir-se-ia que é magia. Tenho de fazer um esforço para me lembrar

sempre disso. O pior nunca chega a acontecer.

Deu um pequeno safanão bem-disposto a Becky, para a animar.

– Não, não chores! Temos de nos apressar a pôr a mesa! – incitou Sara.

– Pôr a mesa, *miss*? Com o quê? – estranhou Becky, olhando para todo o lado.

Sara olhou também em redor.

– Pois, não parece haver muita coisa – concordou ela, com uma risada.

Nesse momento, avistou uma coisa e correu para ela. Era o xaile encarnado de Ermengarde, caído no chão.

– O xaile! Fará uma bonita toalha de mesa. Sei que ela não se importará – gritou Sara.

Deslocaram a velha mesa mais para a frente e colocaram-lhe o xaile por cima. O encarnado é uma cor muito decorativa e o quarto começou logo a parecer diferente.

– Um tapete vermelho ficaria tão bem no chão! Temos de fazer de conta que temos um! – exclamou Sara.

E contemplou o soalho despido com um olhar rápido de admiração. O tapete era uma realidade na sua imaginação.

– Repara como é macio e espesso! – comentou com uma risadinha cujo significado Becky bem conhecia, erguendo e pousando o pé delicadamente, como se sentisse mesmo alguma coisa debaixo dele.

– Sim, *miss* – concordou Becky, fitando-a com um ar sério mas encantado. Becky era uma criança séria.

– E que mais? Alguma coisa surgirá, se eu pensar e esperar um pouco. A Magia dir-me-á – afirmou numa voz suave e expectante.

Um dos seus faz-de-conta preferidos era que «lá fora», como ela dizia, os pensamentos aguardavam que as pessoas os convocassem. Já por várias vezes Becky a vira parada à espera, e sabia que, no espaço de segundos, o rosto de Sara se iluminaria com um enorme sorriso.

Foi o que aconteceu.

– Pronto! Já sei! Tenho de procurar entre as coisas que estão na arca antiga que tinha quando era uma princesa.

Correu para o canto onde se encontrava a arca e ajoelhou-se. Não fora ali colocada por sua causa, mas sim porque não havia mais onde guardá-la. Dentro dela não restava nada a não ser inutilidades. Todavia, Sara sabia que iria encontrar alguma coisa. A Magia providenciava sempre para que assim fosse, de uma maneira ou de outra.

No fundo da arca estava uma caixa com um ar tão insignificante que fora esquecida, e Sara apenas a guardara como recordação. Continha uma dúzia de lencinhos de assoar brancos. Toda contente, pegou neles e correu para a mesa, dispondo-os sobre a toalha encarnada, ajeitando-os e virando o pequeno canto em

renda para cima, com a Magia a operar através dela os seus feitiços.

– Aqui estão os pratos. São de ouro. E os guardanapos são de renda, da mais requintada. Feita por freiras num convento em Espanha – disse ela.

– A sério, *miss*? – perguntou Becky, deslumbrada.

– É preciso fazer de conta. Se fizeres de conta com todas as tuas forças, consegues vê-los – respondeu Sara.

– Está bem, *miss* – assentiu Becky, e enquanto Sara regressava à arca em busca de mais coisas, ela lançou-se nesse intento.

Ao dar meia volta, Sara deparou-se com Becky diante da mesa com uma expressão muito estranha. Fechara os olhos e, contorcendo o rosto de todas as formas e feitios, as mãos fechadas em punhos apertados, dir-se-ia que estava a tentar erguer um peso enorme.

– Que se passa, Becky? Que estás a fazer? – indagou Sara, espantada.

Becky abriu os olhos, sobressaltada.

– Estava a fazer de conta, *miss*. Estava a tentar ver as coisas como a menina as vê. Quase consegui, mas olhe que é preciso muita força.

– Talvez, para quem não está habituado a fazê-lo – explicou Sara, num tom afetuoso –, mas não imaginas como é fácil, depois de se ganhar o hábito. Se eu fosse a ti, não me esforçaria tanto logo de início. É uma coisa que acabará por vir, aos poucos. Não te preocupes, eu vou-te dizendo o que as coisas são. Olha para isto.

Segurava na mão um velho chapéu de verão que tirara da arca, adornado com uma bonita coroa de flores.

– Serão as grinaldas para a festa. Perfumarão maravilhosamente o ar. Há uma caneca no lavatório, Becky, e traz a saboneteira, para fazer de centro de mesa.

Becky estendeu-lhas com um gesto de reverência.

– Vão-se transformar em quê, *miss*? – perguntou. – Dir-se-ia que são de porcelana, mas sei que não são.

– Isto é um jarro cinzelado – explicou Sara, colocando alguns ramos da grinalda à volta do jarro. – E este centro de mesa é do mais puro alabastro incrustado a pedras preciosas – acrescentou, recheando a saboneteira de rosas.

Compôs tudo com muito cuidado e com um sorriso feliz e uma expressão devaneadora no olhar.

– Oh, é lindo! – sussurrou Becky.

– Se tivéssemos qualquer coisa que servisse de bomboneira... Já sei! Há pouco, lembro-me de ter visto uma coisa na arca! – E correu para ela de imediato.

Era apenas um pedaço de tecido de lã embrulhado em papel de seda encarnado e branco, mas o papel não tardou a ser moldado com a forma de duas pequenas tigelas e combinado com o resto das flores para ornamentar o candelabro que iluminaria a festa. Só a Magia podia ter transformado tudo aquilo em mais do que apenas uma

velha mesa coberta com um xaile encarnado e posta com uma mão-cheia de tralha de uma arca esquecida. Sara deu um passo atrás e contemplou-a, vendo sobre ela maravilhas sem par, e Becky, depois de admirar tudo aquilo, pronunciou-se com a voz embargada.

– Ainda estamos na Bastilha, *miss*, ou já se transformou numa coisa diferente? – inquiriu ela, olhando em redor.

– Oh, sim! Bem diferente. É um salão de banquetes! – anunciou Sara.

– Oh, *miss*! Um salão de banquetes? Não sei o que tal seja – realçou Becky, com um ar espantado.

– É uma sala grande onde se servem festins. Costumam ter tetos abobadados e uma galeria para os trovadores, bem como uma lareira enorme cheia de troncos a arder, e inúmeras velas a cintilar por todo o lado.

– Que magnífico, *miss*! – exclamou Becky, quase sem fôlego.

Então, a porta abriu-se e Ermengarde entrou a cambalear sob o peso do cesto. Sobressaltou-se e soltou uma exclamação de alegria ao ver-se confrontada, vinda da escuridão e do frio das escadas, com uma mesa tão festiva, vestida de encarnado e adornada de guardanapos brancos e flores. Era de facto uma visão muito inesperada.

– Oh, Sara! És a rapariga mais esperta que já conheci! – gritou Ermengarde.

– Não está bonito? Tudo isto eram coisas que estavam na minha arca antiga. A Magia disse-me que fosse lá procurar – explicou Sara.

– Mas espere até ela lhe dizer o que as coisas são, Miss Ermengarde! Não são apenas... Oh, *miss*, explique a menina, por favor – apelou Becky a Sara.

Sara fez-lhe a vontade e, ajudada pela Magia, *quase* conseguiu que Ermengarde visse ao pormenor os pratos de ouro, o teto abobadado, os cepos de carvalho a arder na lareira, as velas a tremeluzir.

Assim que começaram a tirar as coisas do cesto – os bolos, as frutas, os bombons – o festim tornou-se uma realidade.

– Parece mesmo uma festa! – gritou Ermengarde.

– Parece a mesa da rainha – acrescentou Becky.

Ermengarde teve então uma ideia brilhante.

– E se fizesses de conta que és uma princesa e que isto é um banquete real, Sara? – sugeriu ela.

– Mas és tu quem oferece o banquete, tu é que tens de ser a princesa, e nós seremos as tuas damas de companhia – argumentou Sara.

– Oh, eu não, sou demasiado gorda e não sei fazer de princesa. Faz tu, Sara.

– Bom, se é o que tu queres...

Subitamente, ocorreu-lhe um pensamento e correu para a salamandra.

– Está cheia de papéis velhos e lixo! Se lhes deitarmos o fogo, fará uma chama intensa durante uns minutos e será como se tivéssemos mesmo uma lareira – propôs

Sara. Riscando um fósforo, fez o que propusera e um enganador brilho não tardou a iluminar o quarto. – Quando as chamas se extinguirem, já teremos esquecido que não era um fogo verdadeiro.

Sorriu para as chamas que pareciam dançar.

– Mas até parece mesmo a sério, não é? E agora, vamos dar início à festa – declarou.

Conduziu as suas convidadas à mesa, acenando graciosamente para Ermengarde e Becky, absorta no seu sonho de castelã.

– Avançai, formosas donzelas, e tomai os vossos lugares à mesa do banquete. O meu nobre pai, o rei, que se encontra ausente numa longa viagem, pediu-me que vos honrasse com este banquete – declarou Sara, num tom formal. Virou então a cabeça na direção de um dos cantos do salão. – Caros jograis, tocai os vossos instrumentos. As princesas – explicou Sara rapidamente a Ermengarde e Becky – tinham sempre jograis para entreter os convidados nos seus banquetes. Façam de conta que está um grupo deles ali ao canto. E, agora, sirvam-se.

Mal haviam tido tempo de agarrar numa fatia de bolo sequer quando escutaram um barulho que as fez girar os rostos empalidecidos na direção da porta. Puseram-se à escuta.

Alguém vinha a subir as escadas. Não havia dúvidas disso. Cada uma delas reconheceu aquelas passadas iradas e percebeu que aquele belo sonho chegara ao fim.

– É... Miss Minchin! – exclamou Becky, numa voz estrangulada, deixando cair a sua fatia de bolo ao chão.

– Pois é. Fomos descobertas – disse Sara, os olhos arregalando-se no seu pequeno e lívido rosto.

Miss Minchin abriu a porta de rompante. Ela própria estava lívida, mas de raiva. Olhou para as aterradas caras das três crianças, depois para a mesa do banquete e por fim para o tímido bruxulear na salamandra.

– Já há algum tempo que suspeitava de uma coisa assim, mas nem queria acreditar em tamanha audácia. Afinal, a Lavinia estava a dizer a verdade – declarou Miss Minchin.

Ficaram assim a saber que fora Lavinia quem, de alguma maneira, ficara a saber do segredo delas e as traíra. Miss Minchin avançou para Becky e esbofeteou--a pela segunda vez.

– Atrevida! Amanhã de manhã abandonas esta casa! – ordenou ela.

Sara ficou muito quieta, os olhos ainda mais esbugalhados, o rosto branco como um lençol. Ermengarde desatou a chorar.

– Oh, não a mande embora! Foi a minha tia que me mandou o cesto. Estávamos apenas a fazer uma festa – explicou Ermengarde, por entre soluços.

Miss Minchin respondeu-lhe num tom de desprezo:

– Pois, bem vejo! Uma festa com a *princesa* Sara à cabeceira da mesa. – Virou-se ferozmente para Sara. – Isto é tudo obra tua. A Ermengarde nunca teria arte para planear uma coisa assim. E também foste tu quem decorou a mesa, suponho, com este... lixo! – Batendo com o pé no chão, gritou para Becky: – Já para o teu quarto!

Becky fugiu dali a correr com a cara escondida no avental e os ombros a tremer.

Era a vez de Sara.

– Quanto a ti, amanhã não terás nem pequeno-almoço, nem almoço, nem jantar!

– Hoje também não almocei nem jantei, Miss Minchin – respondeu Sara, em voz baixa.

– Melhor ainda. Não te esquecerás tão depressa. Que te sirva de lição! Não fiques aí especada! Volta a arrumar as coisas no cesto.

Começou ela mesma a empurrar tudo para dentro do cesto e deparou-se com os livros novos de Ermengarde.

– Ah, e a menina trouxe os seus magníficos livros novos para este quarto imundo. Faz favor de pegar neles e ir imediatamente para a cama! Amanhã ficará no seu quarto de castigo o dia inteiro. Tratarei de escrever ao seu papá. Que dirá ele quando souber onde passou o serão?

Vislumbrou então qualquer coisa no olhar grave e fixo de Sara que a fez virar-se para ela furiosamente.

– Em que estás a pensar? Porque me olhas dessa maneira? – exigiu saber.

– Estava a pensar – respondeu Sara, como fizera naquele dia na sala de aula.

– Estavas a pensar em quê?

Parecia a repetição do que se passara na sala de aula. Não havia qualquer insolência nos modos ou no tom de Sara. Apenas tristeza e quietude.

– Estava a pensar no que o *meu* papá diria se soubesse onde estou esta noite – respondeu ela, em voz baixa.

Tal como naquela ocasião na sala de aula, a ira de Miss Minchin levou-a a perder as estribeiras e a agir de uma forma intempestiva. Correu para Sara, agarrou-a e abanou-a com brutalidade.

– Criança insolente e intratável! Como te atreves?! – gritou.

Pegou nos livros, varreu o resto do banquete para dentro do cesto, tudo amontoado, colocou-o nos braços de Ermengarde e empurrou-a à sua frente na direção da porta.

– Fica então com os teus pensamentos. Já para a cama! – ordenou. E, saindo, fechou a porta e deixou Sara sozinha.

O sonho chegara ao fim. A última centelha extinguira--se na salamandra. Só restava papel carbonizado. A mesa estava de novo despida, os pratos de ouro, os guardanapos ricamente bordados e as grinaldas haviam-se transformado em velhos

lenços de assoar, em pedaços de papel branco e vermelho e em flores artificiais espalhadas pelo chão. Os jograis tinham ido embora, levando os seus instrumentos. Emily estava sentada, encostada à parede, olhando tudo aquilo com atenção. Sara apercebeu-se dela e, com as mãos a tremer, pegou-lhe.

– Acabou-se o banquete, Emily. E já não há nenhuma princesa. Só restam os prisioneiros da Bastilha. – Sentou-se e escondeu a cara.

O que teria acontecido se não tivesse escondido a cara naquele momento e tivesse calhado a olhar para a janela no momento errado, não sei... Talvez o final deste capítulo viesse a ser bem diferente, pois se Sara tivesse olhado, ainda que de relance, para a trapeira, certamente teria ficado espantada com o que veria. Teria avistado o mesmo rosto moreno do lado de lá das vidraças, a espreitar para o interior como quando, ao início da noite, observara as duas amigas, Sara e Ermengarde, enquanto conversavam.

Todavia, Sara não olhou para cima. Ficou sentada com a cabeça pousada nos braços durante algum tempo. Assumia sempre aquela atitude quando tentava suportar qualquer coisa em silêncio. No final, levantou-se e foi-se deitar.

– Não consigo fazer mais de conta. Não vale a pena tentar mais. Se adormecer, talvez um sonho consiga fazer de conta por mim – declarou ela.

Sentiu-se de repente tão cansada, talvez pela falta de comida, que até sentar-se na beira da cama foi um esforço.

– Imaginemos que havia lume no fogão, com muitas chamas a dançar. Imaginemos que frente a ele se encontrava um cadeirão confortável e suponhamos que mesmo ao lado estava uma pequena mesa com um jantar bem quente disposto sobre ela. E faz de conta... – Puxou o puído cobertor e a colcha delgada por cima dos ombros. – Faz de conta que estou deitada numa cama macia e magnífica, com cobertores macios e almofadas fofas e grandes, de penas. Imaginemos... Imaginemos... – E o cansaço levou por fim a melhor. Os olhos de Sara fecharam-se e ela tombou num sono profundo.

Não sabia quantas horas dormira, mas o cansaço com que se deitara fora o suficiente para a fazer dormir profunda e pesadamente – demasiado profunda e pesadamente para ser perturbada pelo que quer que fosse, até mesmo pelos guinchos e corridas de toda a família de *Melquisedec*, ainda que os seus filhos e filhas tivessem emergido da toca para guerrear e espojar-se e brincar.

Acordou de forma bastante súbita, sem saber ao certo o que a fizera despertar. Na verdade, porém, fora um barulho que a espertara, um ruído verdadeiro: o som da janela a fechar-se depois de uma ágil figura de branco por ela se ter esgueirado e junto à mesma se ter agachado, sobre as telhas de ardósia, próximo o bastante para ver o que acontecia nas águas-furtadas, mas não o suficiente para ser vista.

A princípio, Sara não abriu os olhos. Sentia-se demasiado ensonada e, estranhamente, demasiado quente e confortável. Estava tão quente e confortável, na realidade, que nem acreditava que estivesse mesmo acordada. Só em sonhos alguma vez se sentia assim aconchegada e cómoda.

– Que sonho tão bom! Sinto-me tão bem que nem quero acordar – murmurou ela.

Só podia ser um sonho. Sentia-se como se a cobri-la tivesse maravilhosos lençóis e cobertores. Era até capaz de *sentir* os cobertores, e, quando tirou a mão para fora, tocou em qualquer coisa que lhe pareceu mesmo uma colcha acetinada. Não podia despertar daquele encantamento, tinha de ficar muito quieta para que não se desvanecesse.

Contudo, não conseguia; ainda que mantivesse os olhos fechados com força, não era capaz. Havia qualquer coisa que a forçava a acordar, qualquer coisa ali no quarto. Era uma espécie de luminosidade e um som... O som de um lume a crepitar.

– Oh, estou a acordar. Não posso evitá-lo... Não consigo – queixou-se ela, pesarosamente.

E os olhos abriram-se-lhe de moto próprio. Sorriu então, pois nunca vira no sótão aquilo com que os seus olhos se deparavam, e sabia que não voltaria a ver.

– Oh, afinal *não* acordei. Ainda estou a sonhar – sussurrou, atrevendo-se a apoiar-se sobre o cotovelo para olhar em redor. Sabia que só podia ser um sonho, pois se estivesse acordada tais coisas não seriam verdadeiras... Não poderiam ser.

Interrogam-se por que razão Sara tinha a certeza de que estava a sonhar? Eis o que ela viu: no fogão havia um lume abrasador; sobre ele uma pequena chaleira de cobre a ferver e a assobiar; estendido no chão encontrava-se um tapete grosso e quente cor de carmesim; frente ao fogão, uma cadeira articulada, aberta e decorada com almofadas; junto à cadeira, uma pequena mesa, coberta com uma toalha branca e, sobre ela, pratos, uma chávena e respetivo pires e um bule; na cama havia cobertores novos e quentes e uma colcha forrada a cetim; aos pés da cama via um curioso roupão de seda acolchoada, um par de chinelos a condizer e alguns livros. O quarto dos seus sonhos parecia ter-se ali materializado e transbordava de luz, pois em cima da mesa havia um candeeiro com um bonito quebra-luz rosado.

Sentou-se na cama, respirando com dificuldade.

– Não se desvanece... Oh, nunca antes tive um sonho assim – comentou, ofegante. Mal se atrevia a mexer, mas lá acabou por afastar os lençóis e colocar os pés no chão com um sorriso extasiado. – Estou a sonhar que estou a sair da cama – escutou a sua própria voz dizer; e depois, já de pé, no meio de todas aquelas belezas, virando-se lentamente para um lado e para outro: – Estou a sonhar que o sonho é real! O sonho está enfeitiçado... Ou então sou eu que estou enfeitiçada. Apenas *acredito* que estou a ver isto tudo. – As palavras começaram então a sair-lhe em catadupa. – Se ao menos fosse capaz de continuar a acreditar, pouco importava que

fosse um sonho, pouco importava!

Ficou mais um momento de pé, arquejando, com o coração a bater-lhe a mil à hora. A seguir, voltou a exclamar:

– Oh, não é verdade! Não *pode* ser verdade! Mas parece tão verdadeiro!

O incandescente fogo atraiu-a e Sara ajoelhou-se e aproximou as mãos do fogão, de tal modo que o calor a fez dar um salto para trás.

«Um fogo apenas sonhado não me queimaria», pensou.

Pôs-se de pé de um salto e foi tocar na mesa, na loiça, no tapete; dirigiu-se à cama e tocou nas cobertas. Pegou no suave roupão e segurou-o contra o peito e a face.

– É quente. É suave. É verdadeiro. Tem de ser! – concluiu, quase em pranto.

Colocou-o pelos ombros e calçou os chinelos.

– Também são verdadeiros. É tudo verdadeiro. *Não estou... Não estou* a sonhar! – gritou.

Quase a cambalear, dirigiu-se aos livros e abriu o do topo da pilha. Tinha qualquer coisa manuscrita na página de rosto, apenas umas palavras, e eis o que diziam:

«Para a menina das águas-furtadas. De um amigo.»

Ao ver aquilo, e que coisa estranha nela, escondeu o rosto na página e desatou a chorar.

– Não sei quem é, mas alguém se preocupa comigo. Tenho um amigo – disse ela.

Pegando na vela, saiu do quarto e foi ter com Becky.

– Becky, Becky! Acorda! – sussurrou, o mais audivelmente que conseguiu junto à cabeceira da amiga.

Quando Becky despertou e se sentou na cama com um ar sobressaltado e o rosto ainda manchado das lágrimas da noite anterior, a seu lado tinha uma pequena figura com um elegante roupão acolchoado de seda cor de carmesim. O rosto que tinha à sua frente era uma visão maravilhosa e cintilante. A princesa Sara, tal qual como dela se recordava, estava ali mesmo à sua cabeceira, segurando uma vela.

– Vamos! Oh, Becky, vem comigo depressa! – desafiou-a.

Becky estava demasiado assustada para falar. Limitou-se a saltar da cama e segui-la, de olhos e boca aberta, sem dizer uma palavra.

E depois de passarem a soleira, Sara fechou a porta sem fazer barulho e conduziu Becky até junto de todas aquelas maravilhas que também ainda a estonteavam e lhe punham o coração aos pulos.

– É tudo verdadeiro! Já toquei em tudo e é tão real como tu e eu. A Magia fez tudo isto, Becky, enquanto dormíamos... a Magia que nunca permite que o pior de tudo aconteça.

16

O VISITANTE

Imaginem, se forem capazes, como decorreu o resto da noite. Como se sentaram as duas frente ao lume, que dançava e crepitava no pequeno fogão. Como, ao destaparem os pratos, descobriram sopa saborosa, e ainda a fumegar, sanduíches, torradas e *muffins* suficientes para as duas. A caneca do lavatório serviu de chávena a Becky, e o chá era tão delicioso que nem foi preciso fazerem de conta que era outra coisa que não chá. Estavam quentes, saciadas e felizes, e era mesmo típico de Sara que, tendo-se convencido da sua estranha sorte, se abandonasse ao prazer de desfrutar da mesma. Vivia há tanto tempo num mundo imaginário e de faz-de-conta, que não tinha qualquer dificuldade em aceitar qualquer coisa maravilhosa que acontecesse e, em pouco tempo, deixar de considerá-la desconcertante.

– Não conheço ninguém no mundo que pudesse ter feito isto, mas o certo é que alguém foi. E aqui estamos nós sentadas frente a este lume... e... e... é verdadeiro! E quem quer que tenha sido, onde quer que esteja... tenho um amigo, Becky. Alguém é meu amigo – fez notar Sara.

Não se pode negar que, enquanto comiam a apetitosa e nutritiva comida, sentadas frente ao lume, sentiram uma espécie de reverência extasiada e olharam uma para a outra como que em dúvida. Gaguejando, Becky perguntara:

– Não será... não será que isto ainda desaparece tudo, *miss*? Não era melhor despacharmo-nos? – E empanturrou a boca com a sanduíche que estava a comer. Se era apenas um sonho, a etiqueta podia ser ignorada.

– Não, não desaparecerá. Estou a comer este *muffin* e consigo sentir-lhe o sabor. Nos sonhos nunca conseguimos comer a sério. Apenas imaginamos que comemos. Para além disso, estou farta de me beliscar, e há pouco até toquei de propósito numa brasa a escaldar – respondeu Sara.

O consolo sonolento que aos poucos tomou conta delas foi uma coisa divinal. Era o que sentiam as crianças felizes e bem alimentadas. Deixaram-se ficar naquele torpor, frente ao lume, até que Sara virou a cabeça para contemplar a sua nova cama.

Havia cobertores suficientes para partilhar com Becky. A estreita cama do quarto ao lado tornou-se mais confortável naquela noite do que a sua ocupante alguma vez poderia ter sonhado.

Na soleira da porta, ao abandonar o quarto de Sara, Becky virou-se e olhou em redor, como se quisesse gravar na memória o que via.

– Se tudo isto já cá não estiver de manhã, *miss*, esteve pelo menos esta noite, e eu nunca mais me esquecerei. O lume estava *ali* – enumerou ela, apontando – e a mesa frente a ele, e o candeeiro estava acolá e a sua luz era rosada; e havia uma colcha de cetim na sua cama e um tapete grosso no chão, e era tudo tão bonito... E... – fez uma pausa e levou a mão à barriga – havia sopa, sanduíches e *muffins*... Havia, sim. – E com semelhante convicção, virou costas e fechou a porta.

Por intermédio dos misteriosos desígnios que operam em escolas e no seio da criadagem, de manhã era bem sabido que Sara Crewe caíra em desgraça, que Ermengarde estava de castigo e que Becky teria abandonado a casa antes do pequeno-almoço, se fosse possível dispensar uma criada da copa com essa facilidade. As criadas sabiam que lhe fora permitido ficar porque Miss Minchin não conseguiria encontrar outra criatura tão humilde e desamparada a ponto de trabalhar como uma escrava em troca de tão mísero soldo. As alunas mais velhas também tinham consciência de que Miss Minchin não punha Sara na rua por conveniência própria.

– Está a crescer tão depressa e a aprender tanto, que não tardará a começar a dar aulas. Para além disso, Miss Minchin sabe que ela irá trabalhar em troca de nada. Foi muito feio da tua parte ires dizer-lhe que ela se divertia nas águas-furtadas, Lavvy. Como é que descobriste? – perguntou Jessie a Lavinia.

– Arranquei-o da Lottie. É tão infantil que nem percebeu que eu lhe estava a extrair informações. Não vejo mal nenhum em ter ido alertar Miss Minchin. Era meu dever fazê-lo, na verdade. A Sara estava a ser desonesta. E é ridículo que se dê ares e se faça de tão importante, quando anda por aí naquela figura, vestida de andrajos! – defendeu-se Lavinia, num tom de presunção.

– Que estavam a fazer quando Miss Minchin as surpreendeu?

– Um faz-de-conta ridículo qualquer. A Ermengarde levara um cesto de guloseimas para partilhar com a Sara e a Becky. A nós nunca nos convida para partilhar nada. Não que isso me incomode, mas acho muito vulgar da parte dela partilhar o que quer que seja com a criadagem que reside no sótão. Admiro-me que Miss Minchin não tenha posto a Sara na rua, ainda que a possa querer como professora.

– Se a pusesse na rua, para onde iria ela? – inquiriu Jessie, um pouco ansiosa.

– Eu sei lá! Quando entrar na sala de aulas esta manhã, há de ter um ar bem envergonhado, eu diria, tendo em conta o que aconteceu. Ontem não lhe deram jantar, e hoje, como castigo, também não comerá.

Jessie não era tão maldosa quanto palerma. Pegou no seu livro com um pequeno estremecimento.

– Acho isso horrível. Não têm o direito de a matar à fome – comentou.

Quando Sara entrou na cozinha naquela manhã, a cozinheira olhou-a de esguelha,

bem como as criadas, mas Sara passou por elas a passo apressado. Acordara um pouco mais tarde do que o habitual e, uma vez que o mesmo sucedera a Becky, ambas se tinham apressado a descer e não tinham tido tempo de trocar nem uma palavra.

Ao chegar à copa, Sara deparou-se com Becky a esfregar vigorosamente uma chaleira e a cantarolar uma canção entre dentes. Olhou para Sara com um ar de felicidade.

– Estavam lá quando acordei, *miss*... Os cobertores! Eram tão reais como na noite passada – sussurrou ela, toda contente.

– Também os meus. Está lá tudo, como ontem. Enquanto me vestia, comi algumas das sobras.

– Oh, santo Deus! – exclamou Becky, quase em êxtase, inclinando-se sobre a chaleira ao mesmo tempo que a cozinheira entrava na copa.

Miss Minchin esperava ver no semblante de Sara, quando esta entrou na sala de aulas, o mesmo que esperava Lavinia: vergonha, desalento. Sara sempre fora para ela um quebra-cabeças irritante, pois a severidade nunca a fazia chorar ou ficar assustada. Quando lhe ralhavam, escutava educadamente e com um ar sério; quando a castigavam, cumpria as tarefas que o castigo envolvia ou deixava de almoçar ou jantar sem se queixar ou mostrar qualquer sinal de revolta. O facto de nunca responder com insolência era para Miss Minchin uma espécie de insolência por si só. No entanto, tendo em conta a privação de comida a que fora sujeita no dia anterior, a cena violenta à noite e a perspetiva de passar mais um dia sem comer, sem dúvida que estaria destroçada, derrotada. Seria muito estranho se não entrasse com o rosto pálido, os olhos encarnados e um ar humilhado e infeliz.

Miss Minchin viu-a pela primeira vez naquela manhã quando ela entrou na sala de aulas para escutar as mais pequenas recitar a lição de francês e para supervisionar os seus exercícios. Vinha com um passo enérgico, as faces rosadas e nos lábios o indício de um sorriso. Era a coisa mais espantosa que Miss Minchin alguma vez testemunhara. Foi um grande choque. Que espécie de criança era ela? Que significaria semelhante coisa? Chamou-a de imediato à sua secretária.

– Não me parece que te tenhas consciencializado de que estás de castigo. Serás totalmente insensível?

A verdade é que, quando ainda somos crianças, ou mesmo já adultos, e estamos bem alimentados e dormimos tranquilamente numa cama macia e quente; quando adormecemos no meio de um conto de fadas e, ao acordar, descobrimos que se transformou em realidade, é impossível estarmos desgostosos ou parecermos infelizes; do mesmo modo que seríamos incapazes, ainda que nos esforçássemos, de impedir que os nossos olhos cintilassem de prazer. Miss Minchin ficou chocada com o brilho no olhar de Sara quando esta lhe respondeu de forma muito respeitosa.

– Peço desculpa, Miss Minchin, sei bem que estou de castigo – disse ela.

– Nesse caso, tem a amabilidade de não o esqueceres e de não exibires esse ar como se tivesses herdado uma fortuna. É uma impertinência. E lembra-te que hoje não comerás.

– Sim, Miss Minchin – respondeu Sara. Mas ao virar-lhe as costas, o seu coração alegrou-se com a recordação da noite anterior. «Se a Magia não me tivesse salvado mesmo a tempo, seria horrível!», pensou ela.

– Não deve ter muita fome. Olha só para o ar dela! Talvez esteja a fazer de conta que tomou um grande pequeno-almoço – sussurrou Lavinia para Jessie, rematando com uma risada desdenhosa.

– Ela é diferente das outras pessoas, isso é certo. Por vezes, até me mete medo – comentou Jessie, observando Sara junto das mais pequenas.

– Que disparate! – exclamou Lavinia.

Durante todo o dia, as cores não abandonaram as faces de Sara, nem os seus olhos perderam aquela centelha. As criadas fitavam-na, intrigadas, murmurando umas para as outras, e os olhos pequeninos e azuis de Miss Amelia espelhavam uma profunda desconcertação. Não entendia como é que alguém que chamara a si o desagrado e a ira da sua augusta irmã podia passar o dia com um ar de audaz bem-estar. Era, contudo, uma atitude típica de Sara, uma criança tão invulgar e obstinada. O mais provável era que estivesse determinada a enfrentar com bravura e até ao fim as consequências das suas ações.

Uma coisa Sara decidira, ao pensar no sucedido: as maravilhas que no seu quarto se haviam materializado tinham de ser mantidas em segredo, se é que tal coisa era possível. Caso Miss Minchin resolvesse subir de novo às águas-furtadas, é claro que tudo seria descoberto, não sendo, contudo, provável que ela o fizesse tão cedo, a menos que impelida por alguma suspeita. Ermengarde e Lottie seriam vigiadas tão de perto que não se atreveriam a escapulir-se novamente dos seus quartos. Contaria a Ermengarde o prodígio operado pela Magia, confiante de que ela não a delataria. Se Lottie descobrisse alguma coisa, obrigá-la-ia a jurar segredo. Talvez a própria Magia a ajudasse naquela tarefa de ocultar as suas maravilhas.

«Aconteça o que acontecer, *seja o que for*, algures no mundo há uma pessoa infinitamente amável que é minha amiga... *minha amiga*. Ainda que nunca venha a saber quem ela é, ainda que nunca venha a ter a oportunidade de lhe agradecer, nunca mais me sentirei tão sozinha. Oh, a Magia foi muito boa para mim!», pensou Sara para os seus botões, uma e outra vez, ao longo de todo aquele dia.

Se alguém tinha dúvidas de que era possível o tempo ficar pior do que estivera no dia anterior, essas dúvidas desfizeram-se: estava mais húmido, mais molhado, mais enlameado, mais frio. Havia ainda mais recados fazer, a cozinheira estava ainda mais irascível e, sabendo que Sara incorrera na ira da patroa, mostrava-se mais cruel.

Todavia, que importa tudo isso quando a Magia já mostrou que está por nós? A ceia da noite anterior dera força a Sara; sabia que iria dormir bem e quentinha e, muito embora já tivesse começado a sentir fome, como era natural, estava crente de que conseguiria suportá-la até ao pequeno-almoço do dia seguinte, quando o castigo terminaria e ela voltaria sem dúvida a ter direito às suas refeições. Era bastante tarde quando por fim subiu às suas águas-furtadas. Miss Minchin ordenara-lhe que permanecesse na sala de aulas a estudar até às dez da noite, mas acabara por ficar absorta nos livros e já só os fechara depois das dez.

Ao chegar ao último patamar, defronte da porta do quarto, há que admitir que o coração de Sara lhe martelava no peito.

– É claro que é possível que tudo tenha desaparecido – murmurou, procurando ganhar coragem. – Pode ter sido apenas um empréstimo, por uma noite, para me ajudar a suportá-la. Seja como for, foi bom. Foi real.

Empurrou a porta e entrou. Uma vez lá dentro, arquejou, fechou a porta e encostou-se a ela, olhando de um lado para o outro.

A Magia estivera lá de novo, e fizera ainda mais do que na noite anterior. O lume ardia na salamandra, mais forte e vivo do que antes. Várias coisas novas tinham sido trazidas para o quarto, embelezando-o de tal forma que, não conhecesse já Sara o poder da Magia, teria esfregado os olhos, incrédula. Sobre a mesa encontrava-se uma nova ceia, desta feita com chávena e talheres a contar com Becky; todos os trastes velhos e feios tinham sido cobertos e ocultados com panos coloridos. Algumas tapeçarias, presas por tachas tão afiadas que podiam ser pressionadas contra a madeira e o estuque sem o recurso a um martelo, embelezavam as paredes e dissimulavam o bolor e os buracos. Havia também leques maravilhosos pendurados e várias almofadas, grandes e fofas, que podiam ser usadas como assento. Uma caixa de madeira, coberta com um tapete e algumas almofadas fazia perfeitamente as vezes de coxim.

Sara afastou-se lentamente da porta, sentou-se e ficou a contemplar tudo aquilo.

«É tal e qual como se um conto de fadas se tivesse tornado realidade. Não há qualquer diferença. Parece-me que qualquer desejo que formulasse, fosse de diamantes ou de sacos de ouro, se materializaria! Não me espantaria nada que assim fosse. Será este o meu quarto? Serei a mesma Sara, gélida, encharcada, andrajosa? E pensar que costumava imaginar e fazer de conta e desejar que as fadas existissem! Uma coisa que sempre quis foi ver um conto de fadas transformar-se em realidade. Pois bem, eis-me a *viver* um conto de fadas. É como se eu própria fosse uma fada e tivesse o poder de transformar as coisas.»

Levantou-se e foi bater à parede, chamando o prisioneiro da cela ao lado.

Quando Becky entrou, quase desfaleceu no chão. Por uns segundos, teve dificuldade em recuperar o fôlego.

– Oh, Santo Deus! Oh, Santo Deus, *miss*! – exclamou ela, como naquela manhã, na copa.

– É como vês – disse Sara.

Naquela noite, Becky sentou-se numa almofada frente ao lume a beber o chá numa chávena e pires só seus.

Quando Sara se foi deitar, descobriu que tinha um colchão novo e mais alto, e almofadas fofas de penas. A sua velha enxerga e travesseiro tinham sido colocados na cama de Becky, que pôde assim desfrutar de um conforto como nunca antes sentira.

– De onde virá tudo isto? Meu Deus, quem será o autor disto? – inquiriu Becky certa vez.

– Será melhor nem perguntarmos. Não fora o meu desejo de querer dizer «Obrigada», preferia nem saber. Dá um ar muito mais prodigioso ao sucedido – respondeu-lhe Sara.

A partir de então, a vida foi-se tornando mais magnífica a cada dia. O conto de fadas não terminou por ali. À noite, quando Sara regressava ao sótão, deparava-se com coisas novas de cada vez que abria a porta. Até que, em pouco tempo, as águas-furtadas se transformaram num confortável quarto recheado de toda a espécie de ornamentos e comodidades. As paredes esburacadas e negras foram aos poucos escondidas por trás de quadros e tapeçarias. Várias peças de mobília desdobrável apareceram também; na parede foi pendurada uma prateleira carregada de livros. Até que, por fim, parecia não haver mais nada que Sara pudesse desejar. Quando descia de manhã, as sobras da ceia ficavam na mesa, e ao fim do dia, quando voltava, o mágico fizera-as desaparecer, deixando mais uma magnífica refeição no seu lugar. Miss Minchin continuava tão severa e insultuosa como sempre, Miss Amelia igualmente rabugenta e caprichosa, e as criadas sempre malcriadas e grosseiras. Sara não parava de fazer recados, fizesse chuva ou sol, e de ser repreendida e obrigada a executar todo o tipo de tarefas; mal tinha oportunidade de conversar com Ermengarde e Lottie; Lavinia desdenhava das suas roupas, cada vez mais coçadas e esfarrapadas, e as outras raparigas olhavam-na com curiosidade quando ela aparecia na sala de aulas. Porém, que importava tudo isso quando estava a viver aquele maravilhoso e misterioso conto de fadas? Era mais romântico e encantador do que qualquer coisa que alguma vez imaginara para consolar a sua alma jovem e carente e se salvar do desespero. Por vezes, quando lhe ralhavam, era com esforço que se continha de sorrir.

«Se vocês soubessem!», dizia para si mesma, «oh, se vocês soubessem!»

O conforto e felicidade de que desfrutava estavam a torná-la mais forte, e era com isso em mente que suportava o árduo dia. Quando chegava a casa encharcada, cansada e esfomeada, sabia que em breve se poderia aquecer e alimentar depois de

subir ao sótão. Durante os dias mais duros, ocupava ditosamente o espírito a pensar no que iria ver quando abrisse a porta do quarto e a interrogar-se que surpresa maravilhosa a Magia preparara para si. Em pouco tempo começou a parecer menos magra. As cores regressaram às suas faces e os seus olhos já não pareciam demasiado grandes para a cara.

– A Sara Crewe está com muito bom aspeto – comentou Miss Minchin para a irmã, num tom reprovador.

– Sim. Está positivamente a engordar. Já começava a parecer um pequeno corvo faminto – respondeu Miss Amelia, com o seu ar apatetado.

– Faminto? Não tinha qualquer razão para ter um ar faminto. Sempre lhe foi dada comida com fartura! – exclamou Miss Minchin, contrariada.

– Com certeza, com certeza – concordou Miss Amelia, alarmada ao perceber que, mais uma vez, dissera o que não devia.

– É muito desagradável ver aquele género de atitude numa criança da idade dela – acrescentou Miss Minchin, com arrogância.

– Que género de atitude? – arriscou Miss Amelia.

– Quase pode ser apelidado de provocação, desafio – explicou Miss Minchin, frustrada, porque sabia que aquilo que a melindrava não se apelidava de provocação, mas não sabia que outro termo desagradável havia de usar. – O espírito e a determinação de qualquer outra criança já teriam sido vergados e teriam capitulado por força das... das mudanças a que ela foi obrigada a conformar-se. Mas, palavra de honra, parece-me tão pouco subjugada como se... como se fosse uma princesa.

– Recorda-se do que ela lhe disse, naquele dia na sala de aulas, acerca do que a mana faria se descobrisse que ela era... – comentou a insensata Miss Amelia.

– Não, não me recordo! Não digas disparates! – protestou Miss Minchin, mas é claro que se lembrava, e muito bem.

Como seria de esperar, até Becky começava a parecer mais roliça e menos assustada. Não podia evitá-lo. Também compartilhava do conto de fadas secreto. Tinha dois colchões, duas almofadas, cobertores com fartura e, todas as noites, uma ceia quente e um lugar nas confortáveis almofadas frente ao fogão. A Bastilha desmoronara-se, as prisioneiras tinham dado lugar a duas crianças reconfortadas, rodeadas de coisas magníficas. Por vezes Sara lia em voz alta, por vezes estudava as suas lições, outras ficava simplesmente sentada a olhar para o lume e a tentar imaginar quem seria o seu amigo, desejando poder dizer-lhe algumas das coisas que lhe iam no coração.

Aconteceu então outra coisa maravilhosa. Um homem foi bater à porta do colégio para entregar vários embrulhos. Em letras grandes, estavam todos endereçados «à menina das águas-furtadas do lado direito».

Sara foi mandada abrir a porta e foi ela quem recebeu os embrulhos. Pousou as duas caixas maiores na mesa do vestíbulo e estava a olhar para o nome do seu destinatário quando Miss Minchin desceu as escadas e a surpreendeu.

– Faz favor de levar esses pacotes à menina a quem se destinam. Não fiques aí especada a olhar para eles – ordenou ela, severa como sempre.

– São para mim – respondeu Sara.

– Para ti? Como assim? – estranhou Miss Minchin.

– Não sei de onde vêm, mas estão endereçados a mim. Sou eu que durmo nas águas-furtadas do lado direito. A Becky dorme nas da esquerda – explicou Sara.

Miss Minchin aproximou-se de Sara para observar os embrulhos.

– Que contêm? – perguntou.

– Não sei – disse Sara.

– Vá, abre-os! – ordenou Miss Minchin.

Sara obedeceu. Quando as caixas foram abertas, a expressão de Miss Minchin mudou por completo. À frente dos seus olhos tinha peças de roupa bonitas e confortáveis, de todos os tipos: sapatos, meias e luvas, e um casaco quente e vistoso. Havia até um gracioso chapéu e uma sombrinha. Era tudo de excelente qualidade. No bolso do casaco, um alfinete prendia um bilhete que dizia: «Para serem usadas todos os dias. Serão substituídas assim que necessário.»

Miss Minchin ficou bastante agitada. Semelhante incidente suscitava curiosos pensamentos na sua mesquinha mente. Será que cometera um erro, afinal de contas, e que a criança enjeitada possuía um amigo poderoso, ainda que excêntrico, algures? Quiçá um parente até então desconhecido que investigara o seu paradeiro e decidira velar por ela daquela forma misteriosa e invulgar. Talvez fosse um tio rico e solteirão, daqueles que não gostavam de lidar com crianças. Um homem desse género poderia preferir supervisionar a educação e bem-estar da sua jovem familiar à distância. Uma pessoa dessas, contudo, seguramente seria caprichosa e se ofenderia com facilidade. Seria lamentável que um familiar assim se revelasse e ficasse a saber de toda a verdade acerca das roupas andrajosas, da pouca comida e do trabalho árduo. Sentindo-se bastante incomodada, Miss Minchin contemplou Sara de esguelha.

– Bom, parece que alguém foi muito generoso contigo. Uma vez que te mandaram todas estas peças de roupa e que irás receber outras novas quando estas se estragarem, mais vale ires vesti-las, para ficares com um ar mais respeitável. Depois, poderás descer e ir estudar as tuas lições para a sala de aulas. Hoje já não precisas de sair para fazer recados – afirmou Miss Minchin, num tom que já não usava desde que Sara perdera o pai.

Cerca de meia hora mais tarde, quando a porta da sala de aulas se abriu e Sara entrou, todo o colégio ficou de boca aberta.

– Meu Deus! Olha, é a princesa Sara! – exclamou Jessie, acotovelando Lavinia.

Toda a gente girara a cabeça. Lavinia estava corada de tanta estupefação.

Era de facto a princesa Sara. Desde o dia em que caíra em desgraça que não voltara a ter aquela aparência. Não parecia nada a Sara que tinham visto descer as escadas das traseiras algumas horas antes. Exibia o tipo de vestido que Lavinia costumara invejar-lhe. Era de uma cor forte e tinha um corte magnífico. Os seus pés tinham o mesmo aspeto elegante que Jessie admirara no dia em que Sara se apresentara à classe, e os cabelos, cujos caracóis espessos lhe davam um ar de pónei Shetland quando os trazia soltos em redor do pequeno rosto, estavam graciosamente atados atrás com uma fita.

– Talvez alguém lhe tenha deixado uma fortuna. Sempre acreditei que alguma coisa do género lhe acabaria por acontecer. Ela é tão invulgar – sussurrou Jessie.

– Talvez as minas de diamantes tenham aparecido de novo, como por magia – troçou Lavinia. – Não a agracies olhando para ela dessa maneira, sua palerma!

– Sara, vem sentar-te aqui – disse Miss Minchin, no seu tom professoral.

E perante os olhares atónitos de todas as alunas, que se acotovelavam e não faziam o mínimo esforço para ocultar a sua curiosidade, Sara avançou para o seu antigo lugar de honra e inclinou-se sobre os seus livros.

Nessa noite, quando subiu ao quarto, e depois de ter ceado na companhia de Becky, sentou-se com os olhos cravados no lume durante bastante tempo.

– Está a imaginar alguma coisa, *miss*? – perguntou Becky, numa voz respeitosa. Quando Sara se sentava em silêncio e contemplava o lume como se não o estivesse a ver, de uma forma geral isso significava que estava a inventar uma nova história. Não era o caso daquela vez, e Sara abanou a cabeça.

– Não, estava a pensar no que haveria de fazer – respondeu.

Becky continuou a olhá-la. Encarava tudo o que Sara dizia e fazia com uma espécie de reverência.

– Não consigo deixar de pensar no meu amigo. Caso a intenção dele seja manter-se anónimo, seria inconveniente da minha parte tentar descobrir a sua identidade... Mas eu queria tanto que ele soubesse o quanto lhe estou grata e o quanto me fez feliz. Qualquer pessoa amável e generosa gosta de saber que as pessoas que ajudou ficaram felizes. Isso é mais importante para elas do que receber um agradecimento. Quem dera... Quem dera...

Deteve-se, pois nesse instante os seus olhos depararam-se com uma coisa que estava em cima de uma mesa de canto. Era um pequeno estojo com papel e envelopes, aparos e tinta que descobrira no quarto há meros dois dias.

– Oh, porque não pensei nisso antes?

Levantou-se e foi a correr buscar o estojo, voltando a sentar-se frente ao lume.

– Posso escrever-lhe um bilhete e deixá-lo em cima da mesa. Talvez a pessoa que

leva as sobras e a louça suja o leve também. Não lhe colocarei qualquer pergunta. Tenho a certeza de que não se importará que eu lhe agradeça por tudo o que tem feito – declarou, muito animada.

Escreveu então um bilhete, que dizia:

> Espero que não considere indelicado da minha parte escrever-lhe este bilhete, sabendo que o senhor deseja manter o anonimato. Por favor, acredite que não foi minha intenção ser inconveniente nem tentar descobrir o que quer que fosse. Apenas quero agradecer-lhe por ter sido tão amável comigo, tão generoso, e por ter transformado a minha vida num conto de fadas. Estou-lhe tão agradecida e tão feliz. O mesmo sucede com a Becky; é tudo tão belo e maravilhoso para ela como é para mim. A nossa vida era de solidão, frio e fome, e agora... oh, só de pensar no que fez por nós! Por favor, deixe-me só dizer estas palavras. Sinto que tenho de dizê-las. Obrigada, obrigada, obrigada!
>
> «A Menina das Águas-Furtadas»

Na manhã seguinte, deixou o bilhete em cima da mesa, e ao fim do dia já lá não estava, tendo sido levado com as sobras da ceia. Sara percebeu assim que o mágico a recebera, e ficou muito contente por sabê-lo. Estava a ler a Becky um dos seus livros novos, antes de se recolherem às repetivas camas, quando um barulho na janela lhe desviou a atenção. Ao levantar os olhos da página, reparou que Becky também o ouvira, uma vez que virara a cabeça e se pusera à escuta, com um ar nervoso.

– Está ali qualquer coisa, *miss* – sussurrou.

– Pois é. Parece... parece mesmo um gato... a tentar entrar – disse Sara.

Levantou-se da cadeira e dirigiu-se à trapeira. O ruído que escutara soara-lhe a um estranho arrastar. De repente, ocorreu-lhe e soltou uma gargalhada. Recordou-se de um pequeno intruso que já uma vez entrara nas águas-furtadas. Vira-o naquela mesma tarde, com um ar desconsolado, sentado frente a uma janela da casa do cavalheiro indiano.

– E se fosse o macaquinho que tivesse fugido de novo do lascarim? Oh, quem dera que fosse! – murmurou ela, muito animada.

Trepou a uma cadeira, abriu a janela com toda a cautela e espreitou para a rua. Bem perto dela, sentado na neve que se acumulara no telhado, pois tinha nevado todo o dia, estava uma pequena e trémula figura que franziu lastimosamente o rosto preto ao deparar-se com ela.

– É mesmo o macaquinho! Escapuliu-se do sótão do lascarim e viu a luz no meu – anunciou ela a Becky.

Becky correu para junto da mesa.

– Vai deixá-lo entrar, *miss*?

– Vou. Está demasiado frio para um macaco andar na rua. São animais sensíveis. Vou persuadi-lo a entrar.

Estendeu a mão, devagarinho, dirigindo-se a ele no mesmo tom afetuoso com que falava com os pardais e com *Melquisedec*, como se ela própria fosse um animal amistoso e compreendesse a timidez deles.

– Vem, querido macaquinho. Eu não te faço mal – aliciava-o ela.

O macaco sabia bem que ela não lhe faria mal. Compreendera-o mesmo antes de ela o ter agarrado, com toda a suavidade, e o ter puxado na sua direção. O que sentia nas mãos elegantes e morenas de Ram Dass era amor, e o mesmo pressentia nas pequeninas mãos daquela menina. Permitiu que ela o levasse para dentro do sótão e, assim que se viu nos braços dela, aninhou-se contra o seu peito e pôs-se a olhar para ela.

– Lindo macaquinho! Lindo macaquinho! Oh, adoro animais pequeninos! – trauteou ela, beijando-o na cabeça.

Ele ficou evidentemente satisfeito por estar frente ao lume e, quando Sara se sentou e o colocou no joelho, olhou para Becky, observando-a com interesse.

– Não é muito bonito, pois não, *miss*? – comentou ela.

– Parece um bebé muito feio – disse Sara, com uma gargalhada. – Peço desculpa, macaquinho; mas ainda bem que não és um bebé. A tua mãe não iria ficar orgulhosa de ti e ninguém se atreveria a dizer que eras parecido com um dos teus familiares. Oh, mas eu gosto mesmo de ti!

Recostou-se na cadeira e pôs-se a pensar em voz alta:

– Talvez ele tenha pena de ser tão feio e isso não lhe saia da mente. Interrogo-me se ele terá mente. Macaco, meu querido, tens mente?

Contudo, o macaco limitou-se a coçar a cabeça.

– Que vai fazer com ele, *miss*? – perguntou Becky.

– Esta noite vou deixá-lo dormir comigo, e amanhã levo-o de volta ao cavalheiro indiano. Lamento ter de te devolver, mas terás mesmo de voltar. Certamente preferirás viver com a tua família, e eu não sou tua parente.

Quando se foi deitar, fez-lhe uma cama a seus pés e ele enroscou-se e aí dormiu como um bebé, muito contente com as suas acomodações.

17

«É A CRIANÇA!»

Na tarde do dia seguinte, três membros da Família Grande encontravam-se na biblioteca do cavalheiro indiano, fazendo o melhor que podiam para o animar e distrair. Estavam ali com esse propósito porque ele os convidara especialmente. Há já algum tempo que vivia na expectativa e naquele dia aguardava com muita ansiedade um determinado acontecimento: o regresso de Moscovo do Sr. Carmichael. A sua estada havia-se prolongado de semana em semana. Ao chegar à cidade, não conseguira localizar a família de que fora em busca, e, quando por fim a encontrara e se dirigira à sua residência, fora informado de que estavam ausentes em viagem. Tendo-se esforçado tanto para chegar até eles, decidiu permanecer em Moscovo até que a família voltasse.

O Sr. Carrisford estava sentado na sua poltrona e Janet no chão, a seu lado. Tinha um grande carinho por Janet. Nora encontrara um escabelo e Donald estava montado na cabeça do tigre que ornamentava o tapete feito a partir da pele do animal. É preciso que se diga que a cavalgava com grade alarido. Janet ralhou-lhe:

– Não faças tanto barulho, Donald. Quando se vai animar uma pessoa doente, não o fazemos aos gritos. Estamos a fazer muito barulho, senhor Carrisford? – perguntou ela ao cavalheiro indiano.

Ele limitou-se a dar-lhe umas palmadinhas afetuosas no ombro.

– Não, não estão. E sempre me impedem de pensar demais – respondeu ele.

– Eu vou fazer pouco barulho. Vamos todos ficar tão caladinhos como os ratos – gritou Donald.

– Os ratos não fariam esse barulho todo – realçou Janet.

Donald fez umas rédeas com o seu lenço de assoar e continuou aos pulos na cabeça do tigre.

– Um bando de ratos faria. Um milhar de ratos talvez fizesse – argumentou ele, muito animado.

– Não acredito que cinquenta mil ratos fizessem. E temos de ficar tão calados quanto *um* rato – fez notar Janet, num tom mais severo.

O Sr. Carrisford riu-se e deu-lhe mais umas palmadinhas no ombro.

– O papá já não deve demorar. Podemos falar sobre a menina perdida? – inquiriu Janet.

– Creio que neste momento não conseguiria falar sobre outra coisa – disse o

cavalheiro indiano, franzindo a testa com uma expressão cansada.

– Gostamos muito dela. Chamamos-lhe «a princesinha desfadada» – revelou Nora.

– Porquê? – quis saber o cavalheiro indiano. As fantasias dos membros mais novos da Família Grande faziam-no sempre esquecer um pouco as angústias.

Foi Janet quem respondeu.

– Porque, embora ela agora não seja uma fada, ficará tão rica quando for encontrada, que será como uma princesa de um conto de fadas. A princípio chamávamos-lhe a fada princesa, mas parecia que não combinava.

– É verdade que o papá dela deu todo o seu dinheiro a um amigo para colocar numa mina que tinha diamantes e depois o amigo, achando que estava tudo perdido, fugiu convencido de que era um ladrão? – perguntou Nora.

– Mas não era – apressou-se Janet a acrescentar.

O cavalheiro indiano pegou-lhe na mão.

– Não, na verdade, não era – asseverou.

– Tenho pena do amigo, não consigo evitá-lo. O sucedido não foi culpa dele, e tenho a certeza de que foi um grande desgosto para ele. Estou certa de que ficou destroçado – disse Janet.

– És uma jovem muito compreensiva, Janet – elogiou-a o cavalheiro indiano, apertando-lhe a mão.

– Falaste ao senhor Carrisford da menina-que-não-é-mendiga? Contaste-lhe que ela tem roupas novas e bonitas? Talvez tenha sido encontrada por alguém quando se perdeu – gritou de novo Donald.

– Oiço um cabriolé! E parou frente à porta! É o papá! – exclamou Janet.

Correram todos à janela para confirmar.

– Sim, é o papá! Mas não traz nenhuma menina – disse Donald.

De imediato, as três crianças abandonaram a biblioteca e correram para o vestíbulo. Era daquela forma que estavam habituadas a receber o pai. O cavalheiro indiano não tardou a ouvi-las aos pulos e a bater palmas, à espera de que o pai lhes pegasse ao colo e as beijasse.

O Sr. Carrisford fez um esforço para se levantar, mas voltou a afundar-se na poltrona.

– É inútil. Estou um caco! – murmurou para si mesmo.

A voz do Sr. Carmichael escutou-se do outro lado da porta:

– Não, meninos, entram depois de eu ter falado com o senhor Carrisford. Vão brincar com o Ram Dass.

A porta abriu-se então e o Sr. Carmichael entrou. Parecia ainda mais rosado do que habitualmente e trazia um ar saudável; porém, quando cruzou o seu olhar com o de Carrisford e lhe apertou a mão, os seus olhos espelhavam desapontamento e

ansiedade.

– Que novidades me traz, Carmichael? E a criança que o casal russo adotou? – indagou.

– Não é a criança que procuramos. É muito mais nova do que a filha do capitão Crewe. O nome dela é Emily Carew. Vi-a e falei com ela. O casal russo forneceu-me todos os pormenores – foi a resposta do Sr. Carmichael.

O ar destroçado e infeliz que o cavalheiro indiano fez então foi de cortar o coração! Deixou a mão pender, largando a do advogado.

– Nesse caso, a busca tem de recomeçar. Mais nada. Sente-se um pouco, Carmichael.

O advogado acedeu. Com o tempo, desenvolvera uma grande simpatia por aquele homem infeliz. Ele próprio era tão feliz e vivia rodeado por tanta alegria e amor, que a desolação e a falta de saúde lhe pareciam coisas lamentáveis. Se naquela casa se escutasse ao menos a voz aguda e alegre de uma criança, seria muito menos sorumbática. E que um homem carregasse no peito a ideia de que defraudara e abandonara uma criança, parecia-lhe algo insuportável.

– É claro, haveremos de encontrá-la, sem dúvida – afirmou num tom animado.

– Temos de começar de imediato. Não devemos perder tempo. Tem alguma sugestão, alguma ideia? – perguntou Carrisford, nervoso e ansioso.

O Sr. Carmichael, também bastante agitado, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro com um ar pensativo, duvidoso.

– Bom, talvez... Não sei se valerá de muito... A verdade é que na viagem de comboio desde Dover vim a pensar numa coisa.

– No quê? Se a criança estiver viva, há de estar algures.

– Sim, em algum lado ela estará. Já procurámos em todas as escolas de Paris. Deixemos Paris de lado e recomecemos em Londres. É essa a minha ideia, procurá--la em Londres.

– Escolas não faltam em Londres – comentou o Sr. Carrisford, sobressaltando-se um pouco, acometido por uma lembrança. – Há uma mesmo aqui ao lado, a propósito.

– Então, começaremos por aí. E não poderia ser mais perto do que a porta do lado.

– Nesse colégio há uma criança que despertou o meu interesse, mas não é aluna. É uma criatura muito morena e desamparada, que não podia ser mais diferente da Sara Crewe – contou Carrisford.

Talvez a Magia estivesse naquele momento a operar de novo os seus milagres. Tudo apontava para isso. O que teria levado Ram Dass a entrar na biblioteca, interrompendo o seu patrão, curvando-se respeitosamente mas com um entusiasmo que mal conseguia dissimular nos seus escuros e cintilantes olhos?

– Saíbe, está ali a criança, aquela de quem o saíbe se compadeceu. Veio trazer o macaco, que fugira de novo para as suas águas-furtadas. Pedi-lhe que não fosse já embora. Lembrei-me que talvez agradasse ao saíbe vê-la e falar com ela.

– Quem é ela? – indagou o Sr. Carmichael.

– Só Deus sabe. É precisamente a criança de que lhe estava a falar. Uma pequena lacaia do colégio – respondeu Carrisford, gesticulando para Ram Dass e dirigindo-se a ele: – Sim, gostaria de a conhecer. Vai chamá-la. – Virou-se então para o Sr. Carmichael. – Enquanto esteve ausente, a espera deixou-me desesperado. Os dias eram tão longos e sombrios. O Ram Dass contou-me as tribulações e angústias desta criança e em conjunto elaborámos um plano, digno de um conto de fadas, para a ajudar. Suponho que tenha sido uma coisa pueril, mas sempre me concedeu uma distração, algo em que pensar. É claro que, sem a ajuda de um ágil e destro oriental como o Ram Dass, não teria sido possível concretizar o plano.

Sara entrou então na biblioteca. Transportava o macaco nos braços, e ele obviamente não fazia tenções de se afastar dela, a menos que fosse obrigado. Ia agarrado a ela, tagarelando, todo satisfeito. A perspetiva de ir conhecer o cavalheiro indiano trouxera mais alguma cor às faces de Sara.

– O seu macaco fugiu. Foi bater à janela das minhas águas-furtadas na noite passada e eu deixei-o entrar porque estava muito frio. Tê-lo-ia trazido logo, não fosse já tão tarde. Sabia que o senhor se encontrava doente e podia não gostar de ser incomodado – explicou Sara, na sua bonita voz.

Os olhos encovados do cavalheiro indiano fitaram Sara com curiosidade e interesse.

– Foi muito atencioso da tua parte – disse ele.

Sara olhou de relance para Ram Dass, que ficara junto à porta.

– Quer que o entregue ao lascarim? – perguntou ela.

– Como sabes que é um lascarim? – indagou de volta o cavalheiro indiano, ensaiando um sorriso.

– Conheço os lascarins porque nasci na Índia – respondeu Sara, passando o relutante macaco para os braços de Ram Dass.

O cavalheiro indiano desencostou-se do cadeirão tão subitamente e com uma mudança tão drástica de expressão, que, por um momento, Sara se sobressaltou.

– Nasceste na Índia? Chega aqui ao pé de mim. – E estendeu a mão.

Sara aproximou-se e colocou a sua mão na dele, como lhe pareceu ser seu desejo. Manteve-se imóvel, olhando-o com o mesmo interesse com que ele a fitara. Alguma coisa parecia perturbá-lo.

– Vives aqui ao lado? – inquiriu ele.

– Sim, vivo no colégio de Miss Minchin.

– Mas não és uma das suas alunas?

Um estranho sorriso pairou sobre os lábios de Sara. Hesitou um momento.

– Acho que não sei ao certo o que sou – respondeu.

– Porquê?

– De início, fui uma aluna, mas agora...

– Foste uma aluna? E o que és agora?

O estranho sorriso triste regressou aos lábios de Sara.

– Durmo nas águas-furtadas, ao lado da criada da copa. Faço recados para a cozinheira, faço tudo o que ela me manda, e ensino as lições às mais pequenas – explicou ela.

– Faça você as perguntas, Carmichael. Faça-me esse obséquio. Eu não sou capaz – disse o Sr. Carrisford, afundando-se no cadeirão como se todas as suas forças o tivessem abandonado.

O corpulento e amável pai da Família Grande sabia como colocar perguntas a crianças. Sara apercebeu-se disso quando ele se lhe dirigiu na sua voz gentil e encorajadora.

– O que queres dizer com «de início», minha querida? – perguntou ele.

– Quando fui trazida para cá pelo meu papá.

– E onde está o teu papá?

– Morreu. Perdeu todo o seu dinheiro e não sobrou nada. Não havia ninguém para cuidar de mim ou para pagar a Miss Minchin – disse Sara, numa voz meio sumida.

– Carmichael! – gritou o cavalheiro indiano.

– Não devemos assustá-la – aconselhou o Sr. Carmichael, sussurrando num ápice e o mais discretamente possível para o cavalheiro indiano. A seguir, voltou a dirigir-se a Sara, em voz alta: – Então, foste mandada para as águas-furtadas e fizeram de ti uma criada para todo o serviço. Foi isso, não foi?

– Não tinha nenhum familiar que tomasse conta de mim, nem dinheiro. Não pertencia a ninguém...

– Como é que o teu pai perdeu o dinheiro? – interrompeu-a o cavalheiro indiano, com a voz embargada.

– Não foi ele que o perdeu – respondeu Sara, cada vez mais intrigada. – O meu papá tinha um amigo do qual gostava *muito*. Foi o amigo dele que lhe ficou com o dinheiro. O meu papá confiou demasiado no amigo.

O cavalheiro indiano disse, quase sem fôlego:

– A intenção do amigo talvez não fosse prejudicar ninguém. Talvez o sucedido se tenha ficado a dever a um mal-entendido.

Ao responder, Sara não imaginava o quanto a sua voz jovem e tranquila soava implacável. Se soubesse, sem dúvida que a teria suavizado em prol do cavalheiro indiano.

– O sofrimento do meu papá não foi menor por isso. Foi a morte dele.

– Como se chamava o teu pai? Diz-me – pediu o Sr. Carrisford.

– O seu nome era Ralph Crewe. Capitão Crewe. Morreu na Índia – disse Sara, um pouco sobressaltada.

O rosto fatigado e macilento do cavalheiro indiano contraiu-se e Ram Dass correu para junto do seu patrão.

– Carmichael, é a criança, é ela! – declarou o inválido, respirando com grande dificuldade.

Por um momento, Sara achou que ele ia morrer. Ram Dass juntou umas gotas de um frasco a um copo de água e levou-lho aos lábios. Junto ao cavalheiro indiano, Sara tremia um pouco. Olhou desorientada para o Sr. Carmichael.

– Que criança é que eu sou? – perguntou-lhe, gaguejando.

– O senhor Carrisford era o amigo do teu pai. Não fiques alarmada. Há dois anos que te procuramos.

Sara levou a mão à testa e deixou pender o queixo. Parecia que estava no meio de um sonho.

– E durante todo esse tempo eu estava em casa da Miss Minchin. Mesmo do outro lado da parede – disse ela, num sussurro.

18

«TENTEI SER UMA PRINCESA»

Foi a bonita e carinhosa Sra. Carmichael quem explicou tudo. Mandaram-na chamar de imediato e atravessou a praça para tomar Sara nos seus braços e para a elucidar acerca de tudo o que tinha acontecido. A emoção da descoberta, totalmente inesperada, fora avassaladora para o Sr. Carrisford, no estado em que se encontrava.

– A minha vontade era não a perder de vista, Carmichael, palavra de honra – disse ele, a meia-voz, quando lhe foi sugerido que a menina abandonasse a biblioteca.

– Eu tomo conta dela até a mamã chegar – sugeriu Janet de imediato, e foi ela quem a conduziu a outra divisão. – Estamos tão contentes por te termos encontrado. Não imaginas como estamos felizes – disse ela a Sara.

De mãos afundadas nas algibeiras, Donald contemplava Sara com uma expressão de ponderação e autorrecriminação.

– Se tivesse perguntado o teu nome quando te dei a moeda, tu ter-me-ias dito que te chamavas Sara Crewe e terias sido encontrada num instantinho – fez ele notar.

A Sra. Carmichael chegou então. Vinha com um ar muito comovido e, de repente, abraçou Sara e beijou-a.

– Estás com um ar atónito, pobre criança. E não é de admirar – comentou ela.

Sara só tinha um pensamento.

– É ele... – começou, olhando de relance para a porta fechada da biblioteca. – É ele o amigo malvado que levou o meu pai à ruína? Oh, por favor, diga-me!

Chorando, a Sra. Carmichael beijou-a de novo. Achava que a menina devia ser beijada muitas vezes, uma vez que não recebia carinhos há tanto tempo.

– Ele não foi malvado, querida. E nem perdeu realmente o dinheiro do teu papá. Apenas achou que o perdera, e como gostava muito dele, a dor e o desgosto fizeram-no ficar tão doente que, durante algum tempo, não esteve no seu juízo perfeito. A vida dele correu perigo e muito antes de começar a recuperar já o teu papá tinha morrido.

– E ele não sabia onde encontrar-me. E eu estava tão perto – murmurou Sara. Não conseguia esquecer a ironia de estar mesmo ali ao lado.

– O senhor Carrisford acreditava que estavas numa escola em França, e foi continuamente desviado do bom caminho por pistas falsas. Procurou-te por todo o lado. Quando te viu passar, com um semblante tão triste e desamparado, não sonhava que fosses a filha do seu amigo, mas, por seres uma menina como ela, quis

ajudar-te e fazer-te feliz. Assim, disse ao Ram Dass que entrasse pela janela do teu quarto e tentasse torná-lo confortável – explicou a Sra. Carmichael.

O coração de Sara encheu-se de alegria; a sua fisionomia mudou por completo.

– Foi o Ram Dass quem levou aquelas coisas? Foi o senhor Carrisford que disse ao Ram Dass para o fazer? Foi ele quem tornou o sonho realidade? – gritou Sara.

– Sim, minha querida, foi ele! Como vês, é um homem bom e gentil, e apiedou-se de ti em nome da querida Sara Crewe que procurava.

A porta da biblioteca abriu-se e o Sr. Carmichael assomou-se, chamando Sara com um gesto.

– O senhor Carrisford já está melhor. Podes entrar – disse ele.

Sara não hesitou. Quando o cavalheiro indiano olhou para ela, viu o seu rosto iluminado.

Sara foi colocar-se frente ao cadeirão, com as mãos entrelaçadas sobre o peito.

– Foi o senhor que me enviou aquelas coisas tão belas! Foi o senhor! – exclamou ela, numa voz ao mesmo tempo alegre e emocionada.

– Sim, minha querida, fui eu – respondeu o Sr. Carrisford. Apesar de fraco e doente, fitou-a com o mesmo olhar que Sara se lembrava de ver nos olhos do pai, aquele olhar que queria dizer que a amava e que a queria abraçar. Ajoelhou-se então junto dele, como costumava ajoelhar-se ao pé do pai no tempo em que se adoravam e eram os melhores amigos do mundo.

– Então, é o senhor o meu amigo! – declarou ela, e, pegando-lhe na mão descarnada, beijou-lha uma e outra vez.

– Daqui a três semanas já estará como novo. Repara na cara dele – comentou o Sr. Carmichael com a esposa.

Já não parecia, de facto, o mesmo. A «senhorinha» já estava junto dele e havia coisas em que pensar e planos a fazer. Em primeiro lugar, era preciso tratar da questão de Miss Minchin. Urgia informá-la da alteração que ocorrera na vida da sua antiga aluna.

Sara não regressaria ao colégio. O cavalheiro indiano mostrou-se inflexível nesse ponto. Permaneceria ali e o Sr. Carmichael trataria de ir falar com Miss Minchin.

– Fico contente por não ter de voltar lá. Ela vai ficar muito zangada. Não gosta de mim, embora talvez a culpa seja minha, pois também não gosto dela.

Contudo, curiosamente, o Sr. Carmichael nem teve de se deslocar ao colégio, já que Miss Minchin se apresentou à porta do cavalheiro indiano em busca da sua criada. Precisara de Sara por algum motivo e, depois de perguntar por ela, escutara uma coisa extraordinária. Uma das criadas vira-a subir as escadas de serviço com qualquer coisa escondida sob o casaco e depois bater à porta da casa do lado e entrar.

– Mas que despautério foi este? – gritara Miss Minchin para Miss Amelia.

– Não faço ideia, mana. A não ser que ela tenha travado amizade com o cavalheiro que lá reside, uma vez que ele viveu na Índia – respondera Miss Amelia.

– É mesmo típico dela impor a sua presença e insinuar-se nas boas graças das pessoas de uma forma insolente. Há umas boas duas horas que está para lá. Não permitirei semelhante atrevimento. Vou pessoalmente ver do que se trata e pedir desculpas pela intromissão – reclamou Miss Minchin.

Sara estava sentada num escabelo, junto ao joelho do Sr. Carrisford, escutando algumas das inúmeras coisas que ele achava imprescindível explicar-lhe, quando Ram Dass anunciou a visitante.

Sara levantou-se involuntariamente e empalideceu, mas o Sr. Carrisford reparou que ela estava calma e não evidenciava sinais de ser uma criança nervosa ou de estar muito assustada.

Miss Minchin entrou na biblioteca com o seu habitual ar severo, pomposo e demasiado formal, até no vestir.

– Lamento muito incomodá-lo, senhor Carrisford, mas creio que lhe devo uma explicação. O meu nome é Miss Minchin e sou a diretora do colégio para meninas, aqui na porta ao lado.

O cavalheiro indiano olhou para ela por um momento, examinando-a em silêncio. Era um homem impulsivo e colérico por natureza, e não queria que o seu temperamento levasse a melhor.

– Então, a senhora é que é Miss Minchin? – disse ele.

– Em pessoa, meu caro senhor.

– Nesse caso, chegou mesma na altura certa. O meu advogado, o senhor Carmichael, preparava-se para ir falar consigo – respondeu o cavalheiro indiano.

O Sr. Carmichael fez uma ligeira vénia e Miss Minchin desviou o olhar dele para o Sr. Carrisford, perplexa.

– O seu advogado? Não compreendo. Foi uma questão de dever que aqui me trouxe. Acabei de descobrir que uma das minhas alunas, uma aluna que educo por caridade, teve o atrevimento de o vir incomodar, introduzindo-se na sua casa sem ser convidada. Vim explicar ao senhor que tal ocorreu sem o meu conhecimento. – Miss Minchin virou-se então para Sara: – Já para casa! Serás severamente castigada. Vamos, para casa! – ordenou, num tom cruel.

O cavalheiro indiano puxou Sara para junto de si e deu-lhe uma palmadinha na mão.

– Ela não vai.

Miss Minchin achou que não tinha ouvido bem.

– Não vai? – repetiu.

– Não, não vai para casa, se é que o seu estabelecimento se poderá apelidar de casa. A casa dela, daqui para a frente, será aqui, comigo – afirmou o Sr. Carrisford.

Miss Minchin deu um passo atrás, atónita e indignada.

– *Consigo*! *Consigo*? Que quer isto dizer?

– Tenha a gentileza de explicar, Carmichael, e seja o mais breve possível – pediu o cavalheiro indiano. E, fazendo Sara sentar-se de novo, pegou-lhe nas mãos, um hábito que o seu papá também tinha.

Então, o Sr. Carmichael procedeu às explicações, no tom calmo, seguro e pausado de um homem que está por dentro do assunto e de todos os seus aspetos legais, algo que Miss Minchin compreendia enquanto mulher de negócios e não apreciava.

– O senhor Carrisford, cara senhora, era amigo íntimo do falecido capitão Crewe. Foi seu sócio em alguns investimentos avultados. A fortuna que o capitão Crewe julgava ter perdido foi recuperada e encontra-se agora nas mãos do senhor Carrisford.

– A fortuna! A fortuna da Sara! – exclamou Miss Minchin, empalidecendo.

– Sim, *será* a fortuna da Sara. Na verdade, *já* o é. Determinados acontecimentos fizeram-na aumentar bastante. As minas de diamantes prosperaram – explicou o Sr. Carmichael, num tom frio.

– As minas de diamantes! – disse Miss Minchin, respirando com dificuldade. A ser verdade, jamais algo de tão terrível lhe sucedera desde que nascera, acreditava ela.

– As minas de diamantes – repetiu o Sr. Carmichael, e não pôde deixar de acrescentar, com um sorriso matreiro e pouco próprio de um advogado: – Poucas princesas são mais ricas do que a sua aluna Sara Crewe, que a senhora ensina por caridade, virá a ser, Miss Minchin. Há dois anos que o senhor Carrisford a procurava; encontrou-a por fim e não se separará dela.

Depois disto, pediu a Miss Minchin que se sentasse enquanto lhe explicava o assunto em pormenor, não se poupando a esforços para deixar bem claro que o futuro de Sara estava assegurado e que o que parecera perdido lhe seria devolvido multiplicado por dez; para além disso, Sara tinha no Sr. Carrisford um tutor, bem como um amigo.

Miss Minchin não era uma mulher inteligente, e no seu desespero cometeu o erro de fazer um esforço obstinado para reconquistar o que perdera devido à sua ganância.

– Ele encontrou-a sob o meu cuidado. Eu fiz tudo por ela. Se não fosse eu, ela teria morrido de fome na rua – protestou.

O cavalheiro indiano perdeu a paciência.

– Quanto a morrer de fome na rua, minha senhora, talvez o tivesse feito aí com mais conforto do que nas suas águas-furtadas – disse ele.

– O capitão Crewe confiou-ma, e é comigo que ela deverá continuar até ser maior de idade. Poderá voltar a ser uma das alunas. A Sara tem de terminar os seus

estudos. A lei intervirá a meu favor – alegou Miss Minchin.

– Ora, ora, Miss Minchin, a lei não fará semelhante coisa. Se for desejo da Sara regressar para o seu colégio, atrevo-me a dizer que o senhor Carrisford não se oporá, mas isso é decisão da Sara – interpôs o Sr. Carmichael.

– Nesse caso, apelo à Sara. Talvez não te tenha estragado com mimos, mas bem sabes como o teu papá estava satisfeito com os teus progressos. Para além disso... eu... sempre gostei muito de ti – disse Miss Minchin, meio acanhada, à sua antiga aluna.

Os olhos cinza-esverdeados de Sara fixaram-se nela com aquele semblante calmo e penetrante que desagradava particularmente a Miss Minchin.

– Sempre gostou, Miss Minchin? Não dei por isso – disse Sara.

Miss Minchin corou e endireitou-se.

– Devias ter dado. Mas é natural, as crianças nunca sabem o que é melhor para elas. Eu e a Amelia sempre dissemos que eras a criança mais inteligente da escola. Porque não cumpres o dever que tens para com o teu papá e vens para casa comigo?

Sara deu um passo na direção dela. Pensava no dia em que lhe fora dito que não tinha ninguém e que corria o risco de ser mandada para a rua; pensava nas horas de frio e fome que passara sozinha com Emily e *Melquisedec* no sótão. Olhou Miss Minchin nos olhos sem hesitar.

– Sabe bem por que motivo não irei para casa consigo, Miss Minchin. Sabe muito bem – declarou.

O rosto irado e severo de Miss Minchin ruborizou-se.

– Nunca mais voltarás a ver as tuas companheiras. Assegurar-me-ei de que a Ermengarde e a Lottie sejam afastadas...

O Sr. Carmichael interrompeu-a com firmeza, mas educadamente.

– Desculpe, mas a Sara verá quem muito bem entender. Estou certo de que os pais das companheiras de Miss Crewe não irão recusar os seus convites para a visitarem em casa do seu tutor. O senhor Carrisford encarregar-se-á disso.

É preciso que se diga que até Miss Minchin titubeou. Semelhante cenário era pior do que o do excêntrico tio solteirão que podia ser temperamental e ofender-se com o tratamento dado à sua sobrinha. Não era difícil de acreditar que a maioria dos pais não impediria as suas filhas de conviver com a pequena herdeira de uma mina de diamantes. Para além disso, se o Sr. Carrisford decidisse revelar-lhes o tratamento que Sara Crewe recebera, muitas coisas desagradáveis poderiam acontecer.

– Não assumiu um encargo fácil, como em breve descobrirá. Esta criança não é de confiança nem agradecida – disse Miss Minchin ao cavalheiro indiano, ao mesmo tempo que se preparava para ir embora. Depois, virando-se para Sara, acrescentou ainda: – Não me enganarei ao afirmar que agora sentes que és de novo uma princesa.

Sara baixou os olhos e corou um pouco, pois achava que os estranhos talvez

tivessem dificuldade, a princípio, em entender o seu faz-de-conta preferido.

– Eu... *tentei* não ser outra coisa... Mesmo nos dias em que passei mais frio e fome, tentei ser uma princesa – respondeu, em voz baixa.

– Agora não precisarás mais de tentar – rematou Miss Minchin, num tom azedo, ao mesmo tempo que Ram Dass a acompanhava à porta.

Regressou a casa e, fechando-se na sua sala de estar privativa, mandou de imediato chamar Miss Amelia. Ficaram ali trancadas o resto da tarde e a pobre Miss Amelia passou por um mau bocado, durante o qual derramou muitas lágrimas amargas. Um dos seus infelizes comentários quase fez a irmã perder por completo as estribeiras, mas teve um desenlace inesperado.

– Não sou tão inteligente quanto a mana e refreio-me sempre de dizer o que penso com receio de a encolerizar. Se não fosse tão receosa, talvez isso acabasse por ser melhor para o colégio e para nós as duas. Devo dizer que muitas vezes pensei que seria preferível não ter sido tão severa com a Sara Crewe e ter-se assegurado de que ela tinha uma vida condigna. Sei que a obrigou a trabalhar demais para uma criança da sua idade, e sei que foi mal alimentada...

– Como se atreve a afirmar semelhante coisa?! – exclamou Miss Minchin.

Com uma espécie de ousadia temerária, Miss Amelia respondeu:

– Não sei como me atrevo, mas, já que comecei, mais vale ir até ao fim, sejam quais forem as consequências. A criança era uma menina inteligente e de bom coração, e ter-lhe-ia retribuído qualquer amabilidade que tivesse tido com ela, mas a mana não lhe estendeu nem uma. A verdade é que ela era demasiado inteligente para si e a mana nunca gostou dela por essa razão. Ela conseguia ver-nos às duas à transparência...

– Amelia! – gritou a furiosa irmã mais velha, irada a ponto de a esbofetear e lhe entortar a touca, como muitas vezes fizera a Becky.

Porém, o desapontamento de Miss Amelia deixara-a suficientemente histérica para já não se importar com o que sucedia a seguir.

– É verdade! É verdade. A Sara percebeu que a mana era uma mulher impiedosa e interesseira, que eu era uma pateta e uma fraca, e que ambas éramos grosseiras e mesquinhas o bastante para nos humilharmos pelo seu dinheiro e a tratarmos mal quando esse dinheiro lhe foi tirado, ao passo que ela se comportou como uma princesinha mesmo quando era uma mendiga. Sim, é verdade, comportou-se como uma princesinha! – gritou Miss Amelia. Os nervos acabaram por lhe levar a melhor e a pobre começou a rir e a chorar ao mesmo tempo e, balançando-se para a frente e para trás na cadeira perante o olhar horrorizado de Miss Minchin. – E agora perdemo-la e uma outra escola ficará com ela e com o dinheiro dela. E se ela fosse como muitas outras crianças, contaria como aqui foi tratada e todas as restantes

alunas nos seriam tiradas. Seria a nossa ruína. E seria bem feita para nós, mas mais ainda para si, Maria Minchin, do que para mim, porque a mana é uma mulher cruel, egoísta e interesseira!

E fazia tanto barulho com os seus gritos e soluços histéricos, que a irmã se viu obrigada a dar-lhe sais de cheiro para a acalmar, em lugar de descarregar nela a sua indignação perante semelhante audácia.

A partir desse momento, Miss Minchin começou a recear um pouco mais a irmã, que, embora parecesse palerma, não era evidentemente tão tola quanto parecia, podendo, em resultado, dizer algumas verdades que as pessoas não queriam ouvir.

Naquela noite, estando as alunas reunidas frente à lareira da sala de aulas, como era seu costume antes de se irem deitar, Ermengarde entrou com uma carta na mão e uma estranha expressão no seu rechonchudo rosto. Estranha porque misturava ao mesmo tempo alegria e espanto, devido ao choque que representara.

– Que se passa? – perguntaram duas ou três vozes ao mesmo tempo.

– Tem alguma coisa que ver com o que se passou esta tarde? – quis saber Lavinia, cheia de curiosidade. – Houve uma tremenda discussão na sala de estar de Miss Minchin, e parece que Miss Amelia teve uma espécie de ataque de nervos e ficou de cama.

Ermengarde respondeu-lhes lentamente, como se estivesse atordoada.

– Acabei de receber esta carta da Sara – disse ela, segurando a folha aberta para que vissem como era longa.

– Da Sara!? – exclamaram todas em uníssono.

– Onde está ela? – quase guinchou Jessie.

– Na casa do lado, com o cavalheiro indiano – respondeu Ermengarde.

– Onde? Foi posta na rua? Miss Minchin já sabe? A discussão seria por causa disso? Porque é que ela escreveu? Conta-nos! Conta-nos!

A confusão estava instalada e Lottie largou a chorar lamentosamente.

Mais uma vez, Ermengarde respondeu sem pressa, centrando-se no que lhe pareceu a novidade mais importante e que explicaria tudo.

– Sempre havia minas de diamantes! As minas existiam! – exclamou ela, num tom resoluto.

Queixos caídos e olhos arregalados foi aquilo com que se deparou nos rostos das suas companheiras.

– Eram verdadeiras! Durante um tempo houve uns problemas e o senhor Carrisford achou que estava tudo perdido...

– Quem é o senhor Carrisford? – indagou Jessie.

– O cavalheiro indiano. O capitão Crewe acreditou que estava arruinado e o desgosto matou-o. O senhor Carrisford adoeceu gravemente e quase morreu. Quando melhorou, quis encontrar a Sara, e há anos que a procurava. Entretanto, foram

descobertos milhões e milhões de diamantes nas minas e metade deles pertencem à Sara; e já lhe pertenciam quando ela vivia nas águas-furtadas e só tinha o *Melquisedec* por amigo. O senhor Carrisford encontrou-a esta tarde. Está em casa dele neste momento e não voltará para aqui, e agora vai ser uma princesa, cem vezes, cinquenta mil vezes mais do que alguma vez foi. E eu vou visitá-la amanhã à tarde. Pronto!

Nem Miss Minchin teria sido capaz de controlar a agitação que se seguiu, e embora tenha dado conta do barulho, nem tentou interferir. Não tinha disposição para enfrentar tudo aquilo; já lhe bastava o choro desconsolado de Miss Amelia, prostrada na cama. Sabia que a notícia atravessara as paredes de alguma forma misteriosa e que toda a criadagem e todas as alunas estariam a comentar a grande novidade.

Assim, até quase à meia-noite, todo o colégio, sabendo que as regras tinham sido postas de lado, rodeou Ermengarde na sala de aulas e ouviu-a ler e reler a carta contendo essa história que era tão maravilhosa quanto qualquer uma que a própria Sara tivesse inventado, e que, por um incrível sortilégio, sucedera a Sara e ao místico cavalheiro indiano que vivia na casa mesmo ao lado.

Becky, também ao corrente do sucedido, conseguiu subir ao sótão mais cedo do que o costume. Queria afastar-se de toda a gente e ir espreitar o quarto mágico mais uma vez. Não fazia ideia do que lhe iria acontecer. Não era provável que ficasse à disposição de Miss Minchin. Iria desaparecer, e as águas-furtadas voltariam a ficar vazias e despidas. Por mais feliz que estivesse por Sara, subiu o último lanço de escadas com um nó na garganta e lágrimas nos olhos. Não haveria lume naquela noite, nem candeeiro cor-de-rosa; não haveria ceia, nem princesa sentada frente ao lume a ler ou a contar histórias!

Engoliu um soluço ao mesmo tempo que abria a porta do quarto e depois desatou a chorar baixinho.

O candeeiro cor-de-rosa iluminava o quarto, o lume estava aceso, a ceia esperava-a e, no meio do quarto, Ram Dass sorria para o seu rosto sobressaltado.

– A sua amiga não se esqueceu de si. Contou tudo ao saíbe. Quis que a menina soubesse também da grande felicidade que o destino lhe reservou. Tem ali uma carta que ela lhe escreveu, pois não queria que a menina fosse para a cama infeliz. O saíbe incumbiu-me também de lhe dizer que quer que vá a casa dele amanhã. Será a dama de companhia da menina Sara. Esta noite, levarei tudo isto de volta pelo telhado.

E tendo entregue a sua mensagem, com um radiante sorriso nos lábios, fez um pequeno salamaleque e esgueirou-se pela trapeira com uma agilidade e rapidez tais, que Becky percebeu finalmente como é que todas aquelas coisas ali tinham ido parar, como que por magia.

19

ANNE

Nunca uma tal alegria reinara no quarto de brincadeiras das crianças da Família Grande. Jamais haviam sonhado com um prazer tão grande como o que resultava da convivência íntima com a-menina-que-não-é-mendiga. Nunca tinham tido uma amiguinha que tivesse passado por tantas aventuras e infortúnios, e isso tornava-a um verdadeiro tesouro. Todos queriam escutar uma e outra vez as suas desventuras. Sentados frente a uma lareira num quarto grande e confortável, Sara descreveu-lhes o quanto umas águas-furtadas podiam ser frias, despidas e tristes, mas tudo isto perdeu significado quando ouviram a história de *Melquisedec* e dos pardais e de tudo o que se podia avistar dos telhados da cidade, bastando para tal trepar a uma mesa e enfiar a cabeça e os ombros por uma trapeira.

É claro que a história mais apreciada foi a do banquete e a do sonho tornado realidade. Sara contou-a pela primeira vez no dia a seguir a ter sido encontrada. Vários membros da Família Grande tinham ido lanchar na sua companhia, e com eles sentados no tapete frente à lareira, Sara relatou a história à sua maneira e o cavalheiro indiano escutou-a, ao mesmo tempo que a observava. Depois de terminar, Sara olhou para ele e pousou a mão no seu joelho.

– Este é o meu lado da história. Porque não nos conta o seu lado, tio Tom? – O cavalheiro indiano pedira-lhe que o tratasse por «tio Tom». – Ainda não conheço o seu lado da história, e estou certa de que é muito bonito.

O Sr. Carrisford contou-lhes então que, estando sozinho, doente e entediado, Ram Dass tentara distraí-lo descrevendo os transeuntes, e havia uma criança que passava ali frente à janela mais vezes do que qualquer outra pessoa. O seu interesse por ela começara então a desenvolver-se, em parte porque não parava de pensar numa outra menina, e, por outro lado, porque Ram Dass lhe relatara a visita que fizera às águas-furtadas da casa do lado para recuperar o macaco que fugira. Descrevera o ar triste da menina e o seu porte e atitude, nada condizente com o de uma criada. Aos poucos, Ram Dass fora fazendo mais descobertas acerca da vida de miséria da menina das águas-furtadas e, perante a simplicidade de atravessar o telhado até à janela dela, ocorrera-lhe uma ideia.

– Saíbe, eu podia esgueirar-me até lá quando ela não estivesse e acender o lume. Quando ela regressasse, molhada e gelada, encontrá-lo-ia a arder e pensaria que tinha sido obra de um mágico.

A ideia parecera tão fantástica ao Sr. Carrisford que o seu rosto sorumbático se iluminara com um sorriso. Feliz por isso, Ram Dass desenvolvera melhor a sua ideia, explicando ao patrão, com um prazer quase pueril, que seria muito simples fazer muito mais do que apenas acender o lume. Os preparativos para a prossecução do plano tinham preenchido e animado muitos dias que, de outra forma, se teriam arrastado penosamente. Na noite do fracassado banquete, Ram Dass mantivera-se de vigia, tudo pronto nas suas próprias águas-furtadas para ser transportado pelo telhado. A pessoa que o iria auxiliar esperava com ele, igualmente encantada com aquela invulgar aventura. Ram Dass estava deitado sobre as telhas de ardósia, à espreita na janela, quando o banquete chegara ao seu desastroso final. Depois de se assegurar de que Sara dormia a sono solto, introduzira-se no quarto munido de uma pequena lanterna enquanto o seu cúmplice permanecia do lado de fora e lhe passava as coisas. Uma ocasião em que Sara se mexera, Ram Dass apagara num ápice a lanterna e deitara-se de barriga para baixo no chão. As crianças ficaram a saber estas e muitas outras coisas emocionantes, fazendo um ror de perguntas intermináveis.

– Fico tão feliz que o meu amigo fosse o tio Tom! – declarou Sara.

Nunca existiram dois amigos como os que eles os dois se tornaram. De alguma forma, pareciam completar-se um ao outro. O cavalheiro indiano nunca na vida tivera uma companhia que apreciasse tanto como a de Sara. No espaço de um mês, como o Sr. Carmichael profetizara, transformara-se num novo homem. Estava sempre divertido e interessava-se por tudo, e começou a retirar um verdadeiro prazer da riqueza que imaginara vir a detestar e a encarar como um fardo. Havia tanta coisa para planear em prol de Sara. Entre os dois, brincavam que ele era um mágico e que um dos seus prazeres era inventar coisas para a surpreender. Sara encontrava flores magníficas e exóticas a crescer no seu quarto, pequenos presentes excêntricos escondidos debaixo de almofadas e, certa vez, ao serão, escutaram qualquer coisa esgravatar a porta da biblioteca; quando Sara foi ver do que se tratava, deparou-se com um enorme cão, um esplêndido *boarhound* russo, com uma magnífica coleira de ouro e prata onde se lia a seguinte inscrição: «Sou o Boris e estou ao serviço da princesa Sara.»

O cavalheiro indiano não esquecia a imagem da sua princesinha vestida de farrapos. As tardes que as crianças da Família Grande, ou Ermengarde e Lottie, passavam na companhia de Sara eram sempre muito divertidas; contudo, os melhores momentos eram aquelas horas que Sara e o cavalheiro indiano passavam sozinhos, a ler ou a conversar. Muitas coisas interessantes ocorriam nessas ocasiões.

Certo serão, o Sr. Carrisford, levantando os olhos do livro que estava a ler, reparou que a sua amiga estava há algum tempo muito quieta a contemplar o lume.

– Que estás a imaginar, Sara? – perguntou, então.

Sara girou a cabeça com um brilho no olhar.

– Estava a recordar aquele dia em que tive tanta fome, e a menina que conheci nessa ocasião.

– Foram tantos os dias em que tiveste fome... A que dia te referes? – perguntou o cavalheiro indiano, num tom muito triste.

– Esqueci-me de que o tio não sabe. Foi no dia em que o sonho se tornou realidade – explicou Sara.

Contou-lhe então como nesse dia encontrara uma moeda de quatro dinheiros na sarjeta enlameada e decidira comprar pãezinhos doces numa padaria, deparando-se com uma criança ainda mais esfomeada do que ela. Contou o sucedido de uma forma bastante simples e em poucas palavras, mas o cavalheiro indiano, ainda assim, teve de tapar os olhos com a mão e cravá-los no tapete.

– E estava aqui a imaginar uma espécie de plano. Gostaria de fazer alguma coisa por essa criança – afirmou Sara, quando terminou de contar a história.

– E o quê? Poderás fazer tudo o que quiseres, princesa! – disse o Sr. Carrisford, em voz baixa.

– Estava a pensar... – hesitou Sara. – O tio diz que eu tenho muito dinheiro e... estava a pensar em ir falar com a senhora da padaria e pedir-lhe que, sempre que visse crianças com fome sentadas à porta da padaria ou a olhar pela montra, em especial naqueles dias em que o tempo está muito mau, as mandasse entrar e lhes desse alguma coisa para comer. No final, podia enviar-me a conta. Seria possível fazer isto, tio Tom?

– Tratarás desse assunto já amanhã – declarou o cavalheiro indiano, numa voz decidida.

– Obrigada, tio. Eu sei o que é ter fome, e é muito difícil quando nem sequer conseguimos fazer de conta que temos a barriga cheia.

– Sim, minha querida, com certeza que deve ser. Tenta não pensar nisso. Vem sentar-te neste escabelo junto a mim, e pensa apenas que és uma princesa.

– Sim, e posso distribuir pão pelos mais pobres – disse Sara, sorrindo. Foi então sentar-se no escabelo e o cavalheiro indiano (por vezes, também gostava que ela o tratasse dessa forma) deitou-lhe a cabeça no joelho e acariciou-lhe os cabelos negros.

Na manhã seguinte, ao assomar-se à janela, Miss Minchin deparou-se com um cena que muito a desagradou. A carruagem do cavalheiro indiano, com os seus elegantes cavalos, estava parada frente à casa do lado, e o Sr. Carrisford, na companhia de uma pequena figura confortavelmente envolta em peles, descia os degraus para entrar nela. A pequena figura era-lhe familiar e recordou Miss Minchin de um passado não muito distante. Atrás dela vinha uma outra figura, que ela conhecia igualmente, mas cuja visão lhe provocou uma imensa irritação. Era Becky que, no papel de dama de companhia, seguia a sua jovem patroa até à carruagem,

segurando uma manta e outros pertences. Becky exibia um ar feliz e faces redondas e rosadas.

Pouco tempo depois, a carruagem deteve-se frente à padaria e os seus ocupantes desceram dela, por coincidência ao mesmo tempo que a padeira colocava um tabuleiro de pãezinhos doces acabados de fazer na montra.

Quando Sara entrou na loja, a mulher virou-se e foi colocar-se atrás do balcão. Por um momento, fitou Sara com os olhos semicerrados e depois o seu rosto bonacheirão iluminou-se.

– Tenho a certeza de que me recordo de si, *miss*, no entanto... – explicou ela.

– Sim, a senhora uma vez deu-me seis pãezinhos por quatro dinheiros e...

– E a menina deu cinco deles a uma mendiga. Nunca mais me esqueci disso – interrompeu-a a padeira. A seguir, virou-se para o cavalheiro indiano. – Peço desculpa, caro senhor, mas a verdade é que não é costume encontrar-se uma criança que se aperceba e apiede assim do sofrimento alheio, e isso nunca mais me saiu da cabeça. Perdoe o meu atrevimento, *miss* –, disse então a Sara –, mas a menina está com um ar mais rosado e... bom, melhor do que naquele...

– Estou melhor, de facto, obrigada. E muito mais feliz. Vinha pedir-lhe que fizesse uma coisa por mim.

– Eu, *miss*? Oh, ora essa! Com certeza, *miss*. Que posso eu fazer por si? – disponibilizou-se a padeira, sorrindo de orelha a orelha.

Inclinando-se sobre o balcão, Sara explicou então a sua ideia para mitigar a fome às crianças vagabundas e esfomeadas.

A mulher observou-a e escutou-a com um ar espantado.

– Oh, com certeza, será para mim um prazer, *miss*. Sou uma mulher trabalhadora e atarefada e não consigo fazer muito sozinha; e a verdade é que por todo o lado só vemos miséria, mas posso afirmar-lhe, *miss*, e perdoe a minha imodéstia, que desde essa tarde fria e chuvosa distribuí muito pão a pensar em si e no quanto a menina devia estar gelada e esfomeada, mas, ainda assim, abdicou dos seus pãezinhos quentes como se fosse uma princesa.

O cavalheiro indiano não pôde deixar de sorrir ao escutar aquilo, e Sara sorriu também, recordando o que dissera para si mesma quando colocara os pãezinhos no colo da andrajosa criança.

– Ela tinha um ar tão desgraçado... Tinha ainda mais fome do que eu – relatou ela.

– Estava a morrer de fome. Desde então, muitas vezes me falou disso e de como, sentada ali no degrau, encharcada e sem forças, sentia como se tivesse um lobo dentro do estômago – confirmou a padeira.

– Oh, então voltou a vê-la desde então? Sabe onde ela se encontra? – perguntou Sara, ansiosamente.

– Sei, sim, *miss*, está ali na sala das traseiras. Há um mês que veio para aqui.

Tornar-se-á uma bela rapariga, esforçada e trabalhadora. Nem imagina a ajuda que ela tem sido para mim na loja e na cozinha.

Dirigiu-se à porta da pequena sala das traseiras e regressou ao balcão na companhia de uma rapariga. Era a pequena mendiga, limpa e condignamente vestida e sem o menor indício de que passara fome. Tinha um ar envergonhado, mas um rosto bonito, tendo perdido aquele olhar meio selvagem. Reconheceu Sara num instante e pôs-se a olhar para ela com um ar de admiração.

– Naquele dia, disse-lhe que viesse ter comigo sempre que tivesse fome e, quando ela vinha, pedia-lhe para me fazer uma coisita ou outra. Ela não se furtava a ajudar-me e comecei a simpatizar muito com ela. Acabei por lhe dar um trabalho e um teto; e ela ajuda-me e é muito agradecida. O nome dela é Anne. Não tem outro.

As duas crianças contemplaram-se durante uns minutos. Depois, tirando a mão do regalo, Sara estendeu-a por cima do balcão e Anne tomou-a entre as suas e olharam-se nos olhos.

– Fico muito feliz, e acabei de ter outra ideia. Creio que a senhora Brown não se importará que sejas tu a distribuir o pão e os pãezinhos doces pelas crianças; e talvez tu até gostasses de o fazer, uma vez que também sabes o que é ter fome – propôs Sara.

– Sim, *miss* – respondeu a rapariga.

Apesar das suas parcas palavras, Sara percebeu que ela a compreendera. Despediram-se e Anne ficou a vê-la abandonar a loja com o cavalheiro indiano, entrar na carruagem e partir.

Índice

CAPA
Ficha Técnica
1 SARA
2 UMA LIÇÃO DE FRANCÊS
3 ERMENGARDE
4 LOTTIE
5 BECKY
6 AS MINAS DE DIAMANTES
7 DE NOVO AS MINAS DE DIAMANTES
8 NO SÓTÃO
9 MELQUISEDEC
10 O CAVALHEIRO INDIANO
11 RAM DASS
12 DO OUTRO LADO DA PAREDE
13 A MENDIGA
14 O QUE MELQUISEDEC OUVIU E VIU
15 A MAGIA
16 O VISITANTE
17 «É A CRIANÇA!»
18 «TENTEI SER UMA PRINCESA»
19 ANNE